

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

ANA PAULA ISTSCHUK

**ARTICULAÇÃO ENTRE VERBO-VISUALIDADE E LETRAMENTO CRÍTICO:
PRODUÇÃO DE SENTIDO NOS TEXTOS MOTIVADORES DAS PROPOSTAS DE
REDAÇÃO DO ENEM**

CURITIBA 2024

ANA PAULA ISTSCHUK

**ARTICULAÇÃO ENTRE VERBO-VISUALIDADE E LETRAMENTO CRÍTICO:
PRODUÇÃO DE SENTIDO NOS TEXTOS MOTIVADORES DAS PROPOSTAS DE
REDAÇÃO DO ENEM**

**Articulation between verb-visibility and critical literacy: production of
meaning in the motivating texts of enem writing proposals**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Estudos
de Linguagens da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Estudos de Linguagens – Área de
concentração: Linguagem e Tecnologia.
Orientadora: Prof^a Dra. Maria de Lourdes
Rossi Remenche.

CURITIBA

2024



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



ANA PAULA ISTSCHUK

**ARTICULAÇÃO ENTRE VERBO-VISUALIDADE E LETRAMENTO CRÍTICO: PRODUÇÃO DE SENTIDO NOS
TEXTOS MOTIVADORES DAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como
requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De
Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 20 de Fevereiro de 2024

Dra. Maria De Lourdes Rossi Remenche, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Ana Paula Pinheiro Da Silveira, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Rosivaldo Gomes, Doutorado - Universidade Federal do Amapá (Unifap)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 19/04/2024.

AGRADECIMENTOS

Reconheço que este trabalho representa não apenas a minha dedicação, mas também a colaboração e apoio de muitos. A jornada de pesquisa envolveu muitos desafios, agora transformados em crescimento e aprendizado.

Primeiramente, quero expressar minha admiração à orientadora, Prof^a Maria de Lourdes, cuja orientação sábia foi fundamental para a condução deste trabalho. Seus ensinamentos e dedicação contribuíram para o meu aprofundamento na área de estudo. Obrigada!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UTFPR), expresso meu apreço. Que as contribuições intelectuais e inspirações que tanto foram fundamentais para mim, continuem a reverberar na trajetória de todos os que têm a oportunidade de serem parte deste programa.

Às aulas enriquecedoras, às discussões, aos momentos de diálogo. Cada interação contribuiu para minha evolução acadêmica, pessoal e profissional.

Agradeço aos professores que generosamente aceitaram compor a banca examinadora deste trabalho, à Professora Ana Paula Pinheiro da Silveira e ao Professor Rosivaldo Gomes. Obrigada pela avaliação criteriosa e pelas sugestões que enriqueceram este trabalho

Agradeço também aos amigos e familiares que compreenderam a intensidade deste percurso e ofereceram seu apoio. Cada conquista alcançada é compartilhada com vocês.

Aos amigos e colegas de estudo, agradeço pelas trocas enriquecedoras, pela camaradagem que permeou cada etapa. O apoio mútuo e as experiências compartilhadas tornaram essa jornada não apenas acadêmica, mas também pessoalmente significativa.

Agradeço aos professores e pesquisadores que, mesmo indiretamente, influenciaram meu percurso acadêmico. Suas contribuições ao campo de estudo e suas obras foram fontes inspiradoras que enriqueceram minha compreensão do tema abordado.

À instituição acadêmica, seus recursos e ambiente propício à pesquisa, expresso meu reconhecimento.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, seja com sugestões, revisões críticas ou simples palavras de estímulo, meu agradecimento.

Cada contribuição, por menor que seja, teve um impacto positivo na qualidade desta pesquisa.

Ao me despedir deste capítulo, levo comigo as lições aprendidas, as conexões estabelecidas e a gratidão que permeia cada página desta dissertação.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral analisar, em uma perspectiva diacrônica, como a articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza o letramento crítico e possibilita a produção de sentidos. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: a) verificar como as relações dialógicas favorecem a produção dos sentidos; b) analisar como se organizam as linguagens verbo-visuais nos textos motivadores das redações do ENEM; c) Verificar de que forma a articulação da linguagem verbo-visual compõe os tons avaliativos/valorativos dos textos motivadores; d) analisar como o letramento crítico pode contribuir para a produção dos sentidos dos textos motivadores da Redação do ENEM. Para esta pesquisa, foram selecionados, a partir de uma perspectiva diacrônica, textos verbo-visuais da coletânea da prova de aplicação regular do ENEM dos últimos 10 (dez) anos (2013 a 2023). A pesquisa se desenvolveu na área da Linguística Aplicada (LA) compreendida como “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (Moita Lopes, 2006, p. 14) e adota uma abordagem qualitativo-interpretativista que permite ao pesquisador atentar-se para as particularidades dos contextos e das situações abordadas pela pesquisa, cultivando uma postura crítica, consciente, responsável pelas decisões e ações, Flick (2009). O arcabouço teórico-metodológico ancora-se na concepção dialógica da linguagem, elaborada pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin 2010; Volóchinov 2017); na verbo-visualidade, a partir dos estudos de Brait (2010), estudos dos letramentos (Soares, 2005; Kleiman, 2008; Street 2003) do letramento crítico a partir de Cassany e Castellà, 2010); Lankshear e MacLaren, 1993; Carbonieri, 2016 e Kalantzis & Cope e Pinheiro 2020, leitura e seus processos Leffa (1999), Kleiman (2004); entre outros. Para realização da pesquisa estabelecemos 02 (duas) categorias alinhadas aos objetivos da pesquisa, baseadas nas teorias que fundamentam este estudo. Tais categorias possibilitaram verificar, a partir das relações dialógicas da linguagem, as relações socioculturais, as tensões emergidas na interação intersubjetiva entre os sujeitos participantes da enunciação, o autor, o leitor, o texto e contexto, revelando as diferentes perspectivas e visões de mundo, desses sujeitos.

Palavras-chave: Linguagem dialógica. Verbo-visualidade. Letramento Crítico. Produção de sentidos.

ABSTRACT

This study aims to analyze, from a diachronic perspective, how the articulation of verbal-visual texts, used as prompts in the ENEM essays, mobilizes critical literacy and enables the production of meanings. To achieve this, we established specific objectives: a) examine how dialogical relationships favor the production of meanings; b) analyze how verbal-visual languages are organized in the motivating texts of ENEM essays; c) investigate how the articulation of verbal-visual language forms the evaluative/valuative tones of motivating texts; d) analyze how critical literacy can contribute to the production of meanings in ENEM essay prompts. For this research, verbal-visual texts from the collection of the regular ENEM exams over the last 10 years (2013 to 2023) were selected from a diachronic perspective. The research is conducted in the field of Applied Linguistics (LA), understood as "a way of creating intelligibility about social problems in which language plays a central role" (Moita Lopes, 2006, p. 14) and adopts a qualitative-interpretative approach that allows the researcher to pay attention to the particularities of the contexts and situations addressed by the research, cultivating a critical, conscious stance, responsible for decisions and actions (Flick, 2009). The theoretical-methodological framework is based on the dialogical conception of language, developed by the Bakhtin Circle (Bakhtin 2010, Volóchinov 2017); on verbal-visuality from Brait's studies (2010), literacy studies (Soares, 2005), (Kleiman, 2008) (Street 2003), critical literacy from Cassany and Castellà (2010), Lankshear and MacLaren (1993), Carbonieri (2016), and Kalantzis & Cope and Pinheiro (2020), reading and its processes Leffa (1999), Kleiman (2004), among others. For the research, we established two categories aligned with the research objectives, based on the theories that underpin this study. These categories allowed us to examine, through the dialogical relationships of language, the sociocultural relationships, tensions emerging in the intersubjective interaction between the participating subjects of enunciation, the author, the reader, the text, and context, revealing the different perspectives and worldviews of these subjects.

Keywords: Dialogical language. Verbal-visuality. Critical Literacy. Production of meanings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa das raízes do conceito	41
Figura 2 Definição da prova de redação	60
Figura 3 - Competências avaliadas	61
Figura 4 - Texto 1	74
Figura 5 - Texto 2	76
Figura 6 - Texto 3	79
Figura 7- Textos 4 e 5	84
Figura 8 - Texto 6	87
Figura 9 - Texto 7	90
Figura 10 - Texto 8	92
Figura 11 - Textos 9 e 10	95
Figura 12 - Texto 11	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Breve histórico dos principais acontecimentos no ENEM	59
Quadro 2 - Ações para melhor uso dos textos motivadores	68
Quadro 3 - Redações ENEM	69
Quadro 4 - Categorias/critérios e aspectos de investigação/interpretação.	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Linguagem em uma perspectiva dialógica	14
2.2 A relação entre valoração, signo, palavra e ideologia	20
2.3 Múltiplas linguagens em uma sociedade movente	24
2.4 A linguagem verbo-visual: discursos e produção de sentidos	30
2.5 Gêneros discursivos nas práticas sociais.....	32
3. ESTUDOS DE LETRAMENTOS	37
3.1 Letramento crítico	41
3.2 Articulações verbo-visuais no letramento crítico.....	46
4. LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL.....	50
4.1 Compreensão leitora em textos verbo-visuais na perspectiva dialógica	57
5. O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM): BREVE TRAJETO HISTÓRICO	60
6. PERCURSO METODOLÓGICO	66
6.1 Apresentação do <i>corpus</i>	69
6.2 Caminho percorrido na análise	73
7. LETRAMENTO CRÍTICO NOS TEXTOS VERBO-VISUAIS: RESULTADOS DA ANÁLISE	76
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa se desenvolveu na área da Linguística Aplicada (LA) um campo interdisciplinar que se preocupa e investiga a linguagem em situações reais e concretas de uso, ou seja, em contextos sociais, culturais, educacionais, profissionais, tecnológicos, entre outros, não a investiga fora do bojo social e não exclui os sujeitos e as relações de poder imbricadas nas práticas discursivas em curso na sociedade.

A Linguística Aplicada, para Moita Lopes (2006), busca a interconexão e a sobreposição entre diversas áreas do conhecimento. Essa articulação de diferentes áreas, como sociolinguística, psicolinguística, antropologia, educação, entre outras, amplia a compreensão das complexas relações entre linguagem e sociedade. As pesquisas em LA são “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (Moita Lopes, 2006, p. 14).

Tais perspectivas coadunam com esse trabalho que a partir de Volóchinov (2017) considera que as questões de ordem social são elementos constitutivos que influenciam e definem a linguagem que não pode ser compreendida como representação do pensamento de um sujeito alheio às relações com outrem, ao contrário disso, é entendida sob a ótica da realização viva nas interações sociais.

O presente estudo vincula-se à linha de pesquisa “Multiletramentos, discurso e processos de produção de sentido”, área de concentração “Linguagem e Tecnologia”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e explora estudos de linguagem em uma perspectiva dialógica, considerando processos de leitura de textos verbo-visuais e estudos de letramento crítico a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: como a articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza os letramentos crítico e possibilita a produção de sentidos?

Tal pergunta surge dos contextos contemporâneos em que cada vez a linguagem verbo-visual é mobilizada nas práticas sociais e, por consequência, compõe parte significativa da constituição dos sujeitos e as diferentes interações sociais. Nessa linha, compreendemos que o ato de ler, entendido como prática social culturalmente situada, sempre esteve relacionado, dentro de seus contextos sócio-

históricos, às tecnologias disponíveis e à representação das culturas, crenças e costumes, valorações e ideologias.

Nesse sentido, observamos que, nas últimas décadas, as relações cotidianas são geridas pela conectividade móvel, pelo acesso e uso das redes sociais, pelo compartilhamento rápido de informações e pelo uso de variados gêneros discursivos - que articulam e combinam diferentes linguagens, exigindo dos sujeitos, partícipes desse processo dialógico e constante, competências leitoras para compreender a articulação entre essas linguagens como condição necessária para o processo de produção dos sentidos.

Nesse cenário, os textos que circulam socialmente se constituem de múltiplas linguagens, com destaque para a articulação das linguagens verbais e visuais em uma dinâmica interativa e dialógica na produção de sentido que influencia como o texto é percebido e interpretado pelo leitor, sujeito produtor de sentidos.

Posicionar-se criticamente ante o texto requer não só um trabalho contínuo com letramento crítico, como também a compreensão de que a linguagem é um fenômeno vivo e ativo, sempre influenciada e moldada pelas complexas relações sociais em que está inserida (Volóchinov, 2017), ou seja, é uma entidade social, dinâmica e enraizada nas interações entre os sujeitos; por isso, demanda reflexão dos indivíduos, pleiteia uma atenção para além das estruturas linguísticas formais.

Refletir acerca da produção dos sentidos de um texto constituído por linguagens verbo-visuais requer considerar práticas sociais de letramento que promovem o desenvolvimento de um leitor crítico e autônomo. Tais aspectos levam em conta as novas formas de produção, que operam, ao mesmo tempo, diferentes linguagens, que, muitas vezes, se revelam mistas ou disfarçadas que mobilizam o letramento crítico, definido por Lankshear e McLaren (1993) como “formas com que práticas sociais e concepções de leitura e escrita possíveis e reais capacitam sujeitos humanos a entender e engajar-se em políticas da vida diária” (Lankshear e McLaren, 1993, p.468).

Entendemos que o letramento crítico evidencia o vínculo entre linguagem, poder, ideologia e demais questões de ordem política, social e cultural. Isso nos possibilita correlacionar o letramento crítico ao dialogismo, concepção que possibilita analisar as relações sociais presentes nos diferentes textos e contextos sociais.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar, em uma perspectiva diacrônica, como a articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como

motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza o letramento crítico e possibilita a produção de sentidos. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: a) verificar como as relações dialógicas favorecem a produção dos sentidos; b) analisar como se organizam as linguagens verbo-visuais nos textos motivadores das redações do ENEM; c) verificar de que forma a articulação da linguagem verbo-visual compõe os tons avaliativos/valorativos dos textos motivadores; d) analisar como o letramento crítico pode contribuir para a produção dos sentidos dos textos motivadores da Redação do ENEM.

A realização desta pesquisa justifica-se, primeiramente, pelo meu interesse, como professora da Educação Básica de escola pública, em pesquisar e aprofundar as discussões e conhecimentos acerca da linguagem verbo-visual em articulação com um momento fundamental na vida dos estudantes, a saber, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Considero o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) um evento de letramento importante para esses jovens, pois além de ser uma das formas ingresso em diversas instituições públicas do Ensino Superior, tem como premissa medir os resultados da Educação Básica por um viés fundamental dos letramentos: as capacidades leitoras.

Considerando tais discussões, a estrutura desta pesquisa se organiza em sete capítulos, a saber: o primeiro capítulo aborda esta parte introdutória, fornecendo informações gerais sobre a pesquisa, delineando o tema, os objetivos e apresentando uma breve descrição do estudo; o segundo capítulo se concentra na fundamentação teórica, apresentando a perspectiva dialógica da linguagem, desdobrando-se em subseções que apresentam a relação entre valoração, signo, palavra e ideologia, as múltiplas linguagens, a linguagem verbo-visual; e, por último, os gêneros discursivos.

O terceiro capítulo apresenta um panorama dos estudos de letramento; o letramento crítico e sua articulação como os textos verbo-visuais. O quarto capítulo discute questões relativas à leitura compreendidas como prática social e a compreensão leitora em textos verbo-visuais.

O quinto capítulo descreve um breve trajeto histórico do Exame Nacional do Ensino Médio e são apresentadas as competências na composição da prova de redação. Na sequência, o sexto capítulo discorre os procedimentos metodológicos utilizados para a construção desta pesquisa pautada em métodos de pesquisa qualitativo-interpretativista.

O sétimo capítulo apresenta os resultados da análise, fundamentada em duas categorias que se desdobraram em aspectos que direcionam a análise. Por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo ancora-se nos seguintes aspectos teóricos: a concepção dialógica da linguagem elaborada pelo Círculo de Bakhtin¹, desdobrando-se para os estudos da linguagem verbo-visual e sua articulação com o letramento crítico², tecendo uma rede teórica com os preceitos de leitura entendidos como prática social, entre outras, que compõem o arcabouço teórico conforme as temáticas propostas.

2.1 Linguagem em uma perspectiva dialógica

Tomamos, neste trabalho, a concepção teórica do Círculo de Bakhtin que conferiu à língua concreta, histórica em uso, a propriedade de ser dialógica. Essa teoria enfatiza a interação social e a influência das questões sociais na linguagem. Volóchinov (2017) considera que as questões de ordem social são elementos constitutivos que influenciam e definem a linguagem que não pode ser compreendida como representação do pensamento de um sujeito alheio às relações com outrem, ao contrário disso, é entendida sob a ótica da realização viva nas interações sociais.

Esses aspectos apontam para a importância de entendermos a linguagem como uma entidade social, dinâmica e enraizada nas interações entre os indivíduos. Na perspectiva de Volóchinov (2017), faz-se necessário olhar para além das estruturas linguísticas formais e reconhecer a linguagem como um fenômeno vivo e ativo, sempre influenciado e moldado pelas complexas relações sociais em que está inserida.

Para Bakhtin, essa abordagem sociológico-dialógica do estudo da língua, acontece sob o escopo das interações na/da vida, no seu uso prático, sendo inseparável de seu conteúdo ideológico. Nesse sentido compreendemos que a língua

¹ O Círculo de Bakhtin é formado por um grupo de intelectuais de diferentes formações, cujos principais integrantes da área da linguagem são Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, que se reuniam, na Rússia, para debater suas ideias, principalmente entre 1919 e 1929 (FARACO, 2009).

² [...] formas com que práticas sociais e concepções de leitura e escrita possíveis e reais capacitam sujeitos humanos a entender e engajar-se em políticas da vida diária na busca por uma ordem social mais verdadeiramente democrática (LANKSHEAR E MCLAREN, 1993, p.468).

não é neutra; ela carrega consigo ideologias, crenças, valores e perspectivas culturais que influenciam sua forma e uso.

O dialogismo é compreendido como o princípio constitutivo da linguagem, definida pela concepção de língua-discurso, não podendo, desse modo, ser estudada desvinculada das interações sociais que se constituem daquele que fala, daquele que ouve e do tema do discurso. Segundo Volóchinov, (2017), a interação social é a realidade da linguagem. Acerca disso, Bakhtin (2010), define

as relações dialógicas são de índole específica: não podem ser reduzidas as relações meramente lógicas meramente linguísticas. Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso [...]. As relações dialógicas pressupõem linguagem, no entanto, elas não existem no sistema da língua. Não são possíveis entre os elementos da língua [...]. As relações dialógicas são relações entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. (Bakhtin, 2010, p. 323).

Em vista disso, entendemos que as relações dialógicas acontecem dentro do campo do discurso entre enunciados produzidos em situações reais de interação verbal, ou seja, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem que se desenvolve em contextos histórico e social, nas relações sociais estabelecidas nas vivências com o outro, onde se concretizam os modos de funcionamento real. Em outras palavras, o discurso só se constitui a partir do outro. Há uma dialogização interna da linguagem, uma vez que a palavra de um é inevitavelmente atravessada pela palavra do outro.

Outrossim, Bakhtin (2010, p.115), esclarece que é “na interação intersubjetiva do “eu”, o “outro” e o “eu-para-o-outro”, que se estabelecem os valores sócio-espacio-temporais da linguagem, realizados no processo de interação verbal que é orientado e legitimado no mundo de palavras do outro, em um movimento dialógico traduzido na relação eu para o outro, outro para mim e nós para eles. Ao discutir essa relação entre os sujeitos, entendidos como princípio da interação dialógica, fundamenta-se a alteridade, uma vez que em nosso discurso constituído da palavra do outro, nos traz o mundo exterior, como já esclarecido por Bakhtin:

[...] Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo, que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos, modificamos. [...] Contudo, em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade, [...] descobrimos toda uma série de palavras do outro semilantes ou latentes, de diferentes graus de alteridade. (Bakhtin, 2010, p. 294-299)

A partir dessa afirmação, compreendemos que nossos discursos, sempre imbuídos de palavras alheias, dialogam e debatem com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Nessa relação dialógica não há passividade, os discursos são transformados, ressignificados. O sentido nunca será único e último, nascendo desse movimento a possibilidade de renovação de seus sentidos dentro de contextos diversos.

Depreendemos disso, que o princípio dialógico se dá sempre em uma abordagem social, exclui uma abordagem individualista, ou seja, ele acontece na língua enquanto processo interacional. Referir-se a dialogismo é pressupor uma constante comunicação com o outro, sobre isso, Bakhtin (2002) defende que

[...] orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso.[...] Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dele se afastar (Bakhtin, 2002, p.88)

Assim, todo discurso proferido por um sujeito é inevitavelmente perpassado pela palavra de outro, isto é, o indivíduo não é a origem de seu dizer, isso significa que todo discurso é ocupado, atravessado pelo discurso alheio e, na relação de sentidos que se estabelecem entre essas vozes incorporadas ao discurso, que se instaura o dialogismo. Tratar do dialogismo é preservar as ressonâncias de outros ditos, já-ditos e/ou não-ditos na linguagem. Como assevera Bakhtin (2017, p.38), “[E] eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro”.

Por isso, o vínculo entre dialogismo e interação formam a base da produção dos discursos que necessitam de autor, um sujeito que se responsabilize, ao interagir com o outro. A cadeia de enunciações produzida a partir dessa relação define a linguagem. As palavras materializadas nos discursos, não pertencem unicamente ao enunciador, o ouvinte (interlocutor) está sempre presente, assim como todas as vozes que antecedem o ato de fala ressoam na palavra do enunciador. Podemos, a partir disso, compreender a natureza dialógica da linguagem como as relações que se estabelecem entre discursos e se manifestam em todas as enunciações.

Desse modo, o dialogismo não deve ser compreendido como o diálogo face a face, embora se reconheça, nesta forma composicional, a ocorrência de relações dialógicas, no entanto, o sentido adotado pelo Círculo ultrapassa a presença dos interlocutores no ato da enunciação e envolve diversas formas de manifestação. Sobre isso, Brait esclarece que “[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade [...]” (Brait, 2005, p. 94-95). Nesta afirmação, evidencia-se a dimensão dialógica existente na relação entre os sujeitos, reforçando a ideia do permanente diálogo como norteador das atividades humanas, destacando os diferentes pontos de vista que dialogam e constroem sentidos.

Segundo Faraco, “a palavra diálogo remete à solução de conflitos, promoção de consenso, já o dialogismo é “tanto convergência, quanto divergência; é tanto acordo, quanto desacordo; é tanto adesão, quanto recusa; é tanto complemento, quanto embate (Faraco, 2009, p.66). Em outras palavras, o dialogismo representa uma arena de tensões e de lutas entre enunciados, na qual ecoam vozes sociais. Pois para Bakhtin, “nesse encontro tenso está toda a sua essência” (Bakhtin, 2010, p.341), ou seja, no encontro com o outro, seja ele harmonioso ou não, está a essência da linguagem, das relações dialógicas.

Para Bakhtin, a dialogicidade é inerente à vida, “[...] viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. [...] com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos.” (Bakhtin, 2010, p. 348). O diálogo, no sentido estrito da palavra, apesar de ser o mais importante, é somente uma das formas da interação discursiva. Precisamos compreendê-lo “não apenas como comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face” (Volóchinov, 2017, p. 219). Em outras palavras, um discurso verbal impresso (um livro, uma resenha, um trabalho científico), é um tipo de interação discursiva orientado para uma percepção ativa, para discursos anteriores, tanto de quem o produziu quanto para seus interlocutores, que participam de uma discussão ideológica, respondendo, refutando ou confirmando algo.

Acerca das discussões dos estudiosos do Círculo sobre o dialogismo fica evidente a ideia de que o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), correspondentes aos diferentes tipos de comunicação social, proferidos pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana. O enunciado nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação,

“sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter dessa interação” (Brait; Melo, 2017, pp. 67-68). Sobre isso, Bakhtin expõe:

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (Bakhtin, 2016, p. 59).

O enunciado é dialógico por natureza e é, por assim dizer, indissolúvel da interação discursiva, pois, ao mesmo tempo que responde a outros enunciados, tende a ser respondido por outros estabelecendo um fluxo infinito. A interação dialógica é essencial para que se produza sentido e, como unidade de comunicação, está sempre inserido em um contexto. Portanto, as relações dialógicas devem ser entendidas como “espaços de tensão entre enunciados” (Faraco, 2017, p. 69). Todo discurso está entranhado por vários outros discursos/enunciados que dialogam e polemizam entre si, em maior ou menor grau, qualquer enunciado, nega ou concorda com algo.

Na concepção bakhtiniana, todo enunciado é concreto, irrepetível, historicamente individual, representa uma nova unidade na interação discursiva, ininterrupto tal qual a própria vida, é uma postura ativa (que é também uma reação-resposta a outros enunciados) do sujeito constituído socialmente e que se enuncia dentro de uma determinada esfera (Bakhtin, 2016). Essa concepção permite mensurar que a compreensão de enunciado não é limitada apenas como unidade da língua, mas como unidade da interação social. Do mesmo modo, sua natureza dialógica também implica que seja mais que um “complexo de relações entre palavras”, constituindo-se em vez disso “como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas” (Faraco, 2017, p. 66).

O enunciado se forma entre indivíduos socialmente organizados, tem como característica primeira, um autor que ao fazer uso da linguagem em resposta a outro locutor, revela diferentes posicionamentos, ou seja, todo enunciado possui uma dimensão dupla, sendo uma réplica de um diálogo com um acabamento específico, surgido de uma situação discursiva que compreende o falante desse enunciado e a compreensão/resposta do ouvinte. O enunciado é determinado pelos participantes do evento tanto os mais próximos quanto os mais distantes em uma determinada

situação: a estrutura do enunciado é determinada pela “a situação mais próxima e o ambiente social mais amplo” (Volóchinov, 2017, p.206).

Em outras palavras, é a situação social e o auditório/interlocutor/ouvinte que determina a orientação social que, por sua vez, determina a forma de se enunciar algo, melhor dizendo, o centro organizador do enunciado é dado pelo meio social que circunda o indivíduo participe da interação social. Isso quer dizer que a estrutura social é também a estrutura do enunciado - seu acabamento estilístico/social é o próprio fluxo discursivo que representa a realidade da língua.

Nesse sentido, é possível verificar que o enunciado está para além de seu aspecto estritamente linguístico, consiste também da parte não expressa, a dimensão extraverbal, subentendida, que se dá nos processos interacionais, históricos, culturais e ideológicos, sendo esses processos determinantes nos modos de uso da linguagem. Melhor dizendo, os sentidos produzidos ultrapassam a materialidade do texto. Nessa perspectiva, Bakhtin (2010) argumenta que

Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem [...] materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ele expressa (Bakhtin, 2010, p. 210).

A partir da elucidação acima, depreendemos que o enunciado pressupõe um autor/locutor/falante, historicamente situado, que visa a alcançar seu interlocutor/destinatário por meio dos signos, os quais, em sua composição, instaura a entonação expressiva que, segundo Bakhtin é "a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado." (Bakhtin, 2016, p. 47). Em outros termos, a relação dialógica do enunciatador com seu objeto de discurso e com os outros enunciados leva o falante a definir os recursos lexicais, gramaticais (estilo) e composicionais de seu enunciado.

À vista disso, compreendemos que, na materialidade de um enunciado, evidencia-se marcas enunciativas de um sujeito que ocupa um lugar histórico e social, instaurado em um contexto histórico, social e ideológico de uma determinada época. Isso porque é no meio social que o enunciado se concretiza enquanto unidade comunicativa.

Na mesma seara dos estudos do Círculo, passamos a tratar a seguir a relação entre valoração, signo, palavra e ideologia.

2.2 A relação entre valoração, signo, palavra e ideologia

Partindo do entendimento de que a língua é viva, movente, ou seja, de que “a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou em muitos enunciados” (Volóchinov, 2019, p. 268) e de que é no extraverbal do enunciado, compreendido como unidades reais, concretas da interação, tido como único, irrepetível, acabado e sempre à espera de uma resposta é que se pretende elucidar a relação entre valoração, signo, palavra e ideologia.

Entende-se que um enunciado, mesmo que apresente a mesma estrutura linguística, constituído de um mesmo sistema de escrita ou de fala, tenha as mesmas palavras, nunca será o mesmo se escrito ou pronunciado novamente, já que sempre é valorado, pois a história é contínua, o tema varia, a situação varia: “[...] a situação forma o enunciado [...]” (Volóchinov, 2017, p.206), atribui peculiaridades a ele.

Tomemos um exemplo: o enunciado "Que dia!" produz sentidos diferentes conforme a situação em que é empregado, poderia ser dito por uma pessoa que teve um dia feliz, que algo surpreendente tenha acontecido ou o contrário. Tomando como exemplo duas campanhas publicitárias que utilizam o mesmo tom de azul em seu formato arquitetônico, ou que apresentem o mesmo enunciado, no entanto, um em letras maiúsculas, outro em minúscula e negrito, do mesmo modo, não é possível dizer que esta escolha produz o mesmo efeito de sentido para ambas as campanhas.

Ou seja, o enunciado, mesmo expressando a individualidade do sujeito, está imbricado de tons avaliativos/valorativos compreendidos, a depender da situação social, da entonação e da acentuação empregados em função do se quer dizer, da posição que o enunciador assume diante dos temas-objetos de discurso.

A avaliação social de um enunciado se dá e permanece na vida que organiza sua própria forma e entonação, todavia, é possível dizer que se inclina a encontrar uma expressão adequada no conteúdo da palavra, passando desse modo dos aspectos formais para o conteúdo, sendo este determinante na escolha da palavra e da forma do todo verbal, por conseguinte, encontrando a entonação que, por fim, estabelece a estreita relação entre enunciado e o contexto extraverbal.

Sobre isso, Rodrigues (2001), destaca que para o Círculo o vínculo entre o enunciado (sua dimensão verbal/semiótica) e a situação social concretiza-se pela entonação.

Através dela, o discurso se orienta para fora dos seus limites verbais e entra em contato com a vida socioideológica. Ela se situa na fronteira da vida social e da parte verbal do enunciado, marcando a atitude valorativa (feliz, aflita, interrogativa, de admiração, de surpresa etc.). [...]. Pela entonação o falante se engaja socialmente e toma posição ativa em relação a certos valores. (Rodrigues, 2001, p. 27).

Essa afirmação corrobora os escritos do Círculo que definem a entonação como ativa e objetiva e sua relação viva com o mundo exterior e o meio social. De acordo com Volóchinov, ela “ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social” (Volóchinov, 2019. p.127). Dessa forma, a entonação é voltada para uma orientação social dupla: o ouvinte (cúmplice e testemunha) e o objeto do enunciado - participante vivo, o qual a entonação “xinga, acarecia, aniquila ou eleva,” (Volóchinov, 2019. p.127), sendo esses elementos os determinantes dos sentidos e a todos os aspectos da entonação.

Além da entonação, outro fator importante a ser considerado na produção de um enunciado é a situação de interação em que ocorre a interlocução. O enunciado “Que dia!” só adquire sua totalidade em uma interlocução com participantes que vivenciem a mesma cultura, suas regras, suas peculiaridades e que estejam inseridos em uma situação autêntica, única, o que define o estilo do enunciado, o seu “acabamento” (Brait; Mello, 2010). Diante disso, é possível afirmar que a valoração é instituída como uma ligação constitutiva entre o enunciado e sua situação de interação. Portanto, a valoração “[...] está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; [...] ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único.” (Volóchinov *in* Brait e Melo, 2018, p. 67, 68).

No entanto, é preciso elucidar que, o enunciado, mesmo que determinado pela situação social de interação, não a reflete passivamente e, sim, que ele, por concluir uma situação social, sempre será valorado. Constituído em uma dada esfera discursiva, todo enunciado carrega valorações, pois os indivíduos tomam uma posição no diálogo (Acosta-Pereira; Rodrigues, 2014. Em outras palavras, é refratado pela ideologia e pela valoração. Assim,

[...] a valoração é indissociável do discurso, da sua constitutividade histórica, ideológica e cultural. Com isso, percebemos que a valoração não apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas sócio-histórico-culturais constitutivas desse contexto (Acosta-Pereira; Rodrigues, 2014, p.192).

Nesse sentido, não há enunciado sem valoração, já que é entendido como uma arena em que diferentes posições ideológicas se encontram e se confrontam. Em um enunciado vivo, cada elemento significa e avalia. Desse modo, há uma relação intrínseca entre ideologia e a linguagem e ambas se materializam nos discursos por meio dos signos. Considerando esse aspecto, verifica-se que a ideologia é semioticamente construída, isso quer dizer que tudo que é ideológico é também um signo construído histórico-culturalmente nas mais variadas relações sociais. Ou seja, o signo ideológico é compreendido como fenômeno extralinguístico, já que se constitui nas relações entre os sujeitos. “Sem signos não existe ideologia.” (Bakhtin, 2006, p. 31).

Na busca de descrever a relação entre signo e ideologia, Volóchinov (2017, p. 91), afirma que “qualquer produto ideológico não é apenas uma parte da realidade natural e social [...] mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites”.

Desta maneira, ao observarmos a realidade que nos cerca, verificamos nela a existência de dois tipos de objetos que, se vistos apenas como fenômenos da natureza, objetos tecnológicos e do cotidiano e produtos de consumo, não atribuímos a ele nenhuma significação ideológica. No entanto, quando esses representam e substituem algo exterior, passam a possuir significação ideológica e tornam-se, portanto, um signo. Isto leva o autor a afirmar que “onde não há signo também não há ideologia”.

A partir disso é possível afirmarmos, baseado nos estudos do Círculo, que todo signo faz parte da realidade, mas, por sua natureza, “também reflete e refrata outra realidade”, possibilitando então uma avaliação ideológica. Isto permite-nos observarmos a sobreposição que há entre o campo ideológico e o campo dos signos, igualando-os, pois, um fenômeno da realidade material pode tornar-se um fenômeno da realidade ideológica, desde que “esse objeto esteja relacionado com os pressupostos socioeconômicos essenciais da existência desse grupo, e que ele toque, ao menos tangencialmente, os fundamentos da existência material desse grupo. (Volóchinov, 2019 p.314).

É assim, no uso da linguagem mediada, nas infinitas situações de interação que os aspectos semióticos do fenômeno ideológico se constituem. Ainda que a linguagem não se restrinja ao verbal nas noções desenvolvidas pelo Círculo

bakhtiniano, a palavra tem lugar de destaque no estudo das ideologias, já que para o Círculo ela é o modo mais puro de transformação social. Segundo o autor,

a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias.” (Bakhtin ,2006 p. 36).

Nessa perspectiva, a palavra vive sob o signo ao possuir acento avaliativo, também se inscreve como enunciado, como linguagem. Desse modo, entendemos que toda palavra, falada ou pensada, carrega consigo o ponto de vista de um avaliador que a utiliza em um determinado momento da história real, não obstante, fora desse contexto, isolada do fluxo da interação discursiva, ela é uma palavra morta, é apenas tinta nas folhas de um papel em branco.

Ainda sobre a palavra, Bakhtin diz que ela não apenas reflete ideologia, mas também refrata, ou seja, ela é ressignificada e valorada, pode ser compreendida como a convergência entre acentos de valor diversos. Nas palavras do autor

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. [...] (Bakhtin, 2010, p. 233).

Assim, é possível aventar que a palavra não possui significado único, por ser viva, traz em si um pluralismo advindo dos indivíduos que com ela comungam e comungaram. Nessa gama de significações e interpretações da palavra, podemos depreender o significado do conceito de ‘refração’. Como esclarece Faraco

[...] ‘refratar’ significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo. [...]. Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas.(Faraco, 2009, p. 50-51)

Em suma, uma unidade lexical adquire forma e existência nos signos quando criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Somente dentro de uma organização social que o signo se torna inteligível e comunicável. Nesse sentido, os signos são veículos ideológicos, refratados pelos usuários, reproduzidos por meio da interação e partilhado nos espaços sociais. Assim, uma mesma palavra pode apresentar, a depender das camadas sociais e culturais] diferentes significados.

Pelos aspectos até aqui, o conceito de ideologia mobilizado nesta pesquisa é o discutido pelo Círculo, que abrange todo âmbito cultural, como arte, religião, filosofia, literatura, o cotidiano de uma comunidade etc. Sobre essa noção de ideologia cunhada pelo Círculo de Bakhtin, Faraco esclarece: ideologia não significa “[...] mascaramento do real[...]” (Faraco, 2009, p. 47). Ainda, segundo ele, nesse entendimento, ideologia se aproxima do termo ‘axiológico’, ou seja, a nossa participação social, em qualquer área, não acontece de modo neutro, mas envolve escolhas valorativas (Faraco, 2009).

A linguagem, a partir dessas ideias, é carregada de posições valorativas, nela são reveladas as valorações e ideologias do sujeito em relação ao objeto da enunciação. Sem linguagem não há ideologia e sem ideologia ela passa a ser apenas um sistema fechado em si. A linguagem é fruto desse engendramento entre forças de estratificação social, saturada de ideologias e avaliações sociais, elementos fundamentais para a produção dos sentidos empreendidos nos discursos/enunciados que em seu fluxo contínuo e vivo estão sempre em aberto, sempre nos remetendo para algo que está fora deles, sendo, por isso, sempre valorados.

Trataremos na seção seguinte, dos fatores que impulsionaram, transformaram e disseminaram novas formas de linguagens.

2.3 Múltiplas linguagens em uma sociedade movente

Muitas foram as transformações no consumo e na recepção/produção das linguagens e dos discursos, nas últimas décadas. Essas mudanças foram acontecendo à medida que foram sendo modificados e incorporados novos modos de transmissão das mensagens, bem como pelo surgimento de novas mídias que, gradativamente, foram inseridas no cotidiano das sociedades, gerando, conseqüentemente, mudanças culturais.

Santaella (2003) discute alguns fatores compreendidos como cruciais para as mudanças nos modos de conviver socialmente por meio da linguagem. Dentre esses,

sobre os meios de comunicação, a autora diz que são “meros canais para a transmissão de informação” (Santaella, 2003, p. 24) e que sem a existência das mensagens, dos tipos de signos que se configuram nesses canais, seriam esvaziados de sentido. Ou seja, são os discursos produzidos nesses canais que moldam o pensamento dos indivíduos que deles se servem, propiciando o surgimento de novos ambientes culturais. Nesse sentido, podemos dizer que não são os meios e nem as mídias o fator preponderante das mudanças e, sim, as linguagens que se corporificam e transitam nelas, as responsáveis pelas transformações na comunicação e na cultura. Sobre os meios e as mídias, Santaella afirma

Embora sejam responsáveis pelo crescimento e multiplicação os códigos e linguagens, meios continuam sendo meios. Deixar de ver isso e, ainda por cima, considerar que as mediações sociais vêm das mídias em si é incorrer em uma ingenuidade e equívoco epistemológicos básicos, pois a mediação primeira não vem das mídias, mas dos signos, linguagem e pensamento, que elas veiculam (Santaella, 1992 [2003a], p. 222-230).

A partir do argumento da autora, compreendemos que os meios de comunicação e as mídias são veículos por meio dos quais as linguagens são transmitidas e difundidas. Eles fornecem plataformas e tecnologias que facilitam a disseminação das linguagens. No entanto, é importante reconhecermos que, por mais influentes que sejam os meios e as mídias, são as linguagens que produzem os sentidos que transformam a cultura e a comunicação.

Ampliando a noção de meios de comunicação, Jenkins (2009) apregoa que meios de comunicação são sistemas culturais que persistem como camadas dentro de um estrato de entretenimento e informação cada vez mais complicado (Jenkins, 2009, p. 41). Essa ideia trazida pelo autor expande nosso entendimento de que, apesar da evolução tecnológica e das mudanças na forma como consumimos informações e entretenimento, os meios de comunicação tradicionais ainda desempenham um papel relevante em um ecossistema midiático cada vez mais diversificado. Ainda sobre isso, Jenkins (2009, p. 41) discorre afirmando que “o conteúdo pode mudar” como, por exemplo, quando a televisão substituiu o rádio, “o público pode mudar, o status social pode subir ou cair”. No entanto, observamos que a televisão não eliminou o rádio, assim como *Kindle* não eliminou o livro físico.

Esse processo pelo qual diferentes formas de mídia, como televisão, cinema, literatura, jogos, internet e outras mídias estão convergindo em uma experiência de

mídia unificada é o que Jenkins denomina de convergência cultural. Nas palavras do autor

Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias. (Jenkins, 2009, p. 41 - 42).

Essa coexistência reflete a complexidade do cenário midiático contemporâneo, onde as pessoas têm acesso a uma variedade de fontes de informação e entretenimento. Os meios de comunicação tradicionais podem se adaptar a esse ambiente, incorporando elementos digitais e interativos, ao passo que as novas mídias podem influenciar como os discursos são produzidos e consumidos.

Entender as transformações na comunicação e na cultura requer uma análise das mudanças nas linguagens, nos signos e no pensamento, e como essas mudanças são amplificadas, transmitidas e moldadas pelos meios e pelas mídias. Os meios e as mídias desempenham um papel importante ao facilitar a circulação e a acessibilidade das linguagens, mas é a linguagem e seu conteúdo que fundamentam as transformações significativas na sociedade.

Podemos dizer que o advento midiático propiciado pelos avanços tecnológicos, pelo surgimento de novos equipamentos e meios de comunicação suscitou a incorporação de diferentes linguagens criadas para circularem neles, sendo isso decisivo para instauração de novos comportamentos sociais. As tecnologias digitais têm impactado como consumimos mídia e como as fronteiras entre diferentes meios de comunicação têm se tornado cada vez mais fluidas, influenciando nas mudanças culturais.

O conceito de convergência, proposto por Jenkins, contribui para compreendermos o processo de mudança cultural e, conseqüentemente, da hibridização das linguagens. O mundo hoje é caracterizado pela convergência de mídia, onde a tecnologia digital permite a interação e participação ativa dos sujeitos. Para Jenkins (2009) convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia diversas. (Jenkins, 2009, p. 29 - 30).

Para o autor, convergência refere-se à interconexão e ao fluxo de conteúdos por meio de várias plataformas de mídia, à cooperação entre diferentes mercados

mediáticos e ao comportamento dos públicos que buscam ativamente experiências de entretenimento em diferentes meios. A "cultura da convergência", para Jenkins (2009), enfatiza como as narrativas e os conteúdos podem se espalhar por várias mídias e como os consumidores desempenham um papel ativo na criação e compartilhamento de conteúdo. Essa abordagem tem implicações significativas para a indústria da mídia, a produção de conteúdo e como as pessoas consomem e interagem com a cultura.

Essa transformação se deu por volta do início dos anos 80, momento em que houve uma intensificação das misturas entre linguagens e meios, culminando no aparecimento de uma cultura do transitório e do disponível. Esse fenômeno, possibilitou aos indivíduos à possibilidade de escolha e consumo individualizado, sendo essa característica, um elemento constitutivo daquilo que Santaella (2003b, p. 27) chama de "cultura das mídias" que têm como diferença pungente da cultura de massas, a possibilidade de escolha, já que consumíamos o que era disponibilizado e conforme era disponibilizado.

A cultura das mídias caracteriza a passagem da cultura da escrita e do impresso para a cultura digital, que foi sendo disseminada por novos processos de distribuição, produção e consumo. Em certa medida, a cultura de massas deixa de ser hegemônica, aquilo que tinha caráter unidirecional, ou seja, veiculado e imposto por uma minoria de um para muitos – as massas –, que tudo absorvia passivamente, passa a ter caráter bidirecional. Em outras palavras, o cenário propiciado pela cultura das mídias, possibilita o poder de escolha sobre aquilo que consumimos, podemos, assim, dizer que a cultura das mídias é a cultura do disponível.

Segundo Santaella (2003a, p. 13), a cultura das mídias configura-se como uma cultura intermediária, que vai absorvendo a cultura de massas, provocando nela uma série de reajustamentos e reformulações de modo a, progressivamente, distanciar-se da lógica massiva e abrir espaço para a cultura digital, uma cultura de linguagens fragmentadas e alineares, marcada pela autonomia e pela interação.

Em oposição à narrativa linear tradicional, a cultura da mídia é marcada por múltiplos pontos de entrada, hipertextos, hiperlinks e a capacidade de navegar livremente por uma variedade de fontes e ideias.

Jenkins (2009, p. 41-42) argumenta que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. Essa visão da convergência como uma evolução, em oposição a uma revolução, destaca como as

tecnologias digitais e as novas formas de mídia estão integradas aos meios tradicionais, criando um cenário de mídia mais complexo e interconectado.

A cultura das mídias se destaca pela autonomia do usuário e pela interação, indicando uma mudança profunda na forma como as pessoas interagem com a informação e a comunicação. Os indivíduos têm maior controle sobre o conteúdo que consomem e têm a capacidade de contribuir, comentar e interagir ativamente. A participação ativa dos usuários é uma característica-chave da cultura digital.

Jenkins (2009) faz uma distinção entre interatividade e participação que, segundo ele, são utilizadas indistintamente. A interatividade para o autor refere-se ao modo como as novas tecnologias foram planejadas para responder *feedback* do consumidor, cita como exemplos as ações como de mudar de canal, permitir ao usuário interferir no universo representado nos jogos de videogame. Sobre isso, ele acrescenta que as restrições da interatividade são tecnológicas.

Nesse contexto, a interatividade refere-se à capacidade das novas tecnologias e plataformas de mídia de permitir uma comunicação bidirecional entre produtores de conteúdo e consumidores, bem como entre os próprios consumidores. Ao diferenciar os dois conceitos, o autor destaca que a participação é moldada pelos protocolos culturais e sociais, exemplifica endossando

Assim, por exemplo, o quanto se pode conversar num cinema é determinado mais pela tolerância das plateias de diferentes subculturas ou contextos nacionais do que por alguma propriedade inerente ao cinema em si. A participação é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia. (Jenkins, 2009, p.190)

Vemos destacado a importância dos protocolos culturais e sociais na forma como a participação é moldada na cultura da convergência. Esses protocolos se referem às normas, valores, práticas e convenções que orientam o comportamento dos participantes em comunidades *on-line*, fãs de mídia e espaços de participação na era digital. Esses dois elementos, considerados como características-chave da cultura digital, onde a interação, a descentralização e a participação são incentivadas, indicam uma revolução nas formas de comunicação, informação e cultura.

Compreendemos a partir das contribuições desses autores que a convergência das mídias (Jenkins, 2009) e as linguagens (Santaella, 2003) representam parte significativa na evolução das relações socioculturais, possibilitando aos sujeitos

realizar múltiplas funções, ampliando as possibilidades de significação por meio dos textos com multiplicidade de linguagens e pela digitalização de sentidos (García Canclini, 2008).

Nesse cenário, novas situações comunicativas foram criadas, modificando a forma de as pessoas lidarem com a linguagem. Como reflexo, os indivíduos passam a explorar uma diversificada gama de recursos expressivos específicos do ambiente digital. Barton & Lee (2015) afirmam que,

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças (Barton & Lee, 2015, p. 13).

Nesse contexto, de convergência cultural, há uma mudança no uso da linguagem, nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto, impactando no modo de produção dos discursos e seus sentidos, uma vez que eles não são apenas produzidos pelo predomínio da fala ou da escrita (modalidade oral e verbal), mas também pela combinação de vários modos de representação, como imagens estáticas e em movimento, sons entre outros.

A criação/uso de novos meios de comunicação e de novas mídias, têm impulsionado diferentes práticas sociais, novas formas de participação e interação entre os sujeitos e os discursos circulantes nas redes, propiciados pelo que hoje são denominadas na literatura como cultura digital. Os avanços advindos das tecnologias, sejam os meios, as máquinas, as ferramentas e as linguagens, possibilitaram o surgimento de novas formas de cultura, novos modos de reorganização social, enfim, novas formas de estar e ler/compreender o mundo.

É nessa interseção entre os espaços físicos e virtuais que as novas práticas languageiras se instauram. Os sentidos são produzidos, não mais por uma única materialidade, verbal ou visual, mas sim, pela integralidade das diversas semioses (verbal, visual e sonora). A convergência dessas semioses exige novas maneiras de perceber o mundo e interagir socialmente, pois as fronteiras entre diferentes formas de comunicação estão se tornando cada vez mais fluidas.

Na próxima seção, trataremos do enunciado que articula as linguagens verbal e visual, ou seja, da verbo-visualidade. Bem como discutiremos, o papel que a palavra e a imagem desempenham no plano discursivo.

2.4 A linguagem verbo-visual: discursos e produção de sentidos

A linguagem, em uma perspectiva sociointeracionista, está intimamente ligada aos sistemas sociais, ideológicos e discursivos culturalmente situados. O ser humano, ao longo da história, utilizou-se de diversos modos para se comunicar, o seu caráter social exigiu e, ainda exige, que ele interaja com seu mundo exterior e, para isso, faz uso de diferentes linguagens que se modificam, se alternam, se alteram a depender do contexto em que a vida social do indivíduo está situada.

Embora as diferentes formas de comunicação/interação estejam inseridas e participem, do contexto de muitas pessoas há bastante tempo, nos estudos do campo da linguagem, o plano verbal dos enunciados foi objeto de estudos privilegiados. No entanto, com os avanços da tecnologia, houve um crescimento significativo em nossa sociedade, de uma gama heterogênea de enunciados que articula as linguagens verbal e visual, as quais são constitutivamente sintonizadas e articuladas, tornando-os uma totalidade discursiva.

Dessa forma, compreendemos que a linguagem verbo-visual é tomada como um enunciado concreto estruturado em uma combinatória de materialidades, articulado por um único projeto discursivo em que participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual. Sobre a dimensão verbo-visual do enunciado Brait (2010), esclarece:

Em determinados textos ou conjunto de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do leitor, e notadamente do analistas, a percepção e o reconhecimento dessa particularidade. (Brait, 2010, p.193-194).

A autora deixa evidente em suas palavras que nos textos nos quais a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, ambas as linguagens, em um mesmo grau de importância, são indispensáveis para a produção dos sentidos. Em outros termos, não se deve privilegiar uma linguagem em detrimento de outra, sob a pena de eliminarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão

das formas de produção de sentidos desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente.

É importante destacarmos que a combinação do verbal e do visual não é aleatória, mas é cuidadosamente organizada para instaurar sentidos específicos. Cada elemento contribui para a construção do significado e, juntos, criam uma experiência comunicativa integrada. Essa abordagem valoriza a compreensão da linguagem como um fenômeno complexo que vai além do texto verbal, reconhecendo a potência da linguagem visual em conjunto com a linguagem verbal para criar e transmitir os sentidos. A interação equitativa entre essas materialidades é fundamental para uma compreensão mais completa e profunda do enunciado na sua totalidade.

Ao assumirmos essa posição, podemos dizer que, no enunciado verbo-visual, a palavra e a imagem desempenham o mesmo papel. Desse modo, no plano discursivo do que se quer dizer, tanto a palavra (sequências verbais) quanto a imagem (cor, figura, lugar onde ocupam no espaço enunciativo) carregam, na mesma medida, o ponto de vista de um avaliador situado em um determinado momento da história.

Fazer a leitura e levantar possibilidades de sentidos produzidos por um enunciado, que agrega, em sua constituição, as diferentes linguagens, perpassa pelo entendimento que o texto deve ser, conforme esclarece Brait

analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos que o constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades, da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais. (Brait, 2010, p.195).

Com base nisso, os sentidos do texto verbo-visual são apreendidos conforme as especificidades de sua circulação, dos diálogos traçados entre outros enunciados, das condições de recepção do leitor e, principalmente, do lugar histórico, social e cultural que ocupa. O enunciado deve ser compreendido como eco, ressonância de outros enunciados instaurados no fluxo contínuo de embates e tensões.

O texto verbo-visual é constituído por relações sociais e culturais, fruto da interação social. Tomado como unidade de sentido, constitui-se a partir de uma esfera ideológica, sempre valorado, respondendo ou debatendo a outros textos-enunciados, ou seja, é resultado de um posicionamento ideológico, socialmente dirigido.

Nessa linha, os sentidos produzidos no plano discursivo de um texto verbo-visual são apreendidos pela articulação da palavra e da imagem. Nesses enunciados há um jogo complexo de diversas composições e elementos, que precisam ser vistos/lidos com a mesma intensidade: a perspectiva da imagem, o tom empregado, a cenografia na totalidade, o léxico. Além disso, os sentidos são reconhecidos em sua totalidade em uma interlocução com participantes que vivenciem o mesmo contexto, estejam interligados pela mesma cultura, participem das mesmas regras.

O enunciado constituído da verbo-visualidade é produzido por um sujeito individual ou coletivo, podendo ser tomado por discurso, quando proferido por alguém em um dado contexto. Desse modo, podemos dizer que os discursos são produzidos a partir de relações e fundamentos dialógicos nos quais os indivíduos situados em um determinado espaço e tempo, representam as ideologias concernentes ao contexto em que se inserem, uma vez que são formados socialmente, ou seja, os sentidos e os significados são responsáveis pela compreensão da realidade na qual o sujeito encontra-se imerso.

Na seção seguinte, discutiremos os gêneros discursivos na perspectiva Bakhtinianas, pois como já mencionado neste texto, a criação/uso de novos meios de comunicação, de novas mídias, ou seja, novos contextos e formas de interação social criam demandas por novos tipos de enunciados que intrinsecamente se conectam, se ligam aos mais diversos campos da atividade humana.

2.5 Gêneros discursivos nas práticas sociais

Iniciamos as acepções sobre os gêneros discursivos com algumas ideias discutidas por Bakhtin, (2016) - a primeira é de que o discurso é, antes de tudo, um ato humano na vida e outra é a de que uma palavra ou uma oração só se torna enunciado, quando um autor a assume para si, portanto o enunciado, é um ato de responsabilidade de seu autor. Acerca disso, compreendemos que o discurso é uma atividade fundamentalmente humana e social. É a forma pela qual os indivíduos se comunicam, compartilham ideias, expressam pensamentos, emoções e interagem uns com os outros.

O discurso não é apenas sobre palavras e frases; torna-se um enunciado quando um autor o emite conscientemente, assumindo responsabilidade por seu conteúdo e significado. O autor tem a intenção de comunicar algo específico e, ao

fazê-lo, se torna responsável pelo dito. Essa responsabilidade inclui considerações sociais e culturais sobre o impacto e a interpretação do discurso pelos outros. A combinação dessas duas perspectivas sugere que o discurso não é apenas uma atividade mecânica de produzir palavras, mas uma expressão consciente e responsável da pessoa que o emite. O discurso é uma maneira pela qual os seres humanos interagem, influenciam e são influenciados pelo mundo ao seu redor.

Compreender o que são gêneros discursivos a partir dos estudos do Círculo perpassa, inicialmente, pelo entendimento de que os discursos são materializados por meio da linguagem que se efetua em enunciados que intrinsecamente se conectam, se ligam aos mais diversos campos da atividade humana, constituídos por condições e finalidades específicas que se inscrevem em três elementos o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Ampliando essa acepção, Bakhtin (2016) explica que os enunciados se revestem pelo conteúdo temático, o estilo e a construção composicional moldados pelas condições específicas e objetivos de cada campo da atividade humana. Cada campo, como a ciência, a literatura, o jornalismo, o midiático, a cotidiana, entre outros, possui suas próprias normas, convenções e propósitos. Essas influências moldam a forma como os enunciados são estruturados e apresentados dentro desses campos. Nos escritos de Bakhtin (2016) podemos confirmar isso, quando ele afirma

os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana não só pelo conteúdo temático pelo estilo da linguagem [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] indissolavelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. [...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos os gêneros do discurso. (Bakhtin, 2016, p. 11-12).

À vista disto, compreendemos que a construção composicional de um enunciado, abarca além de sua estrutura, direcionados às escolhas de vocabulário, tom e estilo, influenciada pela natureza específica do campo de comunicação a que pertence. Cada campo possui suas próprias convenções linguísticas e estruturais que refletem suas finalidades e métodos.

Compreendemos, a partir de Faraco (2009), por estrutura composicional como estrutura da obra, que funciona como agente organizador do material discursivo em um determinado gênero. Em geral, pode ser compreendida como um conjunto de

etapas que realizam funções relevantes para a satisfação das demandas sociocomunicativas de uma prática. Por tema entendemos como os princípios de seleção dos assuntos, as formas de ver e de conceituar a realidade, o que inclui a profundidade e a orientação da abordagem e, por estilo, destacado por Bakhtin (2016) como elemento indissolivelmente ligado aos gêneros discursivos, definido como a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais de uma língua, aplicados a um texto, sob a coerção da forma composicional e da temática, elementos que, por sua vez, determinam o grau de liberdade expressiva concernente a um determinado gênero. Tal conceituação pode ser estendida a outras modalidades/semioses.

O estilo está relacionado à maneira única e individual como um autor, falante ou escritor utiliza a linguagem. É a marca distintiva de expressão de uma pessoa, refletindo sua personalidade, criatividade e escolhas linguísticas. A conexão entre gênero e estilo está na interseção entre a conformidade às convenções e características específicas de um gênero (padrões culturais) e a expressão individual e criativa do autor (estilo pessoal).

Bakhtin introduz a ideia de "gêneros do discurso" para descrever os tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados em cada campo de utilização da língua. Os gêneros do discurso são padrões de comunicação que se desenvolvem em resposta às necessidades recorrentes de cada campo. Por exemplo, na área jurídica, temos gêneros específicos como contratos, sentenças judiciais, petições etc. assim, como temos o campo midiático que asseverou uma gama diversificada de novos gêneros verbo-visuais. Cada um desses gêneros tem suas próprias características composicionais e estilísticas que são adequadas ao contexto de uso.

Essa perspectiva enfatiza a influência do contexto e da finalidade na construção dos enunciados, resultando na diversidade de gêneros do discurso, cada um adaptado às exigências particulares de um campo específico de comunicação.

Vale ressaltar que a riqueza e diversidade de gêneros do discurso são praticamente infinitas, dado o vasto leque de possibilidades na multifacetada atividade humana, que é extremamente diversificada e abrange uma ampla gama de áreas, como ciência, arte, política, comunicação cotidiana, tecnologia, entre outros. Cada uma dessas esferas tem necessidades comunicativas únicas, levando à criação de uma ampla variedade de gêneros do discurso. Desde relatórios científicos até conversas informais, a gama de gêneros é vasta e em constante evolução.

À medida que os campos da atividade humana se desenvolvem e se tornam mais complexos, novas necessidades de comunicação surgem, levando à elaboração de novos gêneros e à diferenciação dos existentes. Por exemplo, com o avanço da tecnologia, novos gêneros de comunicação, como tweets, memes, e-mails formais, entre outros, evoluíram e se tornaram essenciais para a comunicação contemporânea. O repertório de gêneros do discurso é dinâmico, sempre se adaptando e expandindo. Novos contextos, tecnologias, culturas e formas de interação social criam demandas por novos tipos de enunciados. Isso impulsiona a evolução contínua dos gêneros existentes e a criação de novos, resultando em uma gama praticamente ilimitada de formas de expressão. Ao pensarmos na arte conceitual como gênero discursivo, devemos levar em conta o que discute Sobral (2009).

Quando se fala em gênero discursivo do ponto de vista do Círculo, fala-se de algo que é ao mesmo tempo estável e mutável. O gênero discursivo é estável porque conserva traços que o identificam como tal e é mutável porque está em constante transformação, se altera a cada vez que é empregado, havendo casos em que um gênero se transforma em outro (Sobral, 2009, p. 115).

A compreensão desses pontos destaca a natureza em constante transformação e expansão dos gêneros do discurso, refletindo a riqueza da atividade humana e suas interações comunicativas. Os gêneros do discurso não são estáticos; eles evoluem em resposta às necessidades e à dinâmica da sociedade, revelando a profundidade e a adaptabilidade da linguagem na comunicação humana.

Outro aspecto importante relaciona-se à complexidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos, bem como a distinção entre gêneros primários e secundários. Bakhtin (2016) destaca

jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) - não se trata de uma diferença funcional. (Bakhtin, 2016, p. 15).

Ampliando essa ideia acerca da complexidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos, bem como da distinção entre gêneros primários e secundários, compreendemos que cada gênero discursivo pode ter características distintas em termos de estrutura, estilo, finalidade, audiência e contexto de uso. Definir a natureza

geral do enunciado pode ser desafiador devido à diversidade dos gêneros discursivos. Cada enunciado é moldado pela sua finalidade e contexto específicos. A compreensão da natureza do enunciado muitas vezes requer uma análise contextual e situacional.

A distinção entre gêneros primários (simples) e secundários (complexos) não se baseia na funcionalidade, mas sim na complexidade estrutural e composicional. Gêneros primários são enunciados mais simples e diretos, como uma conversa informal entre amigos, ou seja, se formam em condições de interação discursiva imediata. Já os gêneros secundários surgem em condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, envolvendo estruturas textuais mais sofisticadas, sendo predominantemente escritos.

Essa diferenciação ajuda a reconhecer que a complexidade dos gêneros discursivos não se limita à sua função, mas também à sua estrutura e à maneira como são compostos. Isso destaca a necessidade de considerar uma ampla gama de fatores, incluindo o contexto, a intenção do autor e a estrutura do enunciado, ao analisar e compreender os gêneros discursivos, ou seja, são moldados pelo contexto social e histórico no qual são produzidos e utilizados.

Destacamos também que a ideologia de um grupo ou da sociedade também desempenha um papel crucial na determinação dos gêneros discursivos. As crenças, visões de mundo, sistemas políticos e culturais de uma comunidade moldam os temas, a linguagem e a estrutura dos enunciados. Os gêneros discursivos muitas vezes refletem e reforçam as normas e valores ideológicos predominantes e, também, refratam.

Para compreendermos o que são, como são constituídos e produzidos os gêneros discursivos, devemos levar em consideração não apenas suas características intrínsecas, mas também sua relação com o contexto social mais amplo. Entender o contexto social, histórico e ideológico nos ajuda a interpretar o significado, a intenção e a influência desses gêneros na sociedade em que são utilizados. Os gêneros discursivos não são entidades isoladas, mas reflexos dinâmicos e interconectados da cultura e da sociedade.

A concepção de gênero discursivo de Bakhtin está intrinsecamente ligada à perspectiva dialógica da linguagem, que enfatiza a interação, a socialização e o uso contextual da linguagem. Os gêneros discursivos são produtos dessa interação social

e sua compreensão plena só é possível quando consideramos o contexto no qual são produzidos e utilizados.

Com essa afirmação terminamos esta seção, pois compreender, atribuir e produzir os sentidos aos gêneros discursivos, requer de um indivíduo, participação ativa nas práticas de leitura e escrita, nessa seara, entram os estudos de letramentos, que discutiremos no próximo item.

3. ESTUDOS DE LETRAMENTOS

O termo letramento tem sido ressignificado e expandido à medida que surgem novas modalidades de práticas sociais que implicam não apenas em saber ler, escrever, mas sim, atribuir sentidos às mais diversas demandas sociais. O letramento, segundo (Kleiman, 2008, p. 11) pode ser compreendido como um conjunto de práticas sociais, em que os significados culturais, assim como as relações de poder e de identidades sociais, constituem papel central.

Nessa perspectiva, o que prevalece são os modos como os sujeitos constroem significados a essas práticas. O letramento não ocorre isoladamente; ele é moldado pelas interações sociais, contextos culturais e relações interpessoais. Segundo Barton e Hamilton (2004) o letramento

não reside simplesmente na mente das pessoas como um conjunto de habilidades a serem aprendidas, e não apenas jaz sobre o papel, capturado em forma de texto para ser analisado. Como toda a atividade humana, letramento é essencialmente social e se localiza na interação interpessoal. (Barton e Hamilton, 2004, p. 109)

Seguindo essa perspectiva, o letramento caracteriza a condição letrada de um sujeito, que ocupa um determinado lugar da sociedade, vive em um contexto histórico e particular de sua trajetória pessoal e social. Ser letrado, nessa perspectiva, é perceber-se socialmente em relação à história, a sua e dos outros. Sobre isso Gee (2001) argumenta que um sujeito letrado tem de si, dos outros, das relações de poder e dos objetos/artefatos disponíveis para participar de práticas sociais.

O termo letramento, traduzido do inglês *literacy*, surge em resposta às mudanças históricas das práticas sociais, das novas necessidades sociais, do uso da leitura e da escrita (Soares, 2005). Os estudos de letramento no Brasil, iniciaram em meados da década de 80, tendo, dentre outras, Magda Soares como uma das

precursoras. Para a autora, a concepção de letramento não incide somente em práticas sociais de leitura e de escrita, para ela, letramento é “o estado ou condição de indivíduos, ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento.” (Soares, 2002, p. 145).

Sobre essa concepção compreendemos que o letramento não consiste apenas no domínio do sistema da escrita, está para além disso, centra-se na capacidade do indivíduo em participar ativamente de práticas de leitura e escrita, requerendo e, ao mesmo tempo, propiciando ao indivíduo habilidades, atitudes e competências discursivas e cognitivas que os coloque em determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada, mantendo-o com os outros e com o mundo que os cerca, formas diversas de interação sociais.

Ou seja, o letramento não é meramente um conjunto de práticas e habilidades funcionais, mas, sim, um conjunto de práticas sociais associadas à identidade e a uma posição social. À vista disso, constatamos que é a abordagem do letramento, enquanto prática social, que fornece maneiras de construir sentidos sobre as variações nos usos e nos significados do letramento.

Os estudos do letramento desenvolvem-se já há algumas décadas e, são muitas as inferências, teóricas, empíricas, profissionais e políticas, engajadas por pesquisadores e estudiosos. Nessa seara, Street, (2012, p.82), argumenta que no campo da antropologia, autores como Goody (1968, 1977), contrapondo a ideia de letramento desenvolvida anteriormente, associa o letramento aos avanços no processamento cognitivo e a mudanças radicais na natureza da sociedade, dividindo a sociedade em pré-letradas e letradas. Essa acepção, assim como a denominada, por Street (2003), como modelo autônomo de letramento pressupõe que haja apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social”, são consideradas equivocadas e inválidas para os novos estudos do letramento.

As abordagens de estudos sobre os letramentos que se opõem ao modelo “autônomo” apresentam-se sob a perspectiva sociocultural, empreendidas por autores como Gee (1990); Barton (1994); Street (1984), entre outros, os quais a partir de pesquisa etnográfica ou modelo ideológico do letramento, visam compreender aquilo que realmente acontece ao invés de tentar provar o sucesso de uma intervenção

específica, ou em “vender” uma determinada metodologia de ensino ou de gestão, trata-se de uma mudança nas práticas letradas do passado.

Além do reconhecimento da natureza social do letramento, o caráter múltiplo de suas práticas é base fundante para esse estudo. Nesse sentido, os conceitos de eventos de letramento e de práticas de letramento são cruciais, já que o “letramento é mais bem compreendido como um conjunto de práticas sociais, passíveis de apreensão a partir de eventos em que as relações intersubjetivas são mediadas por textos escritos” (Hamilton; Barton; Ivanic, 2000).

Esses pesquisadores, entenderam que as pessoas recorrem a diferentes tipos de letramento, relacionando-os aos usos que fazem da escrita, consequentemente, associados aos diversos domínios da vida. Em outras palavras, as práticas de letramento engendram aspectos gerais de cultura, envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais que sustentam os usos da modalidade escrita.

As práticas de letramento podem ser descritas como maneiras culturais de uso do letramento que não podem ser observadas em sua totalidade, já os eventos são compreendidos como atividades nas quais o letramento tem uma função, representa episódios observáveis, os quais se formam e se constituem através dessas práticas. São os momentos nos quais os textos comungam a interação dos participantes e seus processos interpretativos.

Street (2003) destaca que o conceito de evento direciona a atenção a uma situação específica de leitura e/ou escrita, envolvendo a interação entre o sujeito, o texto e o processo interpretativo. Isso pode abranger uma variedade de contextos, como eventos acadêmicos, leitura de jornais, interação nas redes sociais, leitura de memes, redação de e-mails, atos cotidianos como pegar um ônibus ou buscar informações sobre o caminho, entre outros.

No entanto, o autor ressalta que analisar um evento de maneira isolada e descontextualizada permanece descritivo e não proporciona clareza sobre como os sentidos são construídos nesse processo. Portanto, a compreensão do evento deve ser enraizada em seu contexto mais amplo, levando em consideração as dinâmicas sociais, culturais e interpretativas que moldam a produção de significados.

Embora o conceito de letramento seja reconhecido como heterogêneo, complexo e multifacetado, percebe-se um deslocamento ou movimento em sua concepção ao longo do século XX. Esse deslocamento reflete uma compreensão mais ampla e plural do letramento, influenciada pela diversidade e complexidade das

linguagens, quando postas em uso no fluxo discursivo, desencadeiam significados múltiplos.

Em outras palavras, muitos tipos de uso da língua em contextos também diversos e distintos, o que autoriza, também, a conceituação do letramento em sua versão plural - letramentos. Soares corrobora essas ideias ao afirmar que “diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos” (Soares, 2002, p. 156).

Compreendemos, então, que letramentos, no plural, surgem em decorrência das várias mudanças sócio-histórico-cultural, pois, a vida na contemporaneidade é impactada pelas rápidas e constantes mudanças, que perpassam pela vivência cotidiana, do trabalho, do lazer, da cidadania, das relações pessoais, enfim, todas as práticas socioculturais das quais o ser humano participa. Por isso, o letramento assume algumas dimensões que deem conta de situar o indivíduo em um mundo multicultural, interconectado e globalizado.

Em decorrência das mídias digitais, que cada vez mais disseminam textos que agregam em seu plano discursivo as linguagens verbal e visual, faz-se necessário ampliar as formas compreensão desses textos, visto que os sentidos não se centralizam mais em única linguagem e, sim, na combinatória de linguagens, articulada em um único projeto discursivo, no qual participam com a mesma força e importância. Do mesmo modo, como vimos anteriormente na seção Múltiplas linguagens: transformações socioculturais, as situações culturais e sociais se expandiram, havendo uma eclosão de diversificados textos, que variam a depender do contexto em que estão situados - no local de trabalho, na vida pessoal ou em outros domínios sociais.

Nessa perspectiva, alargou-se a epistemologia do pluralismo, levando-nos a depreender que os sentidos são produzidos na e pela articulação e integração do que está escrito, do que é visto, do que é vivido, do que se ouve etc., em outras palavras, a interação entre as linguagens é crucial para a produção dos sentidos, pois são impactadas e/ou influenciadas pelos usos sociais, culturais e históricos a fim de realizar funções sociais.

Na atual conjuntura social, em que o acesso à informação, aos meios de comunicação e à diversidade de interação social, intermediada pela tela do computador e pelo celular, ser letrado é compreender, por um lado, “a multiplicidade de linguagens e mídias envolvidas na criação de significação para os textos e, por

outro, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação (Rojo, 2013).

Logo, entendemos que, partindo do pressuposto que os discursos são realizações de práticas sociais, socialmente construídos, em contextos sociais específicos e que os sentidos são processos dinâmicos, fluidos, se caracterizam nas diferenças e na necessidade de negociá-lo socialmente, podemos, então, dizer que os sentidos são sempre reformulados, contínua e ativamente, pois cada indivíduo os atribui sempre de uma nova maneira, à sua maneira. Ou seja, os sentidos são essencialmente culturais, sociais e ideológicos, dado que representam visões de mundo de diferentes sujeitos em contextos também diferentes.

A fim de expandir o arcabouço teórico dos estudos de letramentos, a subseção seguinte vem explicitar o que se compreende quando se faz referência ao letramento crítico. Estes serão empreendidos na discussão das análises dos dados.

3.1 Letramento crítico

Paulo Freire foi um grande influenciador nos estudos de letramentos. Embora, ele não usasse esse termo, a acepção que ele atribuiu à alfabetização, apresenta um estreito diálogo com o conceito de letramento na perspectiva crítica, sendo citado nos principais textos de Maclaren (1987), Street (1984), Gee (1994) entre outros pesquisadores, considerados fundadores desse campo de estudos (Baltar, 2012, p. 308).

Muitas foram as contribuições de Paulo Freire no tocante às práticas de leitura e aos usos sociais da escrita, orientadas ao desenvolvimento do pensamento crítico - que concerne em ver o mundo a partir de múltiplos pontos de vistas, não se limitando ao que se apresenta nos textos como verdades, ao contrário disso, para Freire (2006), pensar criticamente é ter uma atitude investigativa, questionadora, e isso, não pressupõe apenas habilidades mecânicas ou saber as regras distanciadas de seus usos.

Na perspectiva do letramento crítico, para ser participante ativo das diversas práticas de leitura e usos sociais da escrita, essas devem ser orientadas para a emancipação e o empoderamento dos sujeitos envolvidos nas atividades sociais contemporâneas, mediadas pela linguagem. Ser letrado na perspectiva do letramento crítico requer do indivíduo o entendimento de que os sentidos são produzidos em um

mundo sempre em construção, que os discursos são atravessados por diferentes visões de mundo, culturas, valores e, por essa razão, não podem ser compreendidos fora dos contextos que o interpelam.

O letramento crítico concede ao indivíduo o poder de participar de letramentos dominantes, de questionar a realidade em torno de si, e isso não envolve apenas o conhecimento de regras a serem obedecidas, fatos a serem aprendidos e autoridades de conhecimento a serem seguidas. O desenvolvimento do espírito crítico requer que os sujeitos assumam uma postura contra hegemônica, sejam capazes de conjecturar a partir de sua maneira de ver e ser no mundo.

Nesse pleito se instaura o letramento crítico, chamado também de uma educação pós-moderna, definida como aquela que possibilita a criação de espaço para modos de expressão que foram historicamente desvalorizados e abafados, contrapondo-se aos discursos dominantes, predeterminados e preestabelecidos. Aronowitz e Geroux (1991) denominam isso de uma “pedagogia fronteira da resistência pós-moderna” definida como aquela nas quais as identidades sociais se constroem, quando os sujeitos, por suas próprias vozes, confirmam e engajam criticamente o conhecimento e suas experiências, sendo necessário, para tal, na perspectiva dos letramentos críticos que haja, conforme explicitado na obra *Letramentos* (2020), um certo tipo de introspecção por parte do indivíduo, sobre suas posturas e atitudes em relação às diferenças (deficiências, sexualidade, raça, etnia, gênero etc.).

Nessa perspectiva compreendemos que o letramento crítico constitui uma prática político-social e historicamente situada que fornece aos sujeitos “uma melhor ‘leitura’ do mundo e, conseqüentemente, oportunidades de ‘reescrevê-lo’ para abordar seus interesses, identidades e aspirações mais igualitariamente” (Lankshear e McLaren, 1993). Nesse sentido, o letramento crítico tem como foco a transformação social. Nas palavras de Lankshear e McLaren (1993) o letramento crítico foi definido como

[...] formas com que práticas sociais e concepções de leitura e escrita possíveis e reais capacitam sujeitos humanos a entender e engajar-se em políticas da vida diária na busca por uma ordem social mais verdadeiramente democrática (Lankshear e McLaren, 1993, p.468).

A partir dessa acepção, aventamos que o letramento crítico reside na habilidade que o sujeito possui de interagir no mundo, por meio das práticas sociais diversas, de maneira ativa e reflexiva, levando-o a compreender as relações de poder,

de desigualdade e de injustiça na sociedade, com vistas à transformação social. Nesse aspecto consiste a diferença entre letramento dominante e o letramento crítico, ou seja, a distinção reside na forma do indivíduo acessar ao poder - compreendendo os valores e crenças marcados institucionalmente. Sendo requerido, para isso, a percepção dos não-ditos, dos implícitos, a participação ativa nos discursos, percebendo quais vozes operam e os constituem, quais posições ocupam os sujeitos que os produzem e, também, os seus interlocutores, bem como as implicações provenientes dessas relações.

Expandido essa afirmação, encontramos em Carbonieri (2016) argumentos que sustentam a ideia de que ser um sujeito letrado criticamente, incide, prioritariamente, em ser questionador do poder, assim, percebendo a relação existente entre discurso institucionalizados com as ideologias, identidades que os concernem. Sobre isso, Carbonieri (2016) diz

O letramento crítico interroga as relações de poder, os discursos, ideologias e identidades estabilizados, ou seja, tidos como seguros ou inatacáveis. Proporciona meios para que o indivíduo questione sua própria visão de mundo, seu lugar nas relações de poder estabelecidas e as identidades que assume. Alicerça-se no desafio incansável à desigualdade e à opressão em todos os níveis sociais e culturais. Nesse sentido, o letramento crítico só pode ser uma prática descolonizadora que busque interromper a colonialidade do poder ainda em curso. (Carbonieri, 2016, p. 133).

A partir disso, compreendemos que o letramento crítico pode ser descrito como uma condição que se constrói a partir de uma visão de mundo pós-moderna e descolonizadora, visa a fornecer ao indivíduo a capacidade de ser um agente transformador do mundo. Lankshear e MacLaren (1993) descrevem que o ser crítico está ligado a uma busca “consciente guiada pela intenção de mudar a compreensão [que temos] do mundo e, no mesmo processo, mudar o próprio mundo que habitamos e estamos tentando entender”.

Expandindo esse conceito, Luke (2004, p.21) afirma que ser crítico é apropriar-se de “textos e discursos para construir e negociar identidades, poder e o capital”. Em ambas as perspectivas verificamos que ser crítico é um modo de problematizar o mundo, experienciado nas práticas sociais às quais os sujeitos participam, é perceber que o poder atua nas relações micro e macro, nas instâncias locais e globais, e que toda forma de poder não deve ser naturalizada sem antes questioná-la.

Correlacionamos as acepções apresentadas acima, ao conceito de conscientização de Freire (2006), que a define como

um esforço crítico de compreensão consciente do mundo sócio-histórico e sua relação com a leitura e a construção do conhecimento através de um entendimento da linguagem e os processos de formação de significação. (Freire, 2006, p.247-248.)

Compreender o letramento crítico, bem como os Novos Estudos do Letramento, é perceber que, por serem conceitos plurais e multifacetados, não devem ser encarados de forma estanque, já que trazem em sua constituição, contribuições de outras teorias que postas em confluência formam o arcabouço teórico do LC³. O termo “crítico” é comumente utilizado em diversas áreas há algumas décadas, como nos estudos da linguagem (compreensão crítica, leitura crítica, análise crítica do discurso), nas áreas da educação (pensamento crítico, pedagogia crítica), na filosofia, nos estudos culturais etc. Essa expressão circunda todas as áreas em todos os momentos. A fim de exemplificar, Daniel Cassany e Josep M. Castellà (2010) traçaram por meio de um esquema a confluência de teorias que formam o pensamento do LC.

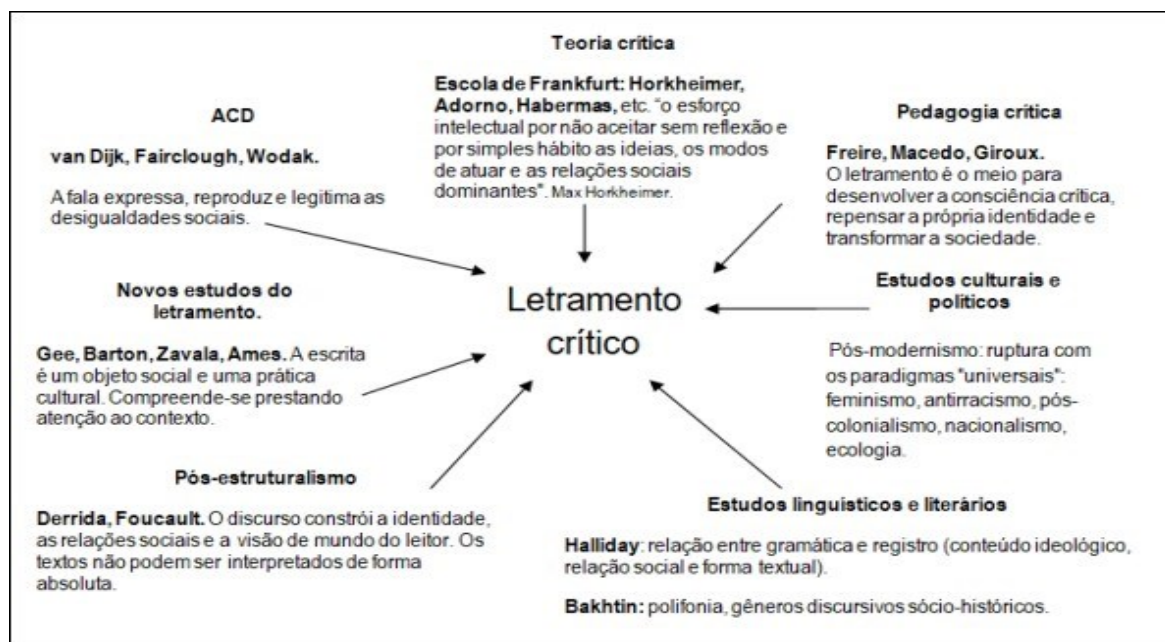


Figura 1: Mapa das raízes do conceito⁴

³ Letramento crítico.

⁴ Fonte: Cassany e Castellà (2010, p. 358, tradução nossa)

Segundo os autores Cassany e Castellà (2010), todos esses Estudos elencados no quadro, corroboram para o desenvolvimento do letramento crítico. Dos estudos apresentados, os que mais dialogam com o trabalho aqui desenvolvido, são dos Novos Estudos do letramento, da Pedagogia Crítica, dos Estudos Culturais e Políticos e dos Estudos Linguísticos e Literários desenvolvidos por Bakhtin. Esses estudos se complementam, estabelecem, em certa medida, um diálogo, que nos possibilita compreendermos a abrangência do letramento crítico. É possível observar que esses Estudos se direcionam para uma visão social das práticas de letramentos e de participação no mundo e, também, para a não passividade dos indivíduos perante os discursos.

A partir das conceituações apresentadas percebemos que coadunam e se fecham com o pressuposto apresentado por Cassany e Castellà (2010) que acreditamos ser um importante argumento sobre o que é ser letrado criticamente. Segundo os autores, ser crítico

implica, [...] não ser dogmático, mas relativista. Mas também existem limitações à ideia de que “todas as interpretações são possíveis e igualmente válidas. Sem dúvida são todas respeitáveis se forem respeitadas. Elas também são todas verdadeiras - assumindo que elas realmente existiram em um contexto real particular e determinados e que eram honestos. Mas elas não são todas iguais em grau de significância, coerência ou plausibilidade, há interpretações delirantes e desconectadas do texto e do contexto, que precisam ser melhoradas, e há também outras tortuosas e maliciosas, que devem ser desnudadas.”⁵ (Cassany e Castellà, 2010, p. 366)

Assim, entendemos que o letramento crítico enfatiza a conexão entre linguagem, poder, ideologia, questões políticas, sociais e culturais, para mais objetiva desenvolver nos indivíduos o poder de se perguntar e refletir sobre os diferentes discursos presentes no mundo, mas não ingenuamente, é preciso ser atento ao contexto sobre o qual os discursos dominantes ou não, são propagados. Dito isto, concluímos este capítulo, ressaltando que os sentidos são produzidos e atribuídos,

⁵ No original: Ser crítico implica, como hemos dicho, no ser dogmático sino relativista. Pero también existen limitaciones a la idea de que “todas las interpretaciones son posibles e igualmente válidas”. Sin duda todas son respetables si son respetuosas. También son todas ciertas – en el supuesto de que efectivamente hayan existido en un contexto particular real y determinado y de que fueran honestas. Pero no todas consiguen el mismo grado de significación, coherencia o plausibilidad. Hay interpretaciones delirantes y desconectadas del texto y del contexto, que necesitan ser mejoradas, y las hay también tortuosas y malintencionadas, que deben ser puestas al descubierto.

por nós, seres humanos, desde antes da escrita e, nesse sentido, discutiremos na próxima subseção, as articulações entre a verbo-visualidade e os letramentos crítico.

3.2 Articulações verbo-visuais no letramento crítico

Nesta seção, a fim de estabelecermos articulações entre a verbo-visualidade e o letramento crítico, ou ainda, o caminho percorrido pela linguagem materializada em diversos modos de significação, é fundamental compreendermos como nós, seres humanos, criaturas globais, produzimos os sentidos ao longo da história. Faremos isso cronologicamente, mais especificamente, demonstrando em três momentos históricos - pautados em Kalantzis & Cope e Pinheiro (2020), chamados de as “três globalizações”, como a verbo-visualidade se articula aos letramentos. Esses períodos ocorreram por transições longas e curtas, sendo as duas primeiras globalizações descritas, aqui, neste subitem, de forma objetiva, sem muitos pormenores, dada a finalidade deste estudo. Já, a terceira globalização, por suas implicações mais evidentes nos modos como os sentidos são produzidos e reproduzidos, exigindo, assim, novos letramentos e, na mesma esteira, o letramento crítico, será mais amplamente discutido.

A primeira globalização, na perspectiva desses autores, é datada pelo início da existência da espécie humana, onde se convencionaram e nasceram as “primeiras línguas” - utilizadas por povos que se espalharam, ocupando diversos territórios da Terra - tornando-se, cada qual um povo diferente, falando diferentes línguas. Já nesse período, asseveramos a importância da linguagem, como atividade humana que adquire formas variadas, na proporção em que o ser humano passa de um grupo social para outro, constituindo, portanto, a linguagem, de uma herança histórica, configurada em um produto social convencionado e socialmente compartilhado, que possibilita e estabelece a interação e a compreensão entre os partícipes de um determinado grupo e contexto. As primeiras línguas, que também podem ser chamadas de culturas indígenas, originalmente representava e comunicava os sentidos sem fazer uso de caracteres ou escrita alfabética.

Estas línguas são caracterizadas por serem complexas em razão de sua diversidade linguística, da alternância nos modos de produzir os sentidos, além de serem consideradas flexíveis e mutáveis, pois uma mesma palavra poderia apresentar

sentidos variados a depender do grupo que a utilizasse, sobre isso, Kalantzis; Cope; Pinheiro (2020), explicam

isso é essencial, porque define a relação precisa de um indivíduo em particular com um lugar particular. [...] o significado ocorre em formas complexas de sobreposição que se conectam intimamente a uma compreensão socialmente compartilhada de lugares e de relações de pessoas com esses lugares e entre si. (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020, p. 40)

Esses povos participavam do que hoje conhecemos como a cultura do oral, que na perspectiva do letramento moderno é vista ainda como inferior. No entanto, os estudos acerca do uso social dessas línguas revelam que sua dinâmica complexa comprova a enorme capacidade do ser humano, participe desses grupos sociais, em produzir sentidos de maneira muito sofisticada. Em detrimento de sua complexidade, o termo “civilização cinestésica⁶” foi atribuído, a fim de contemplar a capacidade dessas pequenas populações em criar formas diversificadas de estabelecer e atribuir os sentidos, característica essa, muito latente atualmente. Essas línguas foram entrando em declínio com a chegada da segunda globalização, marcada pelo início da escrita.

O contexto sociocultural da segunda globalização diferencia-se da primeira - prioritariamente pelo fato de oferecer menos espaço para a negociação de sentidos, pois seus sistemas começaram a ser padronizados e homogeneizados. A escrita passa a ser uma ferramenta de manutenção do poder, a criação da imprensa por Gutemberg em 1450, instaura uma nova fase - uma nova lógica social é estabelecida e, logo, propagada pela educação de massa institucionalizada.

Sabemos que o domínio da escrita e da leitura, possibilitou a nós a participação na cultura e ampliou o acesso ao conhecimento, no entanto, a cultura letrada da época, valorizavam as formas rígidas da escrita e, por consequência, os sentidos também eram estabilizados, em outras palavras, a cultura letrada - era muito menos capaz de lidar com as mudanças, sejam elas relativas à linguagem, à cultura, às relações sociais de modo geral. Além disso, pelo fato de a escrita assumir um papel privilegiado de produção de sentidos, outras materialidades, como a imagem, o gesto,

⁶ KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. Letramentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 40

o som foram consideradas, pela cultura letrada, não importantes, ou seja, não eram fontes legítimas de sentidos, diferindo muito da primeira globalização.

Enfim, na terceira globalização, final do século XX e início do século XXI, “período que abrange a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital” Santaella (2007), vivenciamos e temos vivenciado grandes transformações decorrentes de mudanças tecnológicas de comunicação, as quais impactam significativamente nos modos e nas formas como os sentidos são produzidos e reproduzidos, consequentemente, deixando de ser, a escrita, o modo mais eficaz de veicular os sentidos. Canclini (2008) atribui às novas tecnologias de comunicação as mudanças nas formas de ver, ler, falar, escrever e de se relacionar. Esse momento marca o começo de uma época de mudanças inconversíveis, nos modos como as pessoas se relacionam com a linguagem, para produzir sentidos no mundo.

Desde a criação da imprensa até a sociedade midiática, houve uma reprodução infinita de textos e imagens, promovendo a mediação das relações entre as pessoas e delas com o mundo pelos meios tecnológicos de comunicação. Da invenção da fotografia ao cinema que produziram pela primeira vez a imagem em movimento, evoluindo para a unificação da imagem e som, o surgimento das mídias analógicas - a exemplo a rede televisa que adentra na sociedade, rompendo os muros levantados pela cultura letrada que segmenta a sociedade entre indivíduos letrados e não letrados. O audiovisual entra em cena com força, tornando-se uma linguagem perene, exercendo cada vez mais o poder sobre a hegemonia do verbo - da escrita. Como consequência, somos cada vez mais tomados pela alternância dos modos de produção dos sentidos.

A linguagem verbo-visual se amplifica à medida que se amplificam os meios de comunicação, afetando sobremaneira os modos de interação entre as pessoas e, também, como se relacionam com a realidade imediata.

Com a globalização, a migração de populações pelo planeta, a indústria cultural mundializada, a mediação tecnológica das relações entre as pessoas e destas com a realidade e a emergência de uma sociedade baseada principalmente na imagem e no audiovisual provocam uma súbita ruptura nos limites da cultura, alterando decisivamente as formas de ser e pensar do homem. (Costa, 2002, p.57).

Estamos imersos no mundo perpetuados pelo áudio/verbo-visual, as distâncias são encurtadas, os limites das culturas são rompidos, em decorrência da cultura do digital, dos dispositivos móveis. Estamos na era de comunicação por imagens – primeiro a fotografia, depois o cinema e a televisão, e agora a computação multimídia. Os novos meios de comunicação configuram em novas lógicas de identidades e pertencimento no mundo, desestabilizando a homogeneidade da língua, da cultura, das relações sociais, com isso, conforme descreveram Kalantzis & Cope e Pinheiro (2020), há retorno parcial à diversidade linguística das chamadas primeiras línguas, à sinestesia, à divergência, ao multilinguismo e à diversidade profunda.

Este cenário de rápidas e constantes mudanças resultantes da globalização e das novas tecnologias, que nos colocam em diferentes contextos de uso dos modos de significação, da congruência do verbo, da imagem, os quais produzem sentidos de forma unificada, isto é, sendo ambas as materialidades igualmente importantes e, somado a isso, a diversidade cultural e social em que a língua assume formas distintas - o multilinguismo chamado por Gee (1999) de “línguas sociais”, implicam em perspectivas abrangentes de letramentos, em outras palavras, é exigido o letramento crítico.

Na perspectiva do letramento crítico, nenhum texto é neutro e, portanto, a educação deve ser social, cultural e ideologicamente orientada (Baretta, 2009). Considerando que texto não se restringe apenas aquele que se materializa sob o plano linguístico, mas sim da articulação de diferentes linguagens - atribuir sentidos aos textos verbo-visuais ou somente visuais, ou somente verbais - em sua plenitude, requer uma leitura crítica que compreende acessar textos com o intuito de entender as relações entre poder e dominação. Em outras palavras, compreender os sentidos na perspectiva crítica presume promover emancipação nas visões de mundo e até mesmo ação social transformadora. (Hull, 1993; McLaren, 1989; Unesco, 1975).

O uso articulado de imagens e palavras, em um texto verbo-visual - se complementa na produção de sentidos, sendo ambas a imagem e a palavra, participantes de uma relação dialógica produtora de sentidos, os quais ora convergem, ora divergem entre os modos representados entre si. A compreensão dos sentidos ajusta-se aos fatores socioculturais - as diversidades linguísticas e culturais de um mundo globalizado que atribuiu tanto para as palavras quanto para as imagens os mais diversos processos comunicativos humanos, materializados sempre de forma dinâmica, pelas vias interacionais entre os sujeitos, o texto e o mundo.

As diferentes formas de produzir os sentidos na contemporaneidade são intercambiados pelo uso das linguagens, as quais têm propiciado a ressignificação dos processos interativos, bem como reflexões sobre como os textos têm se materializado nas práticas sociais pós-modernas. Os usos das linguagens verbais e não-verbais, são motivados por questões sociais, culturais, políticas, intimamente ligadas às relações de poder - por isso ideológicas, articuladas e concebidas por diferentes sentidos sociais e culturais.

Ao levar em conta que nenhum texto pode ser lido, visto, compreendido como atemporal, universal ou não-tendencioso, pelo viés do letramento crítico, a linguagem é um meio no qual a construção dos sentidos desempenha funções em contextos sociais, sendo esse o princípio estendido às imagens. Em outros termos, a linguagem não verbal deve ser vista como algo potencialmente produzido por um sujeito socialmente localizado, cujos interesses podem estar nela inseridos a fim de se alcançar ou reforçar alguma crença, ideologia, poder ou preferência pessoal do autor/produtor.

Logo, compreender os sentidos de textos verbo-visuais há a necessidade de serem lidos criticamente - ou seja, problematizando-os por meio de uma análise que extrapole o que está posto, que sejam reconhecidos os não-ditos, os implícitos, os seus elementos (extra) imagéticos ou linguísticos, a fim de reconhecer quais discursos versam no texto, se há ou não grupos privilegiados ou socialmente dominantes sendo retratados em detrimento de outros grupos, ou vozes silenciadas, ou excluídas. Por essa razão, discutiremos na próxima seção, aspectos relacionados à leitura.

4. LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Muitos são os estudos desenvolvidos ao longo das últimas décadas acerca da leitura. Diferentes linhas teóricas apresentam concepções, estratégias, processos de leitura, em perspectivas diversas para a construção e atribuição dos sentidos - recaindo a ênfase, em algumas linhas, sobre o leitor, investigação sustentada pelas ciências psicológicas – a Psicolinguística e a Psicologia Cognitiva Kleiman (2004) e outras sobre o texto, vertente teórica de abordagem psicossocial - a Linguística Textual (coincidindo o auge dos estudos da leitura com o dos estudos sobre o texto).

Neste trabalho partimos do entendimento que leitura é uma prática social, concepção que surge com a emergência dos estudos do letramento, desenvolvidas

no início da década de 90, que compreende o processo de ler não somente como um ato cognitivo, mas, que de acordo com Kleiman (2004) corresponde a uma atividade contextualizada, moldada pelas diferentes situações em que ocorre.

Isso significa que como as pessoas leem, o que leem e com que finalidade pode variar de acordo com diversos fatores, como as histórias pessoais e sociais dos leitores, as características da instituição em que estão inseridos, o grau de formalidade ou informalidade da situação de leitura e o objetivo da atividade de leitura. Todas essas variáveis contribuem para a diferenciação e multiplicidade dos discursos que envolvem os sujeitos e determinam os diferentes modos de leitura. Como assevera Kleiman

[...] a leitura como prática social, específica de uma comunidade, os modos de ler inseparáveis dos contextos de ação dos leitores, as múltiplas e heterogêneas funções da leitura ligadas aos contextos de ação desses sujeitos. Os modos de ler interessam pelo que nos podem mostrar sobre a construção social dos saberes em eventos que envolvem interações, textos multissemióticos e mobilização de gêneros complexos, tais como uma lição numa aula versus um cartaz numa assembléia versus um panfleto numa troca comercial. (Kleiman, 2004, p.15)

Nessa perspectiva reconhecemos que a leitura é uma atividade profundamente enraizada em contextos culturais e sociais, e que a compreensão da leitura exige a consideração desses contextos e variáveis.

Para Leffa (1996), texto ou leitor são igualmente importantes. O autor argumenta que a leitura é um fenômeno complexo que envolve interações entre o leitor e o texto. Nesse processo, o leitor mobiliza uma série de habilidades e conhecimentos para compreender e produzir os sentidos sobre o que está sendo lido.

O texto, por sua vez, é uma representação simbólica da realidade e reflete informações, ideias e sentidos que são compartilhados entre o autor e o leitor. A leitura envolve a decodificação das palavras, a compreensão das estruturas gramaticais e o reconhecimento de símbolos e signos. Além disso, a interpretação do texto depende das experiências, conhecimentos prévios e perspectivas do leitor. Ou seja, a leitura é um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto (Leffa, 1999, p.24).

A leitura é um processo dinâmico de construção e atribuição de sentidos e de comunicação que conecta todos os participantes - autor, leitor e o mundo ao seu redor. Atribuir sentidos a um texto é um ato de interação, em que cada indivíduo contribui

para a construção e reconstrução dessa experiência única. De acordo com Soares (2005) “a leitura é interação verbal entre indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; entre os dois: enunciação e diálogo”.

Ampliando a argumentação da autora, asseveramos que a leitura vai além de entender apenas o significado das palavras. Ela envolve uma compreensão mais profunda da relação entre o texto, o leitor e o mundo. Outrossim, Freire e Macedo apud Sousa e Moutinho (2020) corroboram com essa argumentação, ao explicitar que leitura em uma perspectiva que leve em conta a interação e a criticidade nos permite analisar como o contexto influencia a forma como os sentidos são construídos.

Além disso, de acordo com Leffa (1999), é comum que os leitores se deparem com textos que não foram diretamente destinados a eles. Para compreender tais textos, é necessário que eles utilizem seu conhecimento prévio e sua bagagem cultural para a produção dos sentidos expressos no texto. Contudo, ocasionalmente, eles podem enfrentar dificuldades em atribuir ou produzir os sentidos devido à falta de informações contextuais necessárias.

Acrescentamos a isso que a leitura envolve habilidades estratégicas que vão além da simples decodificação ou extração do que está na superfície do texto, pois antecipar os sentidos do texto e dominar os diferentes gêneros discursivos são elementos indispensáveis para uma leitura. Para além disso, não podemos negligenciar também o aspecto crítico da leitura, pois a atribuição e produção dos sentidos do texto é influenciada tanto pelo perfil individual de cada leitor quanto pelas expectativas e contextos sociais que permeiam o ato de ler.

Consoante os autores Vieira e Motter (s/d), a leitura é um processo essencial para a construção de sentidos, no qual o leitor não é um mero espectador passivo. Para compreender os sentidos, o leitor utiliza sua cultura, seus métodos interpretativos e os discursos que permeiam a sua comunidade discursiva, além da ideologia que o envolve. Assim, é possível atribuir novos sentidos às informações adquiridas durante a experiência de leitura. A leitura é um processo interativo e dinâmico, que envolve o leitor, o texto e o contexto. É por meio desse diálogo que os sentidos se revelam.

Podemos relacionar essa perspectiva ao que Paulo Freire (1998) chamou de “leitura de mundo”, ao nos apropriarmos dos elementos do contexto, da comunidade discursiva a qual pertencemos, estabelecemos nossas primeiras referências de leitura. Nas palavras de Freire

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (Freire, 1998)

Valorizar os conhecimentos já existentes e a bagagem cultural do leitor, as percepções que ele tem do mundo é essencial no processo da leitura. É fundamental considerar o diálogo entre o leitor, o contexto e o objeto lido — seja ele escrito, sonoro, gestual, imagético ou um acontecimento. Dentro de cada sujeito, existe uma versão do mundo. Compreender um texto significa conectar os elementos dessa versão com os elementos do texto. Atribuir sentido não está relacionado ao vocabulário difícil ou fácil, mas sim à proximidade da realidade apresentada no objeto lido, à nossa própria representação da realidade. Não é possível entender um texto sobre um assunto desconhecido, mesmo que ele seja escrito com palavras simples e comuns do dia a dia.

Segundo Kleiman (2004), desvendar a estrutura de um texto é como desvendar seu esqueleto, é perceber as diferenças superficiais, captar a intenção por trás das palavras e mergulhar na essência, por meio da interação. A noção apresentada pela autora nos leva a compreender que o processo de leitura envolve dois tipos de conhecimento: o conhecimento prévio (que abrange aspectos linguísticos, textuais e do mundo) e o conhecimento esquemático, sendo o conhecimento parcial que temos armazenado na memória sobre temas específicos, situações e eventos característicos da nossa cultura.

Conforme Leffa (1999) descreve, ao longo da história, a teoria da leitura passou por um movimento evolutivo, a partir de uma ênfase inicial no texto para, posteriormente, enfatizar o leitor e, por fim, focalizar no contexto social. Esse movimento traz consigo uma complexidade cada vez maior. Inicialmente, o estudo do texto era focado em questões como a frequência de palavras e a organização sintática das frases. Por sua vez, a ênfase no leitor demanda uma complexidade maior, considerando não apenas o momento da leitura, mas também a experiência de vida do leitor antes do encontro com o texto. Por fim, a ênfase no contexto social busca examinar a leitura como um fenômeno social restrito a determinadas comunidades, sujeito às suas normas, regras e limitações.

A leitura enquanto prática social é um exercício que demanda conhecimento das regras e convenções sociais. Ou seja, além de conhecimentos linguísticos, das convenções de escrita, de estrutura e organização textual, quando nos deparamos com um texto, seja de qualquer materialidade, buscamos comumente auxílio em contextos socioculturais ao nosso alcance. Sobre isso, Marcuschi, (2004), argumenta

o texto não tem inscrito em si todos os sentidos objetivamente, o leitor deve ser ativo, produtivo e criativo em sua ação individual de ler. Mas o exercício desta atividade supõe o domínio de regras e convenções sociais, podendo ser tido como uma prática social. Quando nos faltam todos os apoios e evidências textuais e contextuais para a interpretação e compreensão de um texto, geralmente apelamos para contextos socioculturais ao nosso alcance (Marcuschi, 2004, p. 45)

Embora o processo cognitivo da leitura seja uma construção individual, os sentidos são constituídos, atribuídos a partir da interação social mediada pela linguagem, que é também determinante para se perceber a realidade. São nos grupos sociais que percebemos e organizamos nossa percepção e compreensão do mundo. É nesse processo interativo que os sentidos são construídos para aproximá-los dos conceitos do grupo cultural e linguístico de que fazemos parte.

A extensa história da leitura e da cultura escrita revela que as mudanças nas práticas de ler são substancialmente mais lentas em comparação com os avanços tecnológicos. É fundamental ter em mente que as novas maneiras de abordar a leitura não emergiram instantaneamente e tampouco surgiram ao mesmo tempo que a invenção da imprensa.

As tecnologias recentes experimentaram um crescimento acelerado, especialmente aquelas relacionadas à informação e comunicação. Nesse movimento, redefinem-se não só as experiências de leitura, mas os lugares de leitura, celulares, computadores, são atualmente os meios mais utilizados pelas pessoas em geral. A disseminação global dessas tecnologias tem causado impactos significativos na sociedade em sua totalidade. Isso tem levado a transformações nas práticas de leitura.

Compreendemos que os processos e as concepções de leitura, perpassa pelo entendimento do contexto histórico no qual estamos inseridos. Encontramos variadas denominações para descrever o momento atual. Fala-se de modernidade tardia, pós-modernidade, segunda modernidade, modernidade líquida, o que segundo Coracini (2005) nos leva a considerar a (im)possibilidade de polarizar as duas perspectivas a

modernas e a pós-modernas que se imbricam, se interpretam para constituir o momento complexo, confuso, epistemológico híbrido que estamos vivendo.

Bauman (2001) define o momento atual de modernidade líquida para descrever uma forma particular de modernidade caracterizada pela fluidez, instabilidade e incerteza. Ele argumenta que a modernidade "líquida" se refere a uma época em que as instituições e estruturas tradicionais da sociedade estão se tornando cada vez mais voláteis e transitórias. Nesse contexto, as relações sociais, culturais, econômicas e políticas são moldadas por uma sensação de impermanência e mudança constante.

Para o autor, a modernidade líquida é uma descrição das condições sociais e culturais contemporâneas, marcadas pela volatilidade, incerteza e fluxo constante, em oposição à modernidade sólida, caracterizada pela estabilidade e durabilidade das estruturas sociais. A modernidade líquida é frequentemente associada à globalização, à sociedade de consumo e à tecnologia da informação. Giddens (1997), define a globalização como sendo —" a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa" (Giddens, 1997, p. 60).

Ampliando essa discussão, Hall (2006) fundamenta que a identidade pós-moderna do indivíduo é fragmentada pelo atravessamento de diversidade de culturas advindas dos processos de globalização, da imigração, da propagação de movimentos sociais - emergindo, assim, novas formas de relacionar-se com o outro, ocasionando mudanças de paradigmas sociais, suscitando questionamentos do papel em que cada indivíduo exerce no mundo. Nesse momento, as identidades tornam-se mais provisórias, variáveis e problemáticas, ou seja, nas palavras do autor "a identidade torna-se uma "celebração móvel".

Retomando o objetivo desta seção em discutir a leitura como processo social e, introduzindo a essa discussão a leitura dos gêneros verbo-visuais, compreendida, neste trabalho, também sob a perspectiva de Coracini (2005), que caracteriza a leitura como um processo virtual decorrente das novas tecnologias, atravessada pela ideologia e globalização. Nesse sentido, ler, compreender, interpretar ou produzir sentido é uma questão de ângulo, de percepção, ou de posição enunciativa [...] (Coracini, 2005, p. 25.).

A noção apresentada pela autora retoma a ideia de que a produção dos sentidos é subjetiva, não existem leituras neutras, e o sentido pode variar a depender

da perspectiva de quem o lê. Isso não significa que a interpretação seja arbitrária, mas sim que envolve um diálogo entre o texto e o leitor, mediado por suas experiências e pontos de vista individuais.

Trazendo tal perspectiva para a leitura de textos verbo-visuais, compreendemos que os sentidos podem ser produzidos por ambas as linguagens; por isso, precisam ser examinados com uma abordagem que leve em consideração tanto o verbal quanto o visual, pois ambas as formas contribuem para a organização global do discurso. Kleiman (2004) reafirma essa ideia ao frisar que a imagem não é dependente do texto verbal, mas coparticipe da significação.

Negligenciar essa interação entre as linguagens verbal e visual em um enunciado é arriscar perder uma parte significativa de sua expressão, o que, por sua vez, prejudica a compreensão completa das formas como o significado é construído nesse enunciado. Em resumo, a dimensão verbo-visual reconhece a importância da colaboração entre elementos verbais e visuais na criação de sentido em textos que incorporam ambas as materialidades. Isso destaca a importância crescente da compreensão não apenas do texto escrito, mas da capacidade de interpretar e integrar elementos visuais, como imagens, gráficos, layout e design, no processo de produção dos sentidos.

É inegável que as tecnologias digitais se tornaram uma parte intrínseca de nossas vidas, cercando-nos constantemente com dispositivos como computadores, câmeras, videogames e celulares. Os indivíduos estão profundamente interconectados por meio dessas tecnologias digitais. Os celulares, em particular, não são apenas ferramentas tecnológicas, mas também itens que desempenham um papel definidor de identidades. Isso impacta nos modos como os textos são produzidos e veiculados.

Em um mundo pós-moderno cada vez mais orientado pela mídia, novos gêneros surgem em diversas manifestações, onde informações são frequentemente transmitidas por meio de imagens, gráficos, infográficos e outros textos verbo-visuais, requerendo novas estratégias de leitura. É impossível, atualmente, compreender o texto, sem ter uma compreensão clara de como as linguagens se conectam, se relacionam para produzir os sentidos

A partir do exposto até então, trazemos na subseção seguinte a perspectiva dialógica, à luz das contribuições teóricas de Bakhtin e do Círculo, para endossar a argumentação sobre leitura de textos verbo-visuais.

4.1 Compreensão leitora em textos verbo-visuais na perspectiva dialógica

O entendimento do dialogismo e da interação na linguagem se aplica de maneira significativa à compreensão de textos verbo-visuais. Bakhtin (2017) enfatiza que a linguagem materializada em enunciados, configura-se em um ato comunicativo que ocorre em um contexto específico, sempre situado, direcionado a um destinatário. Quando aplicamos isso à verbo-visualidade, constatamos que um texto verbo-visual também é um enunciado que busca comunicar. As linguagens visuais e verbais em um texto interagem de maneira dialógica para produção dos sentidos.

A perspectiva dialógica destaca a natureza interativa da linguagem. Isso significa que, em um texto verbo-visual, há um diálogo constante entre as imagens e as palavras que conseqüentemente remete a um diálogo com seus interlocutores e sua comunidade discursiva, procedendo o movimento de resposta mediante ao discurso proferido. A produção de sentidos é um processo ativo em que o leitor, com base em seu próprio contexto e experiência, institui os sentidos. Isso se aplica diretamente à leitura de textos verbo-visuais, onde o leitor deve interagir com elementos visuais e verbais para construir os sentidos.

Conforme discutido por Brait (2013) “os estudos de Bakhtin e do Círculo constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita. (p.44). Ao adotar uma perspectiva dialógica para examinar a verbo-visualidade, reconhecemos que os textos⁷ verbo-visuais não são apenas combinações de palavras e imagens, mas sim enunciados complexos que envolvem interações dinâmicas entre esses elementos para a construção de significado nos textos multimodais.

A ideia apresentada por Brait (2013) de que não deve haver uma exclusão entre o verbal e o visual quando essas dimensões se combinam produzindo sentidos ou efeitos de sentido, pois são passíveis de revelar imagens de enunciadores, enunciatários e destinatários. A autora enfatiza a importância da dimensão visual na construção discursiva de um enunciado, já que contribui tanto para a produção dos

⁷ Nesta pesquisa utilizamos o conceito bakhtiniano de texto produzido pelos trabalhos de Bakhtin/Volochinov “o texto afasta-se de uma concepção que o colocaria como autônomo, passível de ser compreendido somente por seus elementos linguísticos, por exemplo, ou pelas partes que o integram, para inseri-lo numa perspectiva mais ampla, ligada ao enunciado concreto que o obriga, a discursos que o constituem, a autoria individual ou coletiva, a destinatários próximos, reais ou imaginados, a esfera de produção, circulação e recepção, interação” (Brait, 2012)

sentidos desejados por seu autor, quanto para a atribuição dos sentidos atribuídos pelo leitor e, ainda, para compreensão do contexto em que este enunciado se situa.

Um enunciado, seja verbal ou visual, ou uma combinação de ambos, é uma unidade completa de sentido. A dimensão visual não é apenas um complemento, mas uma parte integral que reverbera assim, como o verbal, embates e tensões. A escolha feita pelo enunciatário tanto da dimensão visual como cores, imagens, layout e estilo, quanto da verbal, tipos de letras, modalizadores, sinais de pontuação podem gerar efeitos específicos, criando um diálogo com o leitor/espectador.

Em se tratando da dimensão visual de um enunciado compreendemos que é moldada pelas esferas em que circula, incluindo a influência da história, da sociedade e da cultura. Elementos visuais podem ser carregados de significados culturais e históricos que afetam os sentidos do enunciado, ou seja, são valorados e ideológicos. Além disso, podem revelar a assinatura do autor, não apenas no sentido de quem o criou, mas também nos discursos e perspectivas que o autor incorpora, bem como revelar as vozes e identidades. Em outras palavras, assume um caráter singular, portanto não sistematizável; responsivo, logo assinado por um autor; e participatório, ou seja, que suscita resposta, pois foi direcionado a outra consciência (Bakhtin, 2010).

Assim, aventamos que a compreensão de um enunciado que combina as linguagens verbal e visual implica em uma relação dinâmica entre o autor e o leitor. Nesse processo, o leitor se envolve na leitura ambas as linguagens, buscando apreender os sentidos e efeitos de sentido resultantes da interação. Em resumo, é uma atividade interativa em que o leitor, texto e autor estão envolvidos em um diálogo, onde a forma e o conteúdo se combinam para criar significado.

O leitor, ao deparar-se com enunciados verbo-visuais, na perspectiva dialógica do discurso, precisa reconhecer que todo enunciado é uma resposta ao que já foi dito e carrega intrinsecamente um valor apreciativo do seu enunciador Volóchinov, (2017). Isso significa que cada enunciado é uma resposta a enunciados anteriores e reflete a perspectiva e a avaliação do falante. Isso significa que nenhum enunciado é neutro, pois está enraizado em uma rede complexa de significados culturais, valores, crenças, ideologias sociais, políticas e religiosas. Quando um sujeito enuncia, ele o faz com base em enunciados alheios anteriores, refletindo ou refratando algo, confirmando a ideia de que a linguagem é um processo contínuo de diálogo e interação, onde os enunciados são influenciados pelas vozes e palavras dos outros. O meio em que os

enunciados circulam é repleto de diferentes perspectivas sobre um mesmo objeto de discurso. Isso ressalta a natureza dinâmica e polifônica da linguagem.

A compreensão leitora em uma perspectiva dialógica requer um leitor que se envolva ativamente na produção dos sentidos, que considere o contexto cultural e semântico-axiológico que envolve esses enunciados. Reconhecer que o conteúdo temático de um enunciado verbo-visual não está apenas na sua forma composicional, mas também na sua carga axiológica. Os enunciados verbo-visuais não devem ser vistos como meros elementos ilustrativos, mas como portadores de significados complexos e valores culturais.

A abordagem do dialogismo bakhtiniano não se limita ao sistema de signos imutáveis e estáveis da língua, mas se estende à discursividade que revela um sujeito responsivo e responsável (Bakhtin, 2010). Isso destaca a importância de considerar o enunciado verbo-visual como parte de um projeto discursivo do enunciador, no qual o diálogo e a resposta desempenham papéis fundamentais. A ênfase de Bakhtin na língua como uma totalidade viva, em oposição ao objeto específico da linguística, enfatiza a natureza dinâmica e multifacetada da linguagem. Isso implica que a linguagem não pode ser reduzida a um conjunto fixo de regras gramaticais, mas é um fenômeno em constante evolução, moldado pelo contexto cultural e social. Destacar a relevância dessas concepções em enunciados verbo-visuais impede uma compreensão passiva.

Compreendemos que tanto a linguagem visual quanto a verbal desempenha um papel dinâmico, interativo e dialógico na construção discursiva de um enunciado, influenciando como ele é percebido, interpretado e compreendido pelo leitor. A teoria bakhtiniana do enunciado enfatiza a complexidade da linguagem, em que os enunciados são unidades carregadas de sentidos culturais, valores e vozes de outros, onde a compreensão depende do contexto e da interação contínua entre os sujeitos falantes. Essa abordagem enriquece nossa compreensão da linguagem como um fenômeno social e cultural profundamente enraizado.

Na sequência, a fim de contextualizar o corpus dessa pesquisa - os textos motivadores da redação do ENEM, traremos um breve histórico do Exame Nacional do Ensino Médio.

5. O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO (ENEM): BREVE TRAJETO HISTÓRICO

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é considerado uma das principais avaliações educacionais do Brasil. Foi criado em 1998, durante o governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Inicialmente concebido para avaliar a qualidade do Ensino Médio no Brasil. Tinha o propósito de fornecer informações sobre o nível educacional e possíveis melhorias. Era visto como uma avaliação complementar, não obrigatória, e não tinha um papel decisivo nos processos de seleção para ingresso em instituições de ensino superior. Ao longo dos anos, a proposta do ENEM evoluiu significativamente. De uma avaliação focada na qualidade do Ensino Médio, passou a ter um papel mais abrangente, sendo utilizado, a partir de 2009, como critério de seleção para ingresso em diversas instituições de ensino superior.

O desempenho no ENEM começou a ser usado como critério de seleção para o Sistema de Seleção Unificada (SISU), que utiliza a nota do exame como critério para seleção de candidatos para vagas em instituições públicas de ensino superior. Tal ação foi instituída por meio da Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010, que estabeleceu o seguinte:

Art. 1º Fica instituído o Sistema de Seleção Unificada - SiSU, sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação - MEC, por meio do qual são selecionados candidatos a vagas em cursos de graduação disponibilizadas pelas instituições públicas de educação superior participantes.

§ 1º A seleção dos candidatos às vagas disponibilizadas por meio do SiSU será efetuada com base nos resultados obtidos pelos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, a partir da edição referente ao ano de 2009. (Brasil, 2010, p.1)

Os resultados do Enem também passaram a ser usados como critério na distribuição das bolsas de estudo (PROUNI) que oferece bolsas de estudo em instituições privadas de ensino superior e para o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), que objetiva financiar a graduação no ensino superior de estudantes que queiram cursar em universidades particulares.

Ao longo dos anos, o ENEM passou por uma série de transformações estruturais que ampliaram sua abrangência como instrumento de avaliação educacional. Deixou de ter como objetivo, primeiro, avaliar a última etapa da educação básica, principalmente na escola pública, sendo, hoje, instrumento de acesso à

universidade e a uma série de políticas sociais associadas. Essa ampliação e abrangência, tornou a participação que era voluntária a quase obrigatória. Vejamos no quadro, um breve histórico dos principais acontecimentos no ENEM.

ANO	FATOS/ACONTECIMENTOS
1998 - A primeira edição do Exame Nacional do Ensino Médio.	157.221 inscrições e contou com 115.57 participantes. Entre os inscritos, 53% tinha 18 o menos, e 9% vinha de escolas públicas. O uso da notas do ENEM era válido apenas para duas instituições de educação superior. As provas foram aplicadas em 184 municípios brasileiros.
1999	Noventa e três instituições aderem aos resultado ENEM. Sete mil agências dos Correios foram habilitadas a realizar inscrições para o exame. aplicação foi em 29 de agosto, em 162 municípios.
2002	Houve um aumento do número de locais de realização das provas: 600 municípios.
2004	O então recém-criado Programa Universidade para Todos (ProUni) começou a usar a nota do ENEM para concessão de bolsas de estudos integrais e parciais aos participantes. 1.552.316 inscritos.
2005	Aumentou consideravelmente o número de participantes que realizaram o ENEM. O número de municípios aumentou para 729. As provas foram aplicadas em 25 de setembro, e não mais em agosto. 3.004.491 inscritos.
2008	O INEP e o Ministério da Educação (MEC) anunciaram que o ENEM se tornaria o processo nacional de seleção para ingresso na educação superior e certificação do ensino médio. 4.018.050 inscritos. Aplicação em 1.437 municípios foi em 30 de agosto.

2009	O ENEM muda de formato. O exame passa a ter 18 questões objetivas, 45 para cada área de conhecimento, e a redação. A aplicação passa a ser em dois dias e o exame começa a certificar a conclusão do ensino médio. As matrizes de referência são reformuladas com base nas Matrizes de Referência do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja).
2010	O INEP começou a coletar dados sobre deficiência e condição especial dos inscritos. Os resultados passaram a ser adotados pelo Fies. O exame foi realizado em 1.700 municípios, em 6 e 7 de dezembro.
2011	Neste mesmo ano, participantes que se declaram negros e pardos foram a maioria, totalizando 53% dos 5.366.949 inscritos. As provas foram aplicadas em 22 e 23 de outubro, em 1.603 cidades.
2013	O ENEM torna-se porta de acesso para todas as instituições de educação superior públicas.
2014	As Universidades de Coimbra e Algarve, em Portugal, passaram a aceitar o ENEM. Neste mesmo ano passou a ser permitido o uso do nome social do participante.
2017	Realização de consulta pública com a população. O ENEM passa a ser aplicado em dois domingos consecutivos. A redação passou a ser aplicada no primeiro dia. A certificação do ensino médio voltou a ser competência do Encceja. Estreia da videoprova em Libras para surdos e deficientes auditivos. Estreia da prova personalizada com nome e número de inscrição do participante.
2018	O ENEM ganhou um logotipo comemorativo pelos seus 20 anos de existência.

Quadro 1 - Breve histórico dos principais acontecimentos no ENEM

Na sequência, exploraremos os principais aspectos relacionados a Prova de Redação do Enem, especificamente, às cinco competências que compõem Matrizes de Referência do Exame Nacional.

A fim de compreendermos melhor os critérios de correção da Redação do ENEM, fazemos aqui uma síntese das cinco competências, e como essas informações são divulgadas ao candidato(a). Baseamo-nos na Cartilha do participante de 2023. Na segunda edição deste documento, chamado na época de Guia do Estudante, a presidência do INEP explica

Este guia, desenvolvido pela equipe da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb) e por especialistas na área de avaliação de textos escritos, vem agregar informações no intuito de auxiliar em seus estudos e em sua preparação para o Exame. O guia busca esclarecer os critérios adotados no processo de avaliação das redações do Enem. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013, p. 3)

Inicialmente neste documento é apresentado o tipo de texto que o(a) candidato(a) terá que desenvolver na prova de redação.

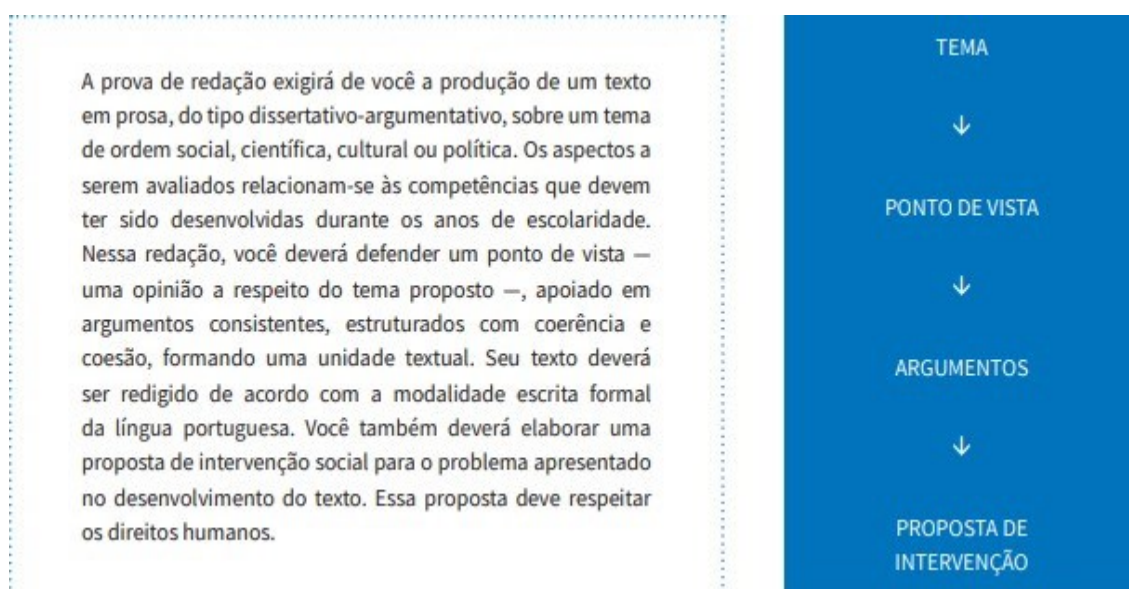


Figura 2 Definição da prova de redação⁸

⁸ Fonte: Guia do Participante (INEP, 2023, p. 4).

Com relação à tipologia textual requerida para Redação, vale salientar que a Base Nacional Curricular Comum (2018) ao tratar da prática de Linguagem “Produção de texto”, manifesta

[...] amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais. (Brasil, 2018, p.89)

Verificamos, conforme explicitados na BNCC, as produções textuais, devem ser orientadas por gêneros textuais e não tipo textual, conforme solicitado na Redação do ENEM. A estrutura do texto a ser produzido pode ser comparado aos gêneros textuais - artigo de opinião - no qual é exigido que o autor assuma um posicionamento, defenda um ponto de vista. Nesse tipo de texto o que “está em jogo a capacidade do produtor de expor uma situação-problema, apresentando uma tese (opinião) sobre o fato e articulando-a com argumentos fortes e coerentes” (Cantarim et al., 2017, p. 81). Apresentamos, a seguir, as cinco competências avaliadas na redação.

Competência I	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência II	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência III	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência IV	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência V	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Figura 3 - Competências avaliadas⁹

A Competência I avalia se o participante domina a modalidade escrita formal da língua portuguesa, que incluem aspectos de convenções da escrita, gramaticais, escolha de registro, escolha vocabular. Essa competência, como observamos, avalia se o(a) candidato(a) sabem empregar a linguagem dentro da modalidade formal.

A Competência II avalia se houve compreensão da proposta de redação, e se o(a) candidato(a) compreenderam a estrutura do texto dissertativo-argumentativo na

⁹ Fonte: Guia do Participante (INEP, 2023, p. 5)

forma de texto dissertativo-argumentativo. Essa é a única competência que se não for atendida minimamente, ou seja, que o tema não seja contemplado nem tangencialmente e que apresentar predominância de características de outro tipo textual, mesmo que atenda às exigências dos outros critérios de avaliação, não será avaliada em nenhuma das competências, tendo como consequência atribuição de nota zero na prova de redação. Outro aspecto avaliado na Competência II é a presença de repertório sociocultural, (Brasil, 2023, p. 11) configura como uma informação, um fato, uma citação ou uma experiência vivida que, de alguma forma, contribui como argumento para a discussão proposta.

O terceiro aspecto a ser avaliado é a forma como são selecionadas, relacionadas, organizadas e interpretadas as informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa do ponto de vista escolhido pelo(a) candidato(a). A Competência III trata da inteligibilidade do texto: a seleção e o desenvolvimento dos argumentos, a relação de sentido entre as partes do texto e a progressão das ideias. Esta competência está relacionada ao planejamento prévio à escrita da redação.

Os aspectos a serem avaliados na Competência IV dizem respeito à estruturação lógica e formal entre as partes da redação. Aqui, o(a) candidato (a) é avaliado se conseguiu mobilizar os recursos coesivos, em especial operadores argumentativos. Competência IV, (Brasil, 2023, p. 18) atua na superfície textual, isto é, avaliam-se as marcas linguísticas que ajudam o leitor a chegar à compreensão profunda do texto.

E, por fim, o quinto aspecto a ser avaliado no seu texto é a apresentação de uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando-se os Direitos Humanos. Na elaboração da proposta, está previsto, que sejam apresentados: que é possível apresentar como solução para o problema; quem deve executá-la; como viabilizar essa solução; qual efeito ela pode alcançar; que outra informação pode ser acrescentada para detalhar a proposta.

Apresentadas as cinco competências, da forma como são apresentadas aos participantes do ENEM, percebemos que são estreitamente enraizadas na tipologia requerida para a produção. Há uma preocupação na produção de um texto estruturado, além dos conhecimentos linguísticos requeridos é fundamental que o(a) autor(a) assuma um posicionamento no texto sobre o tema proposto.

No próximo capítulo, apresenta-se a descrição do percurso metodológico assumido por este estudo, com o intuito de detalhar o processo de delimitação dos dados da pesquisa.

6. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Abordamos aspectos relativos à classificação da pesquisa, sua natureza e tipologia, recorte e descrição do corpus e procedimentos de análise.

Esta investigação constitui-se em uma pesquisa documental, compreendida por Payne (2004, p. 60) como “as técnicas usadas para categorizar, investigar, interpretar e identificar as limitações de fontes físicas, mais comumente documentos escritos, seja no domínio público ou privado”. Como fonte documental de análise para esta pesquisa foram utilizados os textos motivadores verbo-visuais que compõem as redações do ENEM, no período de 2013 a 2023.

A noção de pesquisa documental é discutida por Paiva (2019 p. 14) que argumenta tal abordagem “estuda documentos em forma de textos, incluindo a transcrição de textos orais, imagem, som ou textos multimodais”. Essa definição reconhece que os documentos podem assumir várias formas, não se limitando apenas a textos escritos. Desse modo, documentos podem incluir gravações de áudio, imagens, vídeos e até mesmo textos que incorporam vários modos de comunicação, como texto escrito e elementos visuais.

Triviños (1987) argumenta que os documentos, por serem uma fonte estável, possibilita maior estabilidade aos resultados. Segundo esse autor, a maioria dos estudos realizados no campo educacional é de natureza descritiva, sendo a “análise documental” um tipo de estudo descritivo que fornece ao investigador a possibilidade de reunir uma grande quantidade de informação sobre leis estaduais de educação, processos e condições escolares, planos de estudo, requisitos de ingresso, livros texto etc.” (Triviños, 1987, p. 111). Importante destacar que, ao conduzir uma análise documental, o pesquisador busca compreender o contexto mais amplo em que os documentos foram criados.

A pesquisa assume também a metodologia qualitativo-interpretativista que, segundo Flick (2009), enfatiza a interpretação dos significados subjacentes aos

dados. Essa perspectiva é adotada, pois, nos interessa compreender os significados, contextos e interpretações da linguagem. Isso implica uma abordagem mais flexível, muitas vezes incluindo a interpretação subjetiva do pesquisador.

Ademais, vale ressaltar que, para além da ênfase na compreensão, esta concepção metodológica também se concentra na interpretação dos significados subjacentes às especificidades sociais. Segundo Flick (2009), essa abordagem é um tipo de pesquisa “de particular relevância ao estudo das relações sociais, devido à pluralização das esferas da vida” (Flick, 2009, p. 21). Tal perspectiva é amplamente utilizada em disciplinas como sociologia, antropologia, psicologia, educação e, em pesquisa aplicada, como na Linguística Aplicada (LA) e em estudos de linguagem. Sua ênfase recai em entender e interpretar as preferências sociais a partir da perspectiva dos participantes.

Sob o viés interpretativista, a pesquisa qualitativa reconhece que a realidade é socialmente construída, em suas múltiplas versões ou interpretações, em uma interação entre indivíduos em si e por meio de preceitos históricos e culturais. (Merriam, 2009; Creswell, 2010). Ou seja, essas interpretações são influenciadas pela interação entre indivíduos, bem como pelos contextos históricos e culturais em que estão inseridos. Essa perspectiva busca explorar e descrever a complexidade das experiências humanas e os significados que as pessoas atribuem a essas experiências, pois

Tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento [...] Os dados coletados são predominantemente descritivo [...] A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto [...] O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador [...] A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (Lüdke; André, 2014, p. 13-14).

Nesta pesquisa, o fator qualitativo nos interessa, por isso o acesso ao fato ocorre de forma indireta através da interpretação dos vários significados que o constituem [...]. Os múltiplos significados que constituem a realidade só são passíveis de interpretação. Na visão interpretativista, a subjetividade, ou melhor, a “intersubjetividade, que possibilita chegarmos mais próximo da realidade constituída pelos atores sociais - aos contrapormos os significados construídos pelos participantes do mundo social”. (Moita Lopes, 2006, p. 3-4)

Essa abordagem permite ao pesquisador atentar-se para as particularidades dos contextos e das situações abordadas pela pesquisa, cultivando uma postura

crítica, consciente, responsável pelas decisões e ações. Acerca disso, Flick (2009) afirma:

A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações [...], suas impressões, irritações, sentimentos etc., tornam-se dados de si mesmos, constituindo parte da interpretação (Flick, 2009, p. 25).

Logo, consideramos, nesta pesquisa, nossa proximidade, envolvimento e subjetividade na análise dos documentos “uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação” (Freitas, 2002, p.24). O entendimento do fenômeno analisado emerge da interação entre o pesquisador e o que é estudado.

Em função da natureza desse estudo que abrange a linguagem em diversos usos e a busca por compreendê-la em seus contextos sociais, políticos, culturais e históricos, esta pesquisa inscreve-se no campo da Linguística Aplicada (doravante, LA), pois investiga a linguagem como fenômeno social que instaura e produz os sentidos no mundo.

Segundo Moita Lopes, as pesquisas em LA são “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (Moita Lopes, 2006, p. 14). Embasada nessa concepção de pesquisa, intentamos nesse trabalho, tornar compreensíveis e interpretáveis os fenômenos relacionados à linguagem em contextos sociais. Isso significa considerar como a linguagem é influenciada por fatores sociais, como poder, identidade, cultura e ideologia.

A Linguística Aplicada, para Moita Lopes (2006), é um campo interdisciplinar que se preocupa com a aplicação prática dos estudos da linguagem em situações reais e concretas de uso da língua. Posiciona-se nas convergências e divergências entre diversas áreas das Ciências Humanas e integra conhecimentos de diversas disciplinas, incluindo Linguística, Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia e outras relacionadas.

Compreendemos que essa abordagem interdisciplinar permite uma compreensão mais abrangente e multifacetada das questões relacionadas à linguagem que, segundo Aronowitz & Giroux, possibilita a construção do mundo social e é a condição para que ele exista. “O significado é construído socialmente” (Aronowitz & Giroux, 1991, p. 93).

Ampliando essa discussão, para Moita Lopes (2006), a produção de sentidos pelos seres humanos é aspecto específico do mundo social. A realidade social é

moldada pela interpretação e reinterpretação contínua que os indivíduos fazem do mundo ao seu redor. Isso nos leva a compreender que não existe uma realidade única e objetiva, mas múltiplas realidades construídas a partir das percepções, experiências e interpretações individuais e coletivas. Em outras palavras, no mundo social, os significados não são inerentes a objetos ou eventos, mas são construídos pelos indivíduos com base em suas interpretações.

Assim, entendemos que essa perspectiva está alinhada à concepção dialógica de linguagem Volóchinov (2017), assumida neste trabalho, que considera as questões de ordem social como elementos constitutivos que influenciam e definem a linguagem. Ou seja, destaca a importância das interações sociais na construção de significados construídos ativamente pelos indivíduos.

É possível observar que essas perspectivas teóricas se direcionam para uma visão social e de participação no mundo e, também, para a não passividade dos indivíduos perante os discursos.

Compreendemos, a partir das noções apresentadas até aqui, que a Linguística Aplicada (LA), ao investigar a linguagem em contextos sociais, culturais, educacionais, profissionais, tecnológicos, entre outros, não a investiga fora do bojo social e não exclui os sujeitos e as relações de poder imbricadas nas práticas discursivas em curso na sociedade. É dentro desse campo que elaboramos esta pesquisa, sob o viés da abordagem qualitativo-interpretativista, com o propósito de analisar, em uma perspectiva diacrônica, como a articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza os letramentos críticos e possibilita a produção de sentidos.

Na próxima subseção, apresentamos o corpus de análise desta pesquisa.

6.1 Apresentação do *corpus*

O *corpus* selecionado para a realização da pesquisa se constitui dos textos motivadores verbo-visuais que acompanham as propostas de redações do ENEM dos anos de 2013 a 2023. Esses textos oferecem dados para que os inscritos possam discutir a questão-problema trazida na proposta de redação.

Com intuito de orientar o(a) candidato(a) na elaboração da redação, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | INEP, produz e disponibiliza um documento denominado “Cartilha do estudante” com orientações

sobre o processo de avaliação: quem irá avaliar o texto; os critérios avaliados a partir da Matriz de Referência, constituída por cinco competências que são detalhadas neste documento, além de recomendações gerais e amostra de redações nota 1000 do Enem 2022 com comentários.

Na seção “Recomendações Gerais”, estão dispostas as informações sobre os textos motivadores, descritos desse modo

O tema da redação sempre vem acompanhado, na proposta, de textos motivadores. Em geral, são textos, em linguagem verbal e em linguagem não verbal (imagem), que remetem ao tema proposto, a fim de orientar sua reflexão. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2023, p. 23).

São variados os gêneros discursivos que compõem essa coletânea de textos como, por exemplo, notícias, artigos de opiniões, reportagens, tiras, charges, infográficos, gráficos, entre outros.

Conforme a Cartilha (INEP, 2023), os textos motivadores têm a função de fazer o recorte temático da proposta da redação, servem como referências dadas ao(a) candidato(a) para, a partir de sua leitura e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo na modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Sobre isso, a Cartilha (INEP, 2023, p. 24), explica que os textos motivadores devem servir como apoio, em especial se for um tema sobre o qual o(a) candidato(a) não tenha tanto domínio. Pondera-se, nesse documento, que o participante dessa avaliação deve se basear nos “conhecimentos construídos ao longo de sua formação”, compreendidos por repertório sociocultural, ou seja, a redação precisa articular informações e ideias que extrapolem os textos motivadores.

Ainda, sobre os textos motivadores, o documento (INEP, 2023, p. 24) indica ações, que julgam importantes para que o candidato(a) faça o melhor uso dos textos motivadores, conforme trazemos no quadro abaixo:

- | |
|---|
| 1. Ler os textos motivadores, observando as palavras ou os fragmentos que indicam o posicionamento dos autores e a situação-problema central da proposta; |
| 2. Identificar, em cada texto motivador, se for o caso, o ponto de vista e os argumentos apresentados pelos autores; |

3. Refletir sobre o posicionamento dos autores dos textos motivadores e definir, com muita clareza, qual será o seu posicionamento.

Quadro 2 - Ações para melhor uso dos textos motivadores¹⁰

Observamos que as ações indicadas estão relacionadas ao texto dissertativo-argumentativo, compreendido como aquele que se organiza na defesa de um ponto de vista sobre determinado assunto, fundamentado em argumentos, a fim de influenciar a opinião do leitor, tentando convencê-lo de que a ideia defendida está correta.

A cada ano, ao longo da história do ENEM, o exame teve, pelo menos, dois temas de redação, um cobrado na aplicação regular e outro voltado para adultos privados de liberdade e jovens sob medida socioeducativa que incluía privação de liberdade, o chamado ENEM PPL, aplicado em data posterior ao exame regular. Também fazem essa prova os estudantes prejudicados por questões logísticas no dia do ENEM regular. É importante elucidar que em alguns anos, no entanto, houve exceções. Em 2020 e 2014 ocorreram três aplicações, em 2016, houve duas aplicações regulares.

Para esta pesquisa, foram selecionados, a partir de uma perspectiva diacrônica, textos verbo-visuais da coletânea da prova de aplicação regular do ENEM dos últimos 10 (dez) anos. Em função do objetivo da pesquisa, estabelecemos como critério de seleção os textos que agregam em sua composição as linguagens verbais e visuais, ou seja, constituídos de palavras e imagens. Quando os textos da aplicação regular não atenderam a esse critério da verbo-visualidade, foram selecionados textos da Prova de Reaplicação/PPL, a fim de se contemplar dez propostas.

A coleta do corpus foi realizada no ¹¹site institucional do Ministério da Educação - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | INEP. Apresentamos, em ordem temporal, os temas de redação das edições do ENEM e os gêneros discursivos que compreenderam o período de 2013 a 2023.

¹⁰ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep. Cartilha do Estudante, p.23. Adaptado.

¹¹ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>.

ANO	TEMA	GÊNERO DISCURSIVO
ENEM 2013	Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil (ENEM regular).	Cartaz de Campanha e infográfico.
ENEM 2014	Publicidade infantil em questão no Brasil (ENEM regular).	Infográfico.
ENEM 2015	A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira (ENEM regular).	Gráfico, Infográfico e Cartaz de Campanha.
ENEM 2016	Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil (ENEM regular primeira aplicação),	Infográfico
ENEM 2017	Desafios para formação educacional de surdos no Brasil (ENEM regular)	Gráfico e Cartaz de Campanha.
ENEM 2018	Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet (ENEM regular)	Infográfico
ENEM 2019	Democratização do acesso ao cinema no Brasil (ENEM regular)	Infográfico
ENEM 2020	O Estigma Associado às Doenças Mentais na Sociedade Brasileira (ENEM Regular impresso)	Cartaz de campanha (colorido)
ENEM 2021	Invisibilidade e Registro Civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil (ENEM regular)	Carta de campanha e infográfico
ENEM 2022	Medidas para o enfrentamento da recorrência da insegurança alimentar no Brasil (Enem PPL e reaplicação)	Cartaz de campanha
ENEM 2023	Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil (Enem regular)	Tabela e Capa de revista

Quadro 3 - Redações ENEM¹²

¹² Autoria própria

Verificamos por este recorte, apresentado no quadro, que os gêneros discursivos selecionados são do campo de atuação social¹³ (BNCC, 2018) jornalístico/midiático.

Apresentamos na subseção seguinte, o percurso metodológico que irá direcionar a análise do corpus.

6.2 Caminho percorrido na análise

Conforme já apresentado anteriormente, esta pesquisa é de abordagem qualitativo-interpretativista. A pesquisa qualitativa, é definida, segundo Denzin e Lincon (2006), por três atividades interligadas: teoria, método e análise relacionados à ontologia, epistemologia e metodologia.

Seguindo essa perspectiva, a análise aqui empreendida envolveu a constante ida e volta entre os dados e a teoria, permitindo refinamentos e aprofundamentos na compreensão do fenômeno em estudo. Essas três atividades interligadas - teoria, método e análise - formaram um ciclo contínuo e dinâmico.

Para mais, a teoria orienta a coleta e a análise dos dados, o método guia a coleta de dados de forma sistemática e a análise é informada pela teoria e pelo método. Conforme explicitado por Denzin e Lincoln (2006), é fundamental considerar os aspectos ontológicos (referentes à natureza da realidade e da existência), epistemológicos (referentes à natureza e aos limites do conhecimento) e metodológicos (referentes aos métodos e técnicas de pesquisa) ao longo de todo o processo de pesquisa qualitativa.

Ademais, a escolha da teoria que embasa esta pesquisa qualitativa influenciou a nossa visão de pesquisador sobre a natureza da realidade (ontologia). Reconhecemos que a realidade é multifacetada e construída socialmente. Não há uma realidade objetiva única, mas múltiplas realidades passíveis de interpretação.

Para melhor empreendermos a pesquisa qualitativa e estabelecermos a relação entre teoria, método e análise, partimos do entendimento de que a teoria, na pesquisa qualitativa, vai além da simples aplicação de um conjunto de conceitos pré-existentes. Pois, quando aplicada ao objeto de estudo, a teoria é incorporada de

¹³ Os campos de atuação, conforme descrito na (BNCC, 2018), retratam as esferas de circulação dos gêneros do discurso.

maneira mais fluida e integrada ao processo de pesquisa, assim, emergindo novos entendimentos e interpretações a partir das experiências e dados coletados.

Para tanto, iniciamos o percurso buscando na teoria, “que informações responderão melhor às questões da pesquisa, e quais estratégias são mais eficazes para obtê-las” (LeCompte e Preissle, 1993, p. 30). Ao questionarmos como as relações dialógicas favorecem a produção dos sentidos? Como se organizam as linguagens verbo-visuais nos textos motivadores das redações do ENEM? De que forma a articulação da linguagem verbo-visual compõe os tons avaliativos/valorativos dos textos motivadores? Como o letramento crítico contribui para a produção dos sentidos dos textos motivadores da Redação do ENEM? Esperamos compreender como a articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza os letramentos críticos e possibilita a produção de sentidos.

A partir disso, estabelecemos critérios de análise. Partimos, primeiramente, com base nas teorias que fundamentam esse estudo, elencando as categorias. Para a delimitação do método, procuramos alinhá-lo aos objetivos da pesquisa. Concomitantemente, buscamos estabelecer regularidades que forneçam os subsídios para a análise, os quais denominamos de critérios.

Importante ressaltar que o foco da pesquisa qualitativa possui inerentemente uma multiplicidade de métodos (Flick, 2009, p. 229). Assim, os critérios de pesquisa foram sendo constituídos a partir de alguns dos pressupostos desenvolvidos nas teorias que, ao cotejá-los com o corpus, entrelaçaram-se, servindo, desse modo, como um guia para esta análise. Por conseguinte, os aspectos de análise foram sendo desdobrados, formando um ciclo contínuo e dinâmico entre teoria, método e análise. Por fim, na elaboração dos procedimentos metodológicos, consideramos também os questionamentos que suscitaram esta investigação, sem perder de vista, os referenciais teóricos. Feito isso, elaboramos duas categorias que se desdobraram em critérios e aspectos de investigação/interpretação, conforme expressos no Quadro 4.

Categorias	Crítérios	Aspectos	Referencial
	Articulação dos enunciados verbo-visuais	Plano discursivo do que se quer dizer, tanto a palavra (sequências verbais) quanto a imagem (figura, lugar onde ocupam no espaço	Brait, 2010

Verbo-visualidade		enunciativo).	
	Entonação expressiva: tons avaliativos/valorativos	Composição do texto, o estilo utilizado, a seleção das linguagens verbais e visuais, motivadas por questões sociais, culturais, políticas, ligadas às relações de poder.	Brait, 2010 Volochninov, (2019) Rodrigues, (2014)
	Situação de interação valoração.	Processo de interlocução entre os participantes e sentidos produzidos.	Bakhtin (2010) Volochninov, (2019)
Letramento crítico	Relações sociais nos textos	Influência das relações sociais.	Bakhtin (2010) Volochninov, (2019)
	Emancipação e o empoderamento	Sentidos produzidos nos discursos atravessados por diferentes visões de mundo, culturas e valores.	Carbonieri (2016) Lankshear e McLaren, (1993)
	Identidades sociais	Construção das identidades sociais por suas próprias vozes.	Kalantzis & Cope e Pinheiro (2020)
	Questionamento do poder	Relação existente entre discursos institucionalizados com as ideologias.	Carbonieri (2016)
	Dialogicidade nos textos: perspectivas culturais que influenciam as interações sociais que se constituem daquele que fala, daquele que ouve e do discurso.	Ideologias, crenças, valores e perspectivas culturais.	Bakhtin (2010) Volochninov, (2019)

Quadro 4 - Categorias/critérios e aspectos de investigação/interpretação¹⁴.

Destacamos que o caminho percorrido em nossa análise se ajusta aos fatores socioculturais de um mundo globalizado que atribuiu tanto para as palavras quanto para as imagens os mais diversos sentidos, dentro dos processos comunicativos humanos, materializados sempre de forma dinâmica, pelas vias interacionais entre os sujeitos, o texto e o mundo.

¹⁴ Autoria própria

É importante ressaltarmos que o processo de análise dos textos se interliga e se hibridiza, formando um ciclo contínuo e dinâmico entre - teoria (categoria), método (critérios) e (aspectos). O *corpus*, sob a análise do pesquisador, indicou as categorias, critérios e aspectos relacionados à ontologia, epistemologia e metodologia para que se perceba quais relações sociais estão presentes, de que forma a composição do texto, as escolhas dos modos utilizados, revelam os tons avaliativos/valorativos, qual relação existente entre discursos institucionalizados com as ideologias, quais visões de mundo, vozes culturas e valores estão no discurso. À vista disso, partiremos para a análise do *corpus*.

7. LETRAMENTO CRÍTICO NOS TEXTOS VERBO-VISUAIS: RESULTADOS DA ANÁLISE

A análise mobilizou um *corpus* constituído pelos textos motivadores verbo-visuais que compõem as propostas de Redações das provas do Enem. A seleção do *corpus* compreendeu o período de 2013 a 2023.

Ao iniciarmos a análise, partimos do entendimento que o enunciado constituído da verbo-visualidade é produzido por um sujeito individual ou coletivo, podendo ser tomado por discurso, quando proferido por alguém em um dado contexto. Desse modo, podemos dizer que os discursos são produzidos a partir de relações e fundamentos dialógicos nos quais os indivíduos situados em um determinado espaço e tempo, representam as ideologias concernentes ao contexto em que se inserem, uma vez que são formados socialmente, ou seja, os sentidos e os significados são responsáveis pela compreensão da realidade na qual o sujeito encontra-se imerso.

As análises aqui realizadas são, sobretudo, alicerçadas na noção de que os enunciados não têm sentido fixo, pronto e acabado; eles são construídos socialmente no momento da interação. Os textos analisados correspondem aos gêneros discursivos - cartaz de campanha, que visa convencer, conscientizar ou sensibilizar a população sobre questões sociais que afetam a vida das pessoas; o infográfico, que têm por finalidade sistematizar e organizar informações, hierarquizando-as por meio de elementos como quadros, legendas, mapas, números, ícones, ilustrações, fotografias, fundos e tabelas; o gráfico que serve para destacar a dimensão estática dos fenômenos, indicar padrões e tendências, além de comparar determinadas circunstâncias em um período e capa de revista cuja função é destacar a(s) matéria(s) principal (is) da edição da revista de maneira persuasiva e/ou informativa.

Os textos evidenciados nesta análise são situados histórico-sócio-culturalmente em instâncias da vida concreta, revelam marcas de entonação valorativa e respondem às demandas sociais, na/da vida social.

Iniciamos nossa análise pelo - Cartaz de Campanha - Redação 2013 - cujo tema proposto para redação era “Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil”.



Figura 4 - Texto 1¹⁵

Verificamos, inicialmente, que as linguagens que o constituem, a visual e a verbal, estão intimamente associadas ao conteúdo temático do texto, as consequências de se dirigir alcoolizado. O tema do cartaz de campanha relaciona-se ao modo como foram selecionados os elementos da realidade e como foram tratados na constituição de seu objeto de discurso.

Esses dois aspectos definem uma forma de ver e de conceituar a realidade, a partir do olhar do autor, no entanto, para atender às demandas sociocomunicativas, esses elementos, que neste texto se constituem da linguagem visual e verbal, não podem ser desvinculados das interações sociais que se constituem daquele que fala, daquele que ouve e do tema do discurso. Ou seja, a articulação entre a palavra (sequências verbais) e a imagem (figura, lugar onde ocupam no espaço enunciativo) sincretizam-se e, nesse movimento, desempenham o mesmo grau de importância, sendo indispensáveis para a produção dos sentidos, pois carregam, na mesma medida, o ponto de vista de um avaliador situado em um determinado momento da história.

¹⁵ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Caderno de provas 2013

Ao observarmos essas escolhas e o modo como foram tratadas - destacamos que foram organizadas para instaurar sentidos específicos, ou seja, os sentidos produzidos nesse plano discursivo são apreendidos pela articulação da palavra e da imagem. O enunciado verbal “NÃO DEIXE A BEBIDA MUDAR O SEU DESTINO”, escrito em caixa alta, destaca-se por seu tamanho maior, estabelecendo uma relação direta com o copo de cerveja, também representado em tamanho acentuado em relação ao carro.

Neste enunciado, a palavra "bebida" desempenha um papel significativo como agente de discurso, melhor dizendo, é mais do que apenas uma substância; ela representa um elemento simbólico que encapsula todo o consumo de álcool e seus possíveis efeitos. Por essa razão, o enunciado personifica o álcool, tratando-o como uma entidade ativa capaz de influenciar o destino ou as escolhas da pessoa. Essa personificação é uma técnica retórica que atribui características humanas a algo não humano, neste caso, ao álcool. Isso enfatiza a ideia de que o álcool tem o potencial de exercer um poder significativo sobre a vida e as decisões de uma pessoa.

Portanto, a palavra "bebida" não é apenas uma referência literal ao álcool, mas também representa uma força influente que pode moldar o curso da vida da pessoa. Ela destaca a importância de estar ciente dos efeitos do consumo de álcool e de tomar decisões conscientes para evitar que ele tenha um impacto negativo no destino da pessoa. Podemos dizer que isso explique o porquê, do ponto de vista visual, o copo de cerveja adquira um tamanho maior do que o do carro. A partir disso, compreendemos que este enunciado é direcionado à pessoa como um conselho ou advertência. Ele implica que a pessoa tem controle sobre suas ações e escolhas em relação ao consumo de álcool. Ao dizer "seu destino", está se referindo ao curso da vida da pessoa e as possíveis consequências que o consumo de álcool pode ter sobre ela. Este texto pode ser compreendido como uma mensagem que incentiva os indivíduos a tomarem decisões responsáveis e conscientes sobre o consumo de álcool, sugerindo que não permitam que o álcool influencie negativamente suas vidas.

Já o enunciado verbal “DIRIGIR ALCOOLIZADO É CRIME E PODE DAR CADEIA”, escrito também em caixa alta, no entanto, em tamanho menor que o outro enunciado, relaciona-se ao carro batido, apresentado em tamanho proporcionalmente menor que o copo de cerveja. Por esta articulação estabelecemos a “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 47). ou seja, a entonação. Elemento no qual se

materializa o aspecto valorativo; a bebida alcoólica, como potencializadora de acidentes de trânsito, instaurado pela perspectiva criada pelas imagens e pelas palavras. Podemos, assim, dizer que entonação se coloca no centro das relações sociais e nela e por ela são reconhecidos os acentos valorativos partilhados no discurso.

Depreendemos que este enunciado é uma prescrição direta sobre as consequências legais de dirigir embriagado. Ele não está apenas alertando sobre os riscos de dirigir alcoolizado, mas também está dizendo à pessoa que ela deve evitar essa conduta devido às possíveis repercussões legais graves, como ser preso ou enfrentar punições. É uma mensagem que visa dissuadir a pessoa de agir de forma irresponsável e ilegal, enfatizando as consequências negativas que ela pode enfrentar se decidir dirigir embriagada.

Portanto, enquanto o primeiro enunciado se dirige à pessoa como um conselho ou advertência sobre suas escolhas pessoais, o segundo enunciado é uma prescrição direta sobre um comportamento específico, indicando as consequências legais associadas a ele. O discurso oficial está em tamanho menor, embora tenha a força coercitiva da lei.

As avaliações sociais refletidas e refratadas nesse texto, também são percebidas na formação ideológica proferida no discurso, da parte daquele que fala o “Eu” – sujeito constituído na alteridade - a Polícia Rodoviária Federal e o Ministério da Justiça e, daquele que ouve, - o “Outro” - condutor de um veículo. Nessa interação intersubjetiva do “eu” aquele que enuncia, o “outro” aquele a quem o eu se dirige e o “eu -para-o-outro”, estabelecem-se os valores-sócio-espaco-temporais (Bakhtin, 2010).

Percebemos, a partir desses aspectos mencionados, que os valores revelados no discurso dos falantes - a Polícia Rodoviária Federal e o Ministério da Justiça, no seu papel de autoridade institucionalmente constituída, respondem ao contexto extraverbal (a implementação da lei seca no Brasil), reverberando, assim, a relação de poder instituída a eles, pela lei, sobre o cidadão que realiza uma ação inadequada na condução de um veículo. Ou seja, pela entonação, os falantes que, neste caso, representam Instituições, “se engajam socialmente e tomam uma posição ativa em relação a certos valores” (Rodrigues, 2001). Esta relação de poder produz uma valoração sócio-espaco-temporal comum, ao externar uma conduta constituída nos grupos sociais em prol de um bem coletivo para a sociedade. Ou seja, este enunciado

evidencia marcas enunciativas de sujeitos que ocupam um lugar histórico e social, instaurado em um contexto histórico, social e ideológico de uma determinada época.

Outro aspecto que também institui a valoração é a situação de interação em que ocorre a interlocução - pois, podemos asseverar que essa campanha Nacional da Lei Seca, desenvolvida pelo Governo Federal, ao instituir no discurso, vozes institucionalizadas, instaura um embate ideológico entre os participantes, aqueles que fiscalizam e precisam fazer com que a lei seja cumprida - e aqueles que infringem a lei. Os sentidos produzidos desse embate são atravessados por diferentes visões de mundo, culturas e valores dos partícipes da comunidade discursiva, na qual este cartaz de campanha foi veiculado, pois evidencia que só a existência de uma lei não garante sua efetivação na sociedade, são necessárias ações de conscientização - e o cartaz de campanha desempenha parte desse processo. A partir da situação discursiva deste enunciado compreendemos que os falantes - assumem uma responsabilidade ao interagir com o outro, pois, ao adentrar no fluxo discursivo pelas vias da interação, esperam desse “outro” auditório/interlocutor/ouvinte - a sociedade, uma resposta, que é a conscientização sobre a existência da lei que ao ser infringida acarreta consequências. Diante disso, é possível afirmar que a valoração é instituída como uma ligação constitutiva entre o enunciado e sua situação de interação.

Em 2014, o tema proposto para produção da redação foi Publicidade infantil em questão no Brasil.



Figura 5 - Texto 2¹⁶

¹⁶ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Caderno de provas 2014

Iniciamos a análise desse texto, reiterando a ideia de que em determinados textos que agregam em seu plano discursivo as linguagens verbal e visual, é possível que sentidos sejam atribuídos, parcialmente, quando lidos separadamente. No entanto, neste enunciado, não conseguimos atribuir sentido nenhum, se não articularmos a linguagem visual, os símbolos/imagens e a linguagem verbal.

Vemos nesse texto que foram utilizados símbolos/imagens que representam como são regulados os comerciais para o público infantil em alguns países no mundo. Atribuir os sentidos para esse texto requer observar as relações sociais que o constitui, reconhecidas pelo aspecto extraverbal e pela situação de interação. O discurso é orientado para uma percepção ativa, para discursos anteriores acerca da publicidade infantil, pois era bastante comum, a veiculação de comerciais de alimentos, brinquedos, calçados e outros produtos com apelo direto às crianças. Em função deste público ser considerado mais suscetível aos apelos mercadológicos, instituíram-se leis e autorregulamentações em diversos países, como forma protetiva à influência e ao desejo de consumo, como mostra esse texto sob análise.

Entendemos que as informações trazidas por esse enunciado refletem elementos trazidos da vida, da realidade social dos partícipes dessa interlocução e, quando refratamos tais informações, atribuímos valorações que revelam aspectos do comportamento humano, questões relativas ao poder, embates ideológicos de ordem política, econômica e cultural. Ou seja, o “vínculo estabelecido entre a palavra e o contexto extraverbal” (Volóchinov, 2019), nos possibilita perceber esse embate entre os que entendem que precisam proteger os direitos da criança e os que por interesses econômicos ignoram tais prerrogativas. Em função disso, surge a necessidade de existir ações regulatórias para combater uma conduta que envolve aqueles que fabricam os produtos para criança, aqueles que produzem os comerciais para anunciar e vender tais produtos e aqueles que conforme explicitado no Caderno Legislativo (2016) defendem que as crianças não têm condições de entender as mensagens publicitárias que lhes são dirigidas, por não conseguirem distingui-las da programação na qual são inseridas e, tampouco, compreender seu caráter persuasivo (Instituto Alana, 2016, p.20).

Ao entrarmos em contato com esse texto verbo-visual, precisamos ativar conhecimentos prévios acerca do poder que a publicidade exerce sobre a população, em especial às crianças, e compreendermos quais discursos são atravessados, ou

seja, aquilo que está para além de seu aspecto estritamente linguístico/imagético, conforme esclarece Brait, o texto precisa ser

analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos que o constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais. (Brait, 2010, p.195).

Ao fazermos isso, acionamos os processos interacionais, históricos, culturais e ideológicos e, assim, percebemos que o Estado possui papel regulatório preponderante, já que o mercado é influenciado por interesses corporativos e econômicos e, por essa razão, muitas vezes, desconsideram seu impacto sobre as crianças.

Verificamos que as linguagens verbais e visuais formam um todo indissociável, a utilização das imagens, não são aleatórias, como podemos exemplificar pela imagem que representa o aperto de mãos - trazido para este enunciado, para que o leitor reconheça, a partir do extraverbal, a associação entre o ato de apertar as mãos sempre quando é estabelecido um acordo, ou seja, quando algo é convencionado entre grupos de pessoas, sem que para isso exista uma lei. Assim como também, o uso da cabeça do Mickey Mouse, personagem de desenho animado, símbolo da Walt Disney Company, mundialmente reconhecido e utilizado para representar a proibição de uso de famosos ou personagens de desenhos em anúncios de alimentos infantis.

Reforçamos, por meio desses exemplos, que a compreensão dos sentidos se ajusta aos fatores socioculturais, de um mundo globalizado, que atribui tanto para as palavras quanto para as imagens os mais diversos processos comunicativos, que se consolidam e se constituem pelas vias de interação, entre os sujeitos, o texto e o mundo.

Dentre os mais variados temas que abordam questões sociais importantes, trazidos para as propostas do ENEM, no ano de 2015, em particular, foi abordado um problema fortemente enraizado aos fundamentos de nossa sociedade, resultado de uma cultura patriarcal. Dos quatro textos motivadores trazidos para compor a proposta de redação que teve como tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, três foram textos verbo-visuais, sendo um gráfico, um cartaz de campanha e um infográfico.

Resolvemos empreender a análise, considerando o conjunto dos três textos,

por compreendermos que eles se complementam, formando uma sequência do que se quer dizer, tanto no uso das palavras (sequências verbais) quanto no uso das imagens. Embora o gráfico e o infográfico tenham como principais características representar dados, levar o interlocutor a identificar padrões, a verificar e comparar resultados, sabemos que um enunciado é dialógico por natureza e, por isso, indissolúvel da comunicação discursiva, isto é, ele responde a outros enunciados e, ao mesmo tempo, tende a ser respondido formando um ciclo contínuo, constituído de relações entre pessoas, ou seja, os sentidos produzidos ultrapassam a materialidade do texto.

TEXTO II



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Balanco 2014**. Central de Atendimento à Mulher: Disque 180. Brasília, 2015. Disponível em: www.spm.gov.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO III



Disponível em: www.compromissoatitud.org.br. Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

TEXTO IV

O IMPACTO EM NÚMEROS

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializados

332.216 processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, aos **52** juizados e varas especializados em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:

 **33,4%**
de processos julgados

 **9.715**
prisões em flagrante

 **1.577**
prisões preventivas decretadas



58 mulheres e **2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não constam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional



237 mil relatos de violência foram feitos ao Ligue 180, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres



Sete de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 180 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros

Fontes: Conselho Nacional de Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres

Figura 6 - Texto 3¹⁷

Ao observarmos os números trazidos no gráfico e no infográfico, vemos

¹⁷ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Caderno de provas 2015.

refletidas perspectivas culturais de um país que convive com os mais variados tipos de violências cometidos contra a mulher, que esses números são influenciados pelas interações sociais vigentes em nossa sociedade, revelando aspectos valorativos. É preciso, ao lermos enunciados, que apresentam dados estatísticos, extrapolar os limites do que é explicitado, requer analisarmos o que também não está revelado, pois o discurso se orienta para fora dos limites verbais/imagéticos e entra em contato com a vida socioideológica.

Atribuir os sentidos para o gráfico, exige que não o analisemos passivamente, já que “operam uma refração a partir do contexto extraverbal da enunciação” (Volochínov, 2019), sendo, por isso, sempre valorado. Ao estabelecermos as relações sociais, nesse texto, precisamos nos questionar quais vozes estão refletidas, quais vozes são valorizadas e quais são silenciadas, quais mulheres estão representadas nesses números, qual realidade estes números refletem. Os sentidos se estabelecem entre essas vozes incorporadas ao discurso que preservam as ressonâncias de outros ditos, já-ditos e/ou não-ditos. Como assevera Bakhtin (2017, p.38), “[E]u vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro”.

Sabemos que historicamente, conforme explicita (Silva, 2012) “a localização do doméstico como ponto de partida indica como o lugar da mulher é constituído a partir do lar e da família”, ou seja, a mulher sempre foi colocada na sociedade em um lugar de submissão, tendo o papel de responsável pela procriação e organização do lar. Sendo relegado ao homem o privilégio de ser o senhor e mantenedor da sociedade. Esse cenário ainda se perpetua com expressividade em nossa sociedade, pois ao considerarmos que mesmo diante de muitas lutas feministas, foi apenas a partir de 1988, com a promulgação da Constituição Federal, que a mulher passou a ter reconhecida sua igualdade, notadamente em relação ao homem, em direitos e obrigações na sociedade e nos relacionamentos conjugais (Brasil, 1988; Roudinesco, 2003; Silva, 2015; Souza, 2013). Isso nos revela que mudar paradigmas sociais e comportamentais é um processo moroso, ainda mais quando tais comportamentos são alicerçados em bases fundamentalistas associadas a ideias sectárias e inflexíveis.

Quando analisamos os números que apontam a violência física a que mais acomete as mulheres, devemos nos questionar se, de fato, refletem a realidade, pois pouco ainda se sabe e se discute sobre outros tipos de violência. Conforme enfatiza a coordenadora estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar

do Tribunal de Justiça do Ceará (TJCE), a desembargadora Marlúcia de Araújo Bezerra, "apesar de frequente, a violência psicológica é pouco abordada. “Geralmente, a imprensa noticia a violência doméstica mais explícita, quando ocorrem danos físicos relevantes ou mesmo quando a mulher vai a óbito. Mas o autor de violência, em suas primeiras manifestações, não costuma iniciar as agressões físicas propriamente”(CNJ, 2023 Conselho Nacional de Justiça)¹⁸.

No entanto, ao vermos que o gráfico apresenta que a violência física é a mais relatada pelas mulheres, somando 51,68%, compreendemos que a parte não expressa, a dimensão extraverbal, aquela que está subentendida, revela valorações a partir dos processos interacionais históricos, culturais e ideológicos.

Então, o gráfico reflete qual realidade? Atribuir os sentidos requer que tomemos uma posição no diálogo, operando uma refração acerca do que nos é apresentado, a partir do contexto extraverbal em que ocorre a enunciação, ou seja, pouco ainda se discute em nossa sociedade sobre a violência psicológica e moral, ainda mais se consideramos que o gráfico é de 2015. Reforçamos essa ideia, a partir do que afirma Rodrigues (2014), que “a valoração não apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas, sócio-histórico-culturais” (Acosta-Pereira; Rodrigues, 2014, p.192). Com isso, vemos que este enunciado revela a relação do poder exercido sobre a existência da mulher, visto que mesmo havendo leis punitivas aos agressores, há ainda omissão legal, descaso e a indiferença do Estado.

O texto III, o cartaz de campanha, articula por meio de imagens e palavras o conteúdo temático desse enunciado - acabar com o feminicídio. Novamente percebemos como o uso articulado entre palavras e imagens ajustam-se a fatores socioculturais para significar. Ao acionarmos, na interpretação desse enunciado, o modo como foram selecionados os elementos simbólicos trazidos da realidade e como foram tratados na constituição de seu objeto de discurso, atribuímos os sentidos para esse plano discursivo.

A imagem da mão aberta, comumente utilizada para representar “pare”, o alvo utilizado para treinamentos de tiro cobrindo toda a palma da mão e o símbolo ao centro para se referir ao gênero feminino são elementos ideológicos perpetuados na cultura,

¹⁸ Conselho Nacional de Justiça (CNJ) Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/silenciosa-e-brutal-violencia-psicologica-atinge-milhares-de-mulheres-no-brasil/> Acesso em 06/02/2024.

os quais, grande maioria de nós, está familiarizada. No uso da expressão “basta” que demarca, via entonação, um apelo para que algo seja terminado, cessado, vemos uma valoração do falante que neste enunciado, está imbuído de vozes de mulheres que sofrem com a violência e de todos que vivenciam essa realidade e intentam cessá-la.

Observamos, a partir da junção da linguagem verbal e da visual, que os discursos são sempre transformados, ressignificados, que os sentidos nunca serão únicos e últimos, é na situação de interação que se constroem os sentidos. Ou seja, nesses elementos ressoam já-ditos, como a imagem do alvo, retirado de outra realidade, o símbolo do gênero feminino incorporado nesse plano discursivo, evidencia a relação dialógica existente na relação entre sujeitos, pertencentes a uma realidade comum que reconhecem o seu significado, reforçando o diálogo permanente como norteador das atividades humana. Vemos que desse movimento surge a possibilidade de renovação dos sentidos dentro de contextos diversos. Bakhtin (2002) defende que:

Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dele se afastar (Bakhtin, 2002, p.88)

Reforçamos tal ideia acrescentando que, articulação entre os elementos verbais “Feminicídio Basta” e os não verbais, representa uma nova unidade discursiva, que é uma reação resposta da sociedade, em especial, das mulheres que sofrem violência e são mortas, geralmente por seus companheiros.

Essas escolhas são uma forma de ver e de conceituar a realidade, a partir do olhar do autor que ao atender demandas sociocomunicativas, veicula em seu objeto discursivo, representações criadas e convencionados nas interações sociais. Acrescemos ainda, que neste cartaz de campanha, é a situação social que determina a forma de enunciar, em outras palavras, seu sentido só é compreendido quando levado ao extraverbal que reflete um comportamento humano constituído daquele que comete uma ação de violência e daquela que sofre e é vitimada por tal violência. Isto quer dizer que a estrutura social é também a estrutura do enunciado.

No texto IV, o infográfico que por meio da articulação entre as linguagens verbal e visual intentam apresentar com base na conhecida popularmente “Lei Maria da Penha nº (Lei 11.340/06)¹⁹ o impacto em números da violência doméstica e familiar contra as mulheres. A referida Lei busca garantir o respeito e a integridade física, moral e psicológica à mulher.

Ao analisarmos este enunciado, vemos nele refletido, as implicações provenientes das relações de poder instituídas na sociedade que reverberam valorações a partir das posições que os sujeitos, mulheres e homens, ocupam socialmente.

A Lei Maria da Penha foi um avanço importante para as mulheres, proporcionando a elas maior emancipação e empoderamento, ao alterar o Código Penal, permitindo que os agressores passem a ser presos e aumentando as penas. No entanto, os números revelam a manutenção de discursos institucionalizados, reverberados de uma cultura patriarcal enraizada em nossa sociedade que institui ao homem a figura que detém a autoridade, o poder de mantenedor do lar, o poder político e econômico.

Ao trazermos para a análise uma das informações apresentadas que afirma que “58 mulheres e 2.777 homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010”, percebemos a valoração instituída a partir da situação de interação, ou seja, a manutenção do regime patriarcal que mantém a estrutura de poder social centralizada no homem ou no masculino, que utilizam a violência como uma maneira de controle sobre a vida das mulheres, mantendo-as em uma posição de inferioridade, assim, reafirmando a manutenção da cultura patriarcal. Verificamos ainda, que acompanhado a essa informação expressa verbalmente, é articulada a figura masculina, que reforça, via entonação, que o número de mulheres enquadradas por essa lei, é significativamente menor que de homens.

Observamos que a utilização dos elementos visuais associados aos elementos verbais, revelam relações existentes entre discursos institucionalizados com as ideologias. O uso do martelo, também chamado de malhete, utilizado quando o juiz

¹⁹ A lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acesso em 06/02/2024.

define uma sentença – associado neste enunciado às prisões preventivas decretadas, a algema, instrumento utilizado para prender alguém pelos pulsos ou pelos tornozelos, associado às prisões em flagrante, a figura da mulher representada pelo uso da saia, uma vestimenta que revela acentos valorativos, culturais e ideológicos ao considerarmos que uso de calça, no Plenário do Senado, só foi permitido para as mulheres, no ano de 1997. A mulher, sendo, ainda assim, representada, neste enunciado, nos revela que a desigualdade de gênero sempre foi e, ainda é, naturalizada. Entendemos que esses dados operam uma refração a partir do contexto extraverbal da enunciação, ou seja, são os elementos trazidos da vida, que nos mostram atravessamentos de visões de mundo, de culturas e valores, por isso, não podem ser compreendidos fora do contexto que os interpelam.

Verificamos que o infográfico foi um dos textos motivadores verbo-visuais mais utilizados nesse período de 10 anos. Podemos atribuir esse fato ao processo de convergência das mídias (Jenkins, 2006) que representa parte significativa na evolução das relações socioculturais, possibilitando aos sujeitos realizarem múltiplas funções, ampliando as possibilidades de significação. Os infográficos que acompanharam as propostas de redações dos anos de 2016 e 2018, refletem dados da realidade, isto é, constituem-se das relações sociais vigentes na sociedade de um dado momento.

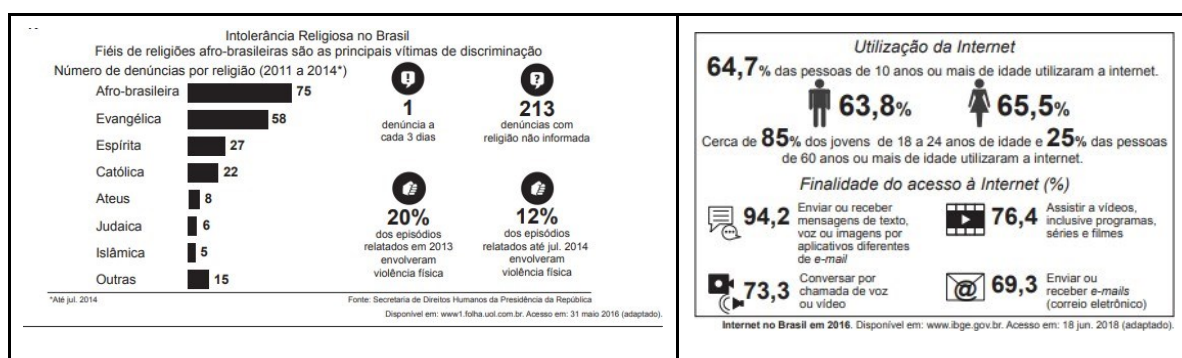


Figura 7- Textos 4 e 5²⁰

Ao analisarmos o modo como foram constituídos - ponderamos que a

²⁰ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Caderno de provas 2016 e 2018.

articulação das palavras e das imagens visa atender aos propósitos do que se quer dizer, ou seja, ao tema do discurso. Os significados produzidos em ambos os enunciados nos remetem a avaliações, nos revelam ideologias, crenças, valorações sobre o comportamento humano.

Ao verificarmos, por meio dos números, que os fiéis das religiões afro-brasileiras são os que mais sofrem com a discriminação que, muitas vezes, as atitudes discriminatórias envolvem a violência física, vemos as relações de poder que estão imbricadas nas práticas discursivas da sociedade. Os dados precisam ser lidos e levados para o contexto extraverbal, que confirmam serem as pessoas negras as maiores vítimas de atos discriminatórios e de violência, conforme divulgado no Atlas da Violência: População Negra (2023), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)²¹, “o assassinato de homens e mulheres negras lidera os rankings de homicídios no Brasil. [...] o racismo, como elemento estruturante e presente em todos os aspectos da sociedade brasileira, agravando no aumento da miséria e do desemprego, impactam o cenário de mortes dessa população”. Para compreendermos este texto precisamos levá-lo ao contexto que o alimenta - o extraverbal, pois como explicitado por Volóchinov (2019), “a situação integra o enunciado como uma parte necessária de sua composição semântica”.

Além disso, atribuir os sentidos para este texto, requer do leitor certa introspecção sobre sua postura e atitude em relação às diferenças de raça e etnia, para assim, perceber as relações existentes entre os discursos institucionalizados com as ideologias, identidades que incidem sobre esse ato discursivo.

Vemos refratados nesses números que, embora exista um respaldo legal que garante a liberdade de crença que protege as religiões, são muitas as incidências de violação desse direito. Os dados apresentados demonstram que o preconceito religioso é uma realidade que acomete várias religiões, no entanto, a entonação expressiva dada a esse discurso, ao evidenciar que “os fiéis das religiões afro-brasileiras são os que mais sofrem com a discriminação”, evidência a valoração instituída pelo falante

²¹ População negra: Dashboard traz de maneira ilustrada e de fácil compreensão os principais dados da violência contra a população negra, a mais atingida pela violência letal, do Atlas da Violência 2023, lançado em 5 de dezembro de 2023, e elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/280/atlas-2023-populacao-negra>. Acesso em 05/02/2024

com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado, ou seja, tal discriminação é decorrente do racismo, da negação dessa tradição religiosa por parte da sociedade brasileira.

Ressaltamos, então, que a composição deste enunciado, as escolhas dos modos utilizados, são motivadas por questões sociais, culturais, políticas, ligadas às relações de poder que revelam o atravessamento dos discursos, pois esses números representam vozes sociais daqueles tanto daqueles que exercem atitudes discriminatórias quanto daqueles que são vitimados por essas ações.

Ao lermos o infográfico que tem como tema do discurso apresentar o número de pessoas que utilizam a internet e com que finalidade, outras valorações são descobertas. O enunciador, ao utilizar balãozinho de texto, balãozinho de fala, que trazidos do contexto dos quadrinhos, são agora ressignificados e utilizados em outro contexto de interação social, criando, assim, demandas por novos tipos de enunciados que intrinsecamente se conectam, se ligam aos mais diversos campos da atividade humana. Assim como também, os ícones para representar filmes e séries, estabelecendo uma relação social, com seu interlocutor, que vivência e é partícipe da mesma cultura. Ou seja, o autor ao observar a realidade que nos cerca, trouxe para compor esse enunciado, elementos visuais que se constituíram histórico-culturalmente nas relações sociais entre os sujeitos.

Ao verificarmos que mais de 64% da população que tem mais de 10 anos utiliza a internet, para as mais diversas finalidades, como se comunicar por meio de mensagem de texto, de voz, por vídeo e e-mails; assistir a vídeos, séries e filmes, compreendemos que novas situações comunicativas foram criadas, modificando a forma de as pessoas lidarem com a linguagem, isto é, representa parte significativa na evolução das relações socioculturais, ao possibilitar aos sujeitos realizar múltiplas funções, ampliando as possibilidades de significação por meio dos textos com multiplicidade de linguagens e pela digitalização de sentidos (García Canclini, 2008). Este enunciado reforça a ideia já discutida neste trabalho acerca das novas formas de cultura, dos novos modos de reorganização social, enfim, das novas formas de estar, ler e compreender o mundo.

Este infográfico serve como via de mão dupla para explicar tanto a sua estrutura composicional, que funciona como agente organizador articulando diversas linguagens, as quais realizam funções relevantes para a satisfação das demandas sociocomunicativas e também para evidenciar que os sentidos advindos das mais

variadas práticas sociais da contemporaneidade são produzidos, não mais por uma única materialidade, verbal ou visual, mas sim, pela integralidade das diversas semioses (verbal, visual e sonora). A convergência dessas linguagens exige novas maneiras de perceber o mundo e interagir socialmente, pois as fronteiras entre diferentes formas de interação estão se tornando cada vez mais fluidas.

No texto 6 - Cartaz de Campanha - Redação 2017, cujo tema proposto para a redação era “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, as relações sociais são estabelecidas no processo de interlocução entre os participantes, representados, de um lado, por uma pessoa com deficiência auditiva e o Ministério Público do Trabalho, de outro, os(as) donos(as) de empresas. O cartaz de campanha foi produzido pelo Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul em parceria com a empresa Puras.

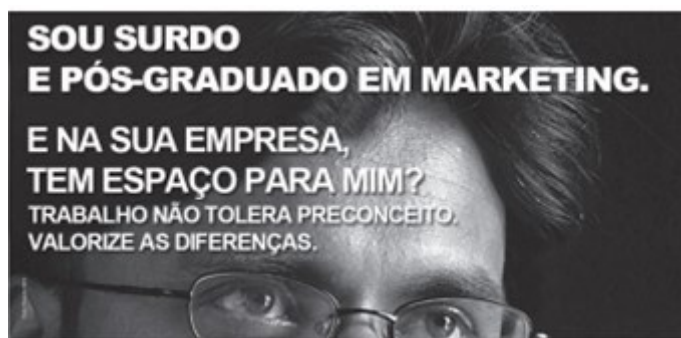


Figura 8 - Texto 6²²

O cartaz de campanha analisado é uma representação multifacetada das relações sociais, ideológicas e culturais que permeiam as questões de discriminação e preconceito no ambiente de trabalho. Ele destaca a importância da valorização da diversidade e do respeito às diferenças como elementos essenciais para a construção de um ambiente de trabalho mais justo e inclusivo.

Ao analisarmos o enunciado observamos que são duas vozes distintas que falam. O sujeito que enuncia, em primeira pessoa, “SOU SURDO PÓS-GRADUADO EM MARKETING. E NA SUA EMPRESA, TEM ESPAÇO PARA MIM?” ocupa, com a metade de sua face, a cena do cartaz de campanha e o outro sujeito que enuncia:

²² Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Caderno de Provas 2017.

“TRABALHO NÃO TOLERA PRECONCEITO. VALORIZE AS DIFERENÇAS.” manifesta a voz do Ministério Público do Trabalho. Esses dois participantes do enunciado assumem a condição de sujeito sócio, histórico e ideologicamente constituído para representar uma situação acerca da discriminação a pessoas surdas. Ambas as falas, participam, via entonação, como “meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala” (Bakhtin, 2016, p. 47). Ou seja, esses dois sujeitos que enunciam, embora ocupem posições distintas na sociedade, estão alinhados ao mesmo propósito - chamar a atenção do seu interlocutor/ouvinte/auditório (a sociedade em geral e seu interlocutor direto - as empresas) para um problema social - que afeta diretamente um dos sujeitos que falam - a pessoa com deficiência auditiva ou surdo.

Conforme já dissemos anteriormente, a entonação é um dos elementos no qual se materializa o aspecto valorativo, que, nesse caso, se configura pela interlocução dos participantes desse enunciado. Sendo o primeiro - o representante direto daquele que sofre com a discriminação, que por sua própria voz interpela o seu auditório (o setor empresarial), por meio de um questionamento - realizado em primeira pessoa “Sou pós-graduado”, instaurando uma aproximação com seu interlocutor ao dizer “E na sua empresa tem lugar para mim?”. Essa interlocução deixa evidente a dimensão dialógica existente na relação entre os sujeitos, reforçando a ideia do permanente diálogo nem sempre simétrico e harmonioso como norteador das atividades humanas, destacando os diferentes pontos de vista que dialogam e constroem sentidos.

Constatamos, ainda, que esse embate ideológico é reforçado pela voz do Ministério Público do Trabalho quando afirma “Trabalho não tolera preconceito. Valorize as diferenças”. Nessa relação entre os interlocutores do “Eu” sujeito que fala com o “Outro” sujeito que lê e ouve, representam um conjunto de vozes sociais que interagem e revelam posicionamentos ideológicos e significado culturais que afetam os sentidos do enunciado. Ou seja, este enunciado revela que mesmo havendo uma Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – (Lei nº 13.146/2015) que estabelece que “Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação, os direitos da pessoa com deficiência, não são assegurados, neste caso, especificamente, pelas empresas que não contratam pessoas com deficiência, desse modo infringindo a lei. Podemos dizer que esse cartaz de campanha sinaliza para a sociedade questões relativas às relações de poder-saber.

Ao nos atentarmos ao aspecto visual do cartaz, que mostra apenas uma parte do rosto da pessoa surda, podemos interpretá-lo a partir de algumas perspectivas: o enunciador ao destacar apenas parte do rosto da pessoa surda, especificamente a orelha com um aparelho auditivo, enfatiza a identidade da pessoa como alguém com deficiência auditiva. Isso coloca a questão da inclusão de pessoas com deficiência em evidência, centrando-se na experiência específica da pessoa surda no ambiente de trabalho. A imagem inclinada do rosto da pessoa surda, com os olhos usando óculos e um aparelho auditivo, como um símbolo visual da diversidade e das barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam no ambiente de trabalho. Essa representação visual evoca empatia e sensibiliza o público-alvo da campanha para as questões de inclusão e preconceito.

Podemos ainda dizer que ao mostrar apenas uma parte do rosto da pessoa surda, o autor do texto visa destacar sua capacidade e profissionalismo, independentemente da deficiência auditiva. Ao incluir a mensagem "SOU SURDO PÓS-GRADUADO EM MARKETING", a campanha enfatiza as habilidades e qualificações da pessoa surda, desafiando estereótipos e preconceitos relacionados à deficiência. Essas escolhas tornam o enunciado mais intrigante e memorável, capturando a atenção do público-alvo e incentivando a reflexão sobre a mensagem da campanha.

Sabemos que uma das prerrogativas para que um enunciado se concretize como uma unidade significativa de comunicação é que esteja inserido em uma situação autêntica e única. Então, se o enunciado "Sou surdo e pós-graduado em marketing" for retirado da situação de interação do cartaz de campanha, poderíamos atribuir a ele outras avaliações a depender da situação em que ele ocorra, pois "constituído em uma dada esfera discursiva, todo enunciado carrega valorações, pois os indivíduos tomam uma posição no diálogo (Acosta-Pereira; Rodrigues, 2014)". Ou seja, a situação de interação nos fornece os subsídios para compreender que quem enuncia se coloca no mundo como uma pessoa que é surda, no entanto, ao utilizar a conjunção aditiva "e" enfatiza sua capacidade profissional, instaurando um embate ideológico com aqueles, especificamente (os empresários) que o julgam pela sua deficiência e não pela sua formação acadêmica e profissional.

Essas palavras refletem ideologias, crenças e valores que atravessam e constituem as relações sociais, com relação à discriminação e ao preconceito e são influenciadas pelas interações sociais que se constituem daquele que fala (que sofre

a discriminação), daquele que ouve (que discrimina) e do discurso, promovendo, assim, por meio dessa tensão ideológica, uma reflexão em torno dos valores compartilhados nessa interação, que é a conscientização - por meio da linguagem, fruto desse engendramento entre forças de estratificação social.

Percebemos que por sua natureza dialógica, este texto, implica ser mais que um complexo de relações entre palavras e imagem, constituindo-se em vez disso como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas que ocupam um lugar na sociedade.

Ao nos atentarmos a escolha da figura de um homem branco, de óculos, de boa aparência, para representar o sujeito que enuncia, constatamos que essa escolha não é aleatória, é socialmente dirigida ao seu interlocutor direto, donos e donas de empresas. Ou seja, a figura desse homem revela valores acerca de seu enunciatário, e também de uma parcela da sociedade, pois o cartaz de campanha quer chamar a atenção para uma questão relacionada a um comportamento preconceituoso, então, o uso dessa imagem reforça a ideia de que, o enunciador é surdo, no entanto, é branco, tem boa aparência e tem formação acadêmica. Vemos implicada nessa escolha, que, ao mesmo tempo que intenta refutar uma ação discriminatória, reforça outras reverberações discriminatórias associadas às diferenças, de raça, etnia, gênero, entre outras.

Este enunciado é determinado pelos participantes de um evento, que neste caso se refere a atitudes discriminatórias e preconceituosas, tanto os mais próximos, aquele que sofre a discriminação; aquele que institucionalmente tem o papel de fiscalizar e romper com esse processo discriminatório; aquele que pratica a discriminação e a parcela da sociedade que, no momento da interlocução, não pertence a nenhum desses grupos.

Em outras palavras, a situação social e o auditório/interlocutor/ouvinte que determina a orientação social que, por sua vez, determina a forma de se enunciar algo, melhor dizendo, o centro organizador do enunciado é dado pelo meio social que circunda o indivíduo participe da interação social.

O Texto 7 - Infográfico - acompanha a proposta de redação de 2019, que traz como tema a “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”. Ao analisarmos esse enunciado, observamos que as relações sociais que o constitui, perpassam, pelo aspecto extraverbal e pela situação de interação.



Figura 9 - Texto 7²³

Podemos dizer que esse enunciado é um exemplo de como os avanços advindos das tecnologias, sejam os meios, as máquinas, as ferramentas e as linguagens, possibilitaram o surgimento de novas formas de cultura, novos modos de reorganização social.

Ao analisarmos o modo como foi constituído esse enunciado verbo-visual - no qual, quer informar que cresce o número de brasileiros que frequentam o cinema e que o interesse por filme tem destaque no consumo da TV, e a utilização de imagens trazidas da realidade que se relacionam ao conteúdo temático desse enunciado, nos remetem a avaliação de que o brasileiro gosta de assistir a filmes, ou seja, perspectivas culturais são reveladas.

Quando vamos para os dados percentuais, outras valorações são descobertas, como, por exemplo, quando os dados apontam que 88% dos telespectadores assistem a filmes regularmente na TV, logo abaixo a informação de que 19% desses telespectadores vão ao cinema, percebemos que o autor não apresenta uma avaliação sobre esses dados, todavia, sabemos que cada elemento não só significa, mas também avalia. Com isso, entendemos que esses dados operam uma refração a

²³ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Caderno de Provas 2019.

partir do contexto extraverbal da enunciação, ou seja, são os elementos trazidos da vida, da realidade social, dos partícipes dessa interlocução, que instauram a valoração, que pode ser variada, a depender de como o sujeito vê e está no mundo. Alguns podem atribuir a esse fenômeno questões de ordem econômica, outros de ordem decorrentes da falta de acessibilidade, outros de natureza estrutural das cidades e, outros, a todos esses fatores.

Sobre essa ideia, reforçamos, ainda, dizendo que este enunciado está para além de seu aspecto estritamente linguístico/semiótico, é constituído, também, da parte não expressa, da dimensão extraverbal, aquela que está subentendida, ou seja, daquilo que leitor aciona, a partir dos processos interacionais históricos, culturais e ideológicos. Ou seja, a imagem do pacote de pipoca proporcionalmente menor do que a imagem do rolo de filme ao lado, revela um comportamento cultural do ser humano, o hábito de comer pipoca quando assistimos a filmes, seja em casa, seja no cinema.

Vemos que a escolha das imagens não são aleatórias e estão articuladas ao discurso verbal, o uso da imagem do *home theater*, da televisão articulados à ideia de filmes vistos em casa, na TV. A imagem dos óculos 3D, da fita de cinema, do rolo de filme, da pipoca articuladas aos filmes vistos no cinema. Percebemos que ambas as linguagens significam, e estão intimamente ligadas.

Acrescentamos, também, que nos dados apresentados e nas imagens estão intrínsecas questões relativas ao poder, pois quando recorremos, a situação de interação no qual este infográfico está inserido, sabemos que a concentração dos cinemas é nas áreas de renda mais alta das grandes cidades, por isso populações inteiras são excluídas do universo do cinema. O que nos permite estabelecer essas relações sociais no texto é o “vínculo estabelecido entre a palavra e o contexto extraverbal”, (VOLÓCHINOV, 2019).

Ao iniciarmos a nossa análise do texto 4, o qual, denominamos como sendo um cartaz de campanha, fazemos uma ressalva a partir das palavras de (BAKHTIN, 2016) que afirma que os gêneros são “relativamente estáveis”, pois verificamos que esse texto, hibridiza em sua composição elementos do gênero infográfico, ao trazer informações por meio de dados percentuais, muito comum desses gêneros discursivos e o elemento característico das histórias em quadrinho, o balão de fala. Evidenciamos também, que diferenciando de outros textos já analisados até aqui, neste foi preservada a presença das cores, um fator preponderante para a análise, pois as cores, assim como outros elementos expressivos - a escolha dos tipos de

letras, layout, entre outros, produzem efeitos específicos. O tema da redação de 2020 foi “O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira”.



Figura 10 - Texto 8²⁴

Trazemos para essa análise, o que, primeiramente, nos chama a atenção ao entrarmos em contato com o cartaz de campanha, a expressão SOCORRO. Encontramos nessa expressão eco e ressonâncias de muitos já-ditos, pois o sentido atribuído ao uso dessa expressão, com raríssimas exceções, já nos coloca em estado de alerta, pois sua utilização demarca, via entonação, que algo grave está acontecendo, ou seja, há uma valoração do falante, que neste enunciado, está imbuído de muitas vozes, no objeto da fala.

As avaliações sociais refletidas e refratadas na expressão “SOCORRO, BRASIL!” revelam muitas tensões, embates instaurados entre o enunciador, sujeito que assumiu a responsabilidade, ao interagir com o outro, o seu interlocutor direto -

²⁴ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Caderno de provas 2020

autoridades brasileiras e instituições responsáveis pela saúde, pois, essas palavras materializadas neste discurso, não pertencem unicamente a quem enuncia, o ouvinte (interlocutor) está sempre presente, assim como todas as outras vozes que antecedem o ato de fala e ressoam na palavra do enunciador. Ou seja, este enunciado representa uma arena de tensões e de lutas, uma vez que, ecoam vozes sociais de 322 milhões de pessoas que vivem com depressão em todo o mundo, desses, 11,5 milhões de brasileiros.

Esse texto é orientado para uma percepção ativa de seus interlocutores e, é também uma reação-resposta a outros enunciados, dos sujeitos constituídos socialmente - aqueles que sofrem com a depressão no mundo - que enunciam dentro de uma determinada esfera (Bakhtin, 2010). Compreendemos isso, a partir da relação emocionalmente valorativa externalizada pela expressão “SOCORRO, BRASIL!”, que pelas vias da entonação instauram a tensão ao refutar o apagamento de suas vozes, evidenciada pela imagem da pessoa sentada encolhida com a cabeça para baixo, posição que expressa sofrimento e solidão, servindo como pano de fundo para o cartaz, e ao salientar por meio dos números, destacados em cor amarela e em negrito, a urgência de uma tomada de atitude, acerca dos elevados índices de depressão, divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em fevereiro de 2017.

Percebemos que as escolhas das cores, do negrito, evidenciando os números, a imagem da pessoa ao fundo, em segundo plano, uma mulher que segundo os dados apresentados é a mais acometida pela depressão. Vemos que embora ela ocupe um bom espaço no cartaz, sua imagem está apagada, não tem cor, desbotada, o que revela, de certo modo, a falta de vida, provocada pela doença, e também a falta de visibilidade para o problema. Esses aspectos podem, sob um olhar de um leitor menos atento, passarem despercebidos ou ignorados, assim como a doença é ignorada por boa parte da população.

Esse apagamento da mulher ao fundo estabelece um contraponto com as cores fortes e vibrantes que constituem a imagem da bandeira do Brasil, com a careta de choro no meio, desenhada no mapa do país, dando a entonação expressiva, revelando a valoração de que as pessoas com depressão e transtornos mentais são ignoradas, pelas instituições e também por grande parcela da sociedade.

Vemos ainda, o balão de fala, uma marca características das histórias em quadrinhos, demarcando por esse uso, a existência de alguém por trás do discurso: “SOCORRO, BRASIL! Saiba mais sobre o problema de saúde que afeta mais de 1 em

cada 20 pessoas, mas que continuamos ignorando”. Notamos, ainda, que uso da expressão “continuamos”, verbo conjugado no modo do indicativo, no tempo verbal presente, demarca algo que está acontecendo no momento da fala e o uso da primeira pessoa do plural, indica que quem enuncia também se coloca no papel da parcela da sociedade que ignora o problema de saúde que afeta mais de 1 em cada 20 pessoas. À vista disso, estabelecemos os valores sócio-espáço-temporais da linguagem, realizados no processo de interação verbal que é orientado e legitimado no mundo de palavras do outro, em um movimento dialógico traduzido na relação eu para o outro, outro para mim e nós para eles.

Todos esses aspectos mencionados, a escolha dos recursos verbais e visuais, gramaticais e composicionais do enunciado compõem o estilo individual do enunciado, determinado por seu aspecto expressivo, os quais instauram a relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso.

Podemos observar, ainda, que esse texto representa uma arena de tensões e de lutas entre enunciados, na qual ecoam vozes sociais. Para Bakhtin, “nesse encontro tenso está toda a sua essência” (Bakhtin, 2010, p.341), ou seja, no encontro com o outro, seja ele harmonioso ou não, está à essência da linguagem, das relações dialógicas.

Os textos verbo-visuais seguintes são dois cartazes de campanha, que acompanharam as propostas de redação dos anos de 2021 e 2022. Os temas foram, respectivamente, "Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil" e "Medidas para o enfrentamento da recorrência da insegurança alimentar no Brasil"

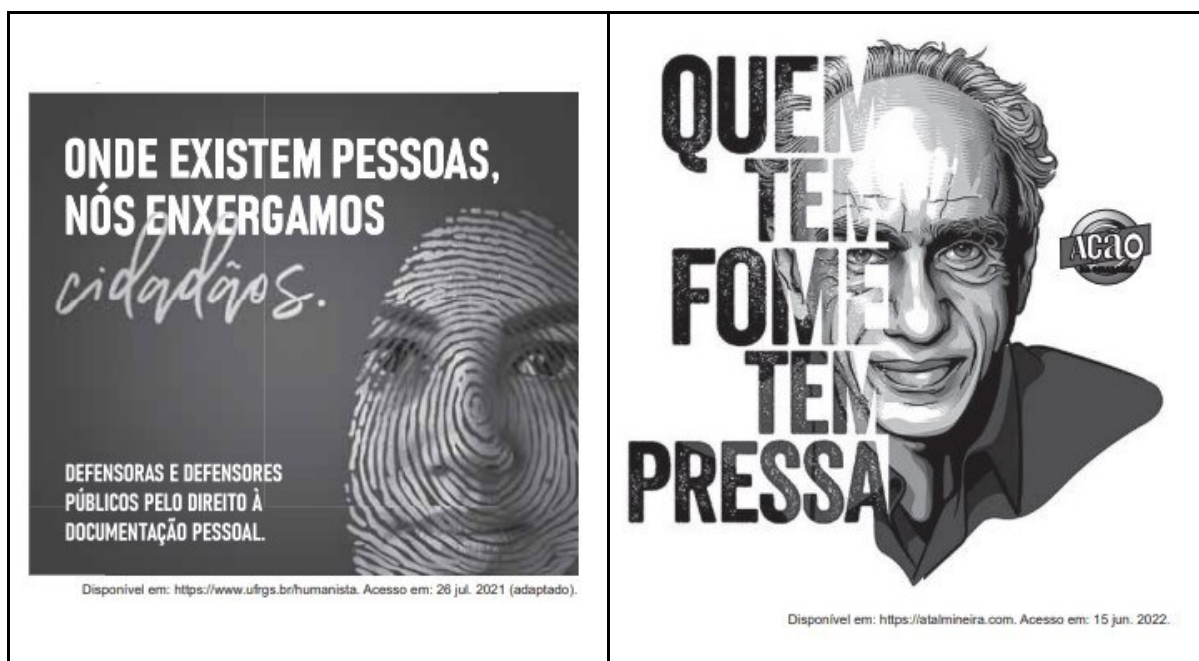


Figura 11 - Textos 9 e 10²⁵

Atribuir os sentidos para ambos os enunciados, requer primeiramente que percebamos e reconheçamos como foram articuladas as linguagens verbal e visual, ou seja, precisamos nos ater a interação equitativa entre essas linguagens, para uma compreensão mais completa e profunda. Ressaltamos que estes e outros enunciados analisados neste trabalho, são constituídos por relações sociais e culturais, por isso, socialmente dirigidos.

Focaremos inicialmente da nossa análise no cartaz de campanha produzido pelos defensores e defensoras públicas. Compreender as avaliações sociais refletidas e refratadas nesse texto, perpassa pelo reconhecimento da situação de interação em que ocorre o processo de interlocução entre os participantes - aquele que enuncia - Defensoras e defensores públicos, daqueles que ouvem - as pessoas e os cidadãos. As escolhas enunciativas utilizadas para evidenciar quais são as vozes e identidades que participam desse movimento dialógico nos revelam acentos valorativos e ideológicos.

Dentre os aspectos valorativos contidos neste enunciado, destacamos os que observamos a partir da entonação expressiva atribuída ao uso da marcação de gênero nos termos - defensoras e defensores - essa particularidade revela que os indivíduos

²⁵ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Cadernos de Provas 2021 e 2022, respectivamente.

que enunciam, assumem e querem demarcar uma posição no diálogo, são marcas enunciativas de que evidenciam que mulheres e homens desempenham tal função, ou seja, ambos ocupam um lugar histórico e social. Essa demarcação de gênero, não é algo comum nesse tipo de gênero textual, por isso reconhecemos que representa uma transformação social nos hábitos e costumes que deixam de fazer ou que começam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Sabemos que as escolhas das linguagens utilizadas, seja ela verbal como no enunciado “Onde existem pessoas nós enxergamos cidadãos” seja visual, a imagem da mulher e a impressão digital sobre o seu rosto, estabelecendo a relação com a documentação pessoal que se utiliza da impressão digital como um mecanismo para conferir ao indivíduo a diferenciação dos demais seres humanos, bem como o estilo diferenciado de escrita da palavra cidadão, são motivadas por questões sociais, culturais, políticas, ligadas às relações de poder, instituídas pelas vozes que participam de desse texto. Ler criticamente e atribuir os sentidos é perceber as relações existentes entre as escolhas verbo-visuais e as vozes que subjazem e, também, as que se manifestam explicitamente. É possível afirmar que todos os interlocutores sabem a diferença de sentido das palavras “pessoa” e cidadão”? Que vozes estão explicitadas e quais estão escondidas no uso dessas expressões? Não saber essa diferença afeta o entendimento desse enunciado? Compreendemos que toda resposta dada a um enunciado é avaliativa, já que todo enunciado – leva em conta um ouvinte, isto é, sua compreensão e resposta [...] sua concordância ou discordância, em outras palavras, a percepção avaliativa do ouvinte (auditório) (Volochínov, 2017, p. 273). Quando respondemos a um enunciado, estamos avaliando, a partir daquilo que compreendemos dele.

Atribuímos os sentidos requer considerarmos que a palavra é carregada de posições valorativas, que nela são reveladas as valorações e ideologias do sujeito em relação ao objeto da enunciação. Reforçamos tal prerrogativa a partir das noções desenvolvidas pelo Círculo (Bakhtin, 2006, p. 36), que confere à palavra um lugar de destaque no estudo das ideologias. Entendemos que toda palavra, falada ou pensada, carrega consigo o ponto de vista de um avaliador que a utiliza em um determinado momento da história. Compreendemos que o uso dos termos “pessoas” e “cidadãos” e o estilo da grafia diferenciando uma da outra, evidenciam via entonação expressiva os tons avaliativos, ou seja, cidadão se difere de pessoa por ser considerado aquele que convive em sociedade, que exerce seus deveres e usufrui de seus direitos civis e

políticos no Estado. No entanto, é pela posse do documento pessoal que o indivíduo tem a condição de cidadão adquirida.

Como já anteriormente discutido neste trabalho, sabemos que todo enunciado é vivo e ativo, sempre influenciado e moldado por relações sociais e de poder, que se constituem, via interação discursiva, daquele que fala - neste caso, sujeitos que representam uma Instituição Pública cuja função é garantir aos cidadãos em situações de vulnerabilidade, direitos de terem acesso à justiça, de forma integral e gratuita, e que ao enunciarem, dialogam com seu interlocutor direto “as pessoas” que não têm ainda a condição de cidadão garantida por não possuírem a documentação pessoal.

Asseveramos que a atribuição dos sentidos ao enunciado, perpassa pelo entendimento das relações sociais que o constitui, pelo aspecto extraverbal e pela situação de interação, ou seja, ser cidadão, ter direito pleno de participação da cidadania na sociedade contemporânea, só é possível quando os indivíduos cumprirem uma exigência, instituída pelo Estado, e assim, poderem provar, por documentos que ele existe socialmente.

O cartaz de campanha, texto motivador da Redação do ENEM/PPL do ano de 2022, tinha como tema “Medidas para o enfrentamento da recorrência da insegurança alimentar no Brasil”. Esta prova foi aplicada para adultos privados de liberdade e jovens sob medida socioeducativa que incluía privação de liberdade, por isso, chamado ENEM/ PPL.

Faremos a análise desse enunciado partindo da ideia daquilo que Volochínov (2019) evidenciou, a entonação determina o sentido, acrescentemos a isso, que a entonação se dá com a seleção e a combinação das palavras e imagens, para mais, acrescentamos ainda que a valoração tem sua realização concreta na entonação.

Ao observarmos as escolhas e o modo como foram tratadas, a combinação entre imagem - do sociólogo Herbert de Souza, conhecido como Betinho, o enunciado verbal “Quem tem fome tem pressa” estabelecemos a “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 47) ou seja, a entonação. “Quem tem fome, tem pressa” é uma das frases mais conhecidas do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, é um dos motes do movimento Pacto contra a Fome, organizado pela economista Geyze Diniz.

Para atribuímos os sentidos para esse enunciado não podemos nos esquecer que por ser a entonação a expressão da valoração, da situação de interação e do

auditório, ou seja, do seu interlocutor que avalia, ao responder ao enunciado, asseveramos que aquele que lê e participa desse ato enunciativo, pode atribuir diferentes significados. Pois avaliarmos socialmente, requer que nossa interpretação seja orientada para fora dos limites do texto, isso posto em palavras, quer dizer que é no extraverbal que encontramos os sentidos e respondemos a esse enunciado.

Expandindo tal argumentação, afirmamos que para compreendermos as relações sociais existentes nesse cartaz de campanha, precisamos buscar no extraverbal quem é o falante, de quem é o rosto estampado no cartaz, qual papel desempenhou, qual sua importância, de quem é a voz enunciada na expressão verbal “quem tem fome tem pressa”. Pois os enunciados se constituem e se reconstituem de formas diversificadas a partir da combinação e da entonação de palavras e imagens, produzindo os sentidos.

O fato de sabermos que a imagem é de uma pessoa que teve um papel preponderante como defensor de reformas estruturais na organização do Estado brasileiro e como um ativista-chave no combate à fome no Brasil, instanciam os sentidos deste enunciado a partir das situações de interação social, no qual ele se insere.

Verificamos, também, que os sentidos são percebidos na formação ideológica proferida, nesse ato enunciativo, pela voz que este sujeito, representado na imagem, instaura. Se consideramos, que o interlocutor, aquele que participa desta enunciação, desconheça de quem é o rosto, no cartaz, atribuirá sentido diferente, talvez limitado. Pois, é na interação intersubjetiva do “eu” aquele que enuncia, o “outro” aquele a quem o eu se dirige e o “eu -para-o-outro”, estabelecem-se os valores-sócio-espaco-temporais (Bakhtin, 2010), as ideologias, os aspectos sociais e culturais de todo enunciado.

Antes de iniciarmos a análise do próximo texto, destacamos que pela primeira vez esse gênero discursivo foi trazido para compor a coletânea de textos motivadores das propostas de redação do ENEM. Analisaremos a capa da revista Pesquisa SAPESP, de janeiro 2021 | ANO 22, N. 299. Esse gênero tem como função destacar a(s) matéria(s) principal (is) da edição de uma revista de maneira persuasiva e/ou informativa.



Figura 12 - Texto 11²⁶

A revista traz na capa o seguinte enunciado "DESAFIOS DO CUIDADO Aumenta o número de pessoas que demandam serviços de assistência, obrigando os países a repensarem seus sistemas de atenção; no Brasil, protagonismo continua familiar" e ao lado a imagem de três pessoas posicionadas de costas. O tema da redação deste ano (2023) foi "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil".

Ao estabelecermos as relações sociais neste texto, partimos do reconhecimento da forma como este enunciado foi constituído, pois as valorações só são percebidas se levadas para fora dos limites linguísticos e, também, na relação entre as materialidades verbal e visual. Ou seja, no extraverbal que esse texto estabelece as relações de sentido. Vejamos: o enunciador ao dizer "Aumenta o número de pessoas que demandam serviços de assistência" o interlocutor se pergunta: quem são essas pessoas? Alguns caminhos para compreender essa afirmação são encontrados na imagem, que apresenta duas mulheres, uma idosa,

²⁶ Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Caderno de Provas 2023.

outra mulher já na fase adulta, e uma criança. Essas são as vozes sociais que participam desse enunciado e suscitam uma discussão ideológica em curso na sociedade, o trabalho de cuidado é desigualmente assumido por mulheres e meninas em situação de pobreza. Pelo aspecto verbal do enunciado, não conseguimos saber quem são essas pessoas que demandam serviços de assistência, no entanto, ao lermos a imagem, encontramos a resposta e respectivamente a avaliação social, ou seja, a valoração, as pessoas que demandam serviços de assistência são as mulheres, em sua maioria, pretas e pobres, e ausência de uma figura masculina revela um aspecto social de constituição familiar majoritariamente, de mulheres e seus filhos, sem a presença paterna. Podemos, ainda, compreender que um aspecto cultural pode ser observado nessa imagem, que os serviços de cuidado recaem sobre as mulheres, as quais são culturalmente consideradas como cuidadoras em potencial. Ou seja, as relações sociais desse texto, são influenciadas pelo extraverbal, pelo acontecimento da/na vida dos sujeitos.

Este enunciado instaura tensões ideológicas ao dizer “obrigando os países a repensar seus sistemas de atenção”, ou seja, o uso da palavra “obrigando” não apenas reflete ideologia, mas também refrata, ou seja, ela é valorada e pode ser compreendida como a convergência entre acentos de valor diversos, entre aqueles que institucionalmente tem o papel de resolver a situação de seus sistemas de atenção e aqueles envolvidos nessa situação, as pessoas que carecem de assistência, os idosos, as crianças e, também, as que exercem o trabalho do cuidado, as mulheres. Bakhtin, ao falar sobre a palavra, afirma

Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. (Bakhtin, 2010, p. 233).

Nesse sentido, dizemos que a palavra enquanto comunicação discursiva é orientada para uma percepção ativa, para discursos anteriores, refletidos e refratados no fluxo discursivo da vida, tanto de quem o produziu quanto para seus interlocutores, que participam de uma discussão ideológica, respondendo, refutando ou confirmando algo. Ou seja, o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entendê-lo até o fim.

Enfim, a análise aponta que o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas que possibilitam compreender os sentidos reverberados, “Porque a nossa própria ideia – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.” (Bakhtin, 2010, p. 298).

Destacamos nessa análise a importância de, na prática leitora, acionar de forma integrada as linguagens verbais e visuais, pois os textos verbo-visuais refletem e refratam valores, crenças, e perspectivas socio-histórico-culturais. Verificamos também que a situação de interação é crucial para a compreensão das valorações, já que os sentidos são moldados pelo contexto específico em que ocorre a interação, afinal eles não são determinados unilateralmente, mas surgem na interação entre as diferentes vozes que participam do plano discursivo.

A integração em nossa análise da perspectiva dialógica da linguagem para compreensão dos elementos verbo-visuais, nos permitiu reconhecer como os valores sociais, culturais e históricos influenciam na produção e atribuição dos sentidos. Pois esta perspectiva de linguagem, ao enfatizar a natureza interativa e social da linguagem, na qual os significados são construídos coletivamente, mobilizou a análise crítica, na qual foi necessário questionar não apenas o que está sendo dito, mas também as intenções, as implicações e o contexto social e cultural do texto.

O letramento crítico nesta análise evidenciou o vínculo entre linguagem, poder, ideologia, e demais questões de ordem política, social e cultural e nos oportunizou a examinar as relações sociais presentes nos diferentes discursos, os tons avaliativos/valorativos, a relação existente entre discursos institucionalizados com as ideologias, visões de mundo, vozes, culturas e valores.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos mobilizou em realizar essa pesquisa foi aprofundar as discussões e conhecimentos acerca da linguagem verbo-visual e, para isso, articulamos tal estudo ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM por considerarmos um evento de letramento importante na vida dos estudantes.

Esse estudo explorou os estudos de linguagem em uma perspectiva dialógica, considerando os processos de leitura de textos verbo-visuais e estudos de letramento crítico. Teve como objetivo geral analisar, em uma perspectiva diacrônica, como a

articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza o letramento crítico e possibilita a produção de sentidos. A partir desse objetivo geral, também verificamos como as relações dialógicas favorecem a produção dos sentidos e de que forma a articulação da linguagem verbo-visual compõe os tons avaliativos/valorativos dos textos motivadores; assim como, analisamos como se organizam as linguagens verbo-visuais nos textos motivadores das redações do ENEM e, por fim, como o letramento crítico pode contribuir para a produção dos sentidos dos textos motivadores da Redação do ENEM.

A linguagem, como um fenômeno vivo e ativo, constantemente moldado e influenciado pelas complexas relações sociais, é como um espelho da sociedade, que reflete as dinâmicas sociais em curso. Nesse sentido, Bakhtin (2010) argumenta que a linguagem está para além de formas linguísticas isoladas, pois é um fenômeno concreto e dinâmico que se intercruza nas diferentes práticas sociais.

As práticas sociais de interação propiciam a modificação e o surgimento de novos termos, assim como alteram as formas como as linguagens se adaptam, se conectam e interagem para produzir sentidos em um texto. Ou seja, à medida que as relações sociais se desenvolvem, a linguagem também evolui e se altera, refletindo as mudanças e transformações culturais e sociais na sociedade.

Nesse sentido, os textos passam a se constituir não apenas de palavras, mas agregam em seu bojo discursivo, as imagens e essa interação entre as linguagens verbal e visual influenciam nos sentidos produzidos no texto.

Atribuir sentidos a um texto verbo-visual, torna-se um processo ativo em que o leitor, para interpretá-lo, precisa considerar o contexto mais amplo das influências culturais, sociais e históricas. Cada texto é situado em um contexto específico, por isso a atribuição dos sentidos requer uma consideração cuidadosa dos fatores que o cercam, como o ambiente cultural, social e político em que foi produzido. Isso, em outras palavras, significa que o texto só adquire sua totalidade em uma interlocução com participantes que vivenciem a mesma cultura, suas regras, suas peculiaridades e que estejam inseridos em uma situação autêntica, única, o que define o estilo do enunciado, o seu “acabamento” (Brait; Mello, 2010).

A ideia de que os sentidos são produzidos em um mundo sempre em construção salienta a natureza fluida e mutável da significação, ou seja, os sentidos não são fixos, mas são influenciados por mudanças nas sociedades e nas dinâmicas sócio-histórico-cultural.

Com base nisso, a realização desta pesquisa nos possibilitou a percepção e o reconhecimento da indissociabilidade das linguagens verbal e visual, isto é, a articulação entre verbo e imagem foram indispensáveis para a produção dos sentidos. Os sentidos foram construídos a partir de pistas encontradas tanto na linguagem verbal quanto na visual. Nessa perspectiva, os modos de organização do texto foram examinados com uma abordagem que considerou tanto o texto verbal quanto o visual em nossa análise, uma vez que ambas as formas contribuem para a organização abrangente do discurso.

No desenvolvimento da análise, as duas categorias propostas neste estudo, a saber, verbo-visualidade e o letramento crítico mostraram-se eficazes na interpretação dos textos motivadores das Redações do ENEM. Tais instrumentos de análise possibilitaram verificar, a partir das relações dialógicas da linguagem, as relações socioculturais, as tensões emergidas na interação intersubjetiva entre os sujeitos participantes da enunciação, o autor, o leitor, o texto e contexto, revelando as diferentes perspectivas e visões de mundo, desses sujeitos. Compreendemos que os sentidos são produzidos no processo de interação mediada, como pontuado por Volóchinov (2017). Ou seja, ocorre em constante fluxo, por meio de discursos proferidos que ressoam em consonância ou dissonância com outros já ditos e não-ditos, (Bakhtin (2010).

Os textos selecionados para compor o corpus da pesquisa nos possibilitaram compreender que se faz necessário mobilizar letramentos críticos, pois para a compreensão dos tons avaliativos/valorativos foi necessário questionar, quem são os sujeitos que participaram da interação discursiva, quais papéis ocupam no momento da interlocução, quais vozes foram representadas e quais foram apagadas; requereu uma introspecção para reconhecermos o que foi e não foi revelado.

Colocar-se criticamente ante ao texto, implicou uma postura ativa em relação à leitura, foi preciso reconhecer a interdependência entre linguagem, poder, ideologia e questões políticas, sociais e culturais; demandou uma atenção ao contexto no qual os discursos, sejam eles dominantes ou não, foram disseminados. Destaca-se, nesse processo de interação, a importância de evitar uma abordagem ingênua, a fim de promover uma análise das dimensões políticas, culturais e sociais da linguagem, pois conforme Cassany e Castellà (2010), argumenta

[...] existem limitações à ideia de que “todas as interpretações são possíveis e igualmente válidas. Sem dúvida são todas respeitáveis se forem respeitadas. Elas também são todas verdadeiras - assumindo que elas realmente existiram em um contexto real particular e determinados e que eram honestos. Mas elas não são todas iguais em grau de significância, coerência ou plausibilidade, há interpretações delirantes e desconectadas do texto e do contexto, que precisam ser melhoradas, e há também outras tortuosas e maliciosas, que devem ser desnudadas. (Cassany e Castellà, 2010, p. 366)

Nesse viés, no caminho percorrido em nossa análise, compreendemos que a produção e atribuição dos sentidos no texto foram influenciadas tanto pelas nossas características individuais quanto pelas expectativas e contextos sociais que cercam o ato de leitura. Pois, conforme Coracini acentua, ler, compreender, interpretar ou produzir sentido é uma questão de ângulo, de percepção, ou de posição enunciativa [...] (Coracini, 2005, p. 25.).

Ao longo da análise dos textos motivadores das propostas de redação do ENEM, foi possível observarmos a relevância das duas perspectivas teóricas distintas, porém complementares: a teoria bakhtiniana e o letramento crítico. Enquanto a abordagem de Bakhtin ofereceu uma compreensão profunda da interação verbal e visual, o letramento crítico forneceu ferramentas conceituais para examinar de forma mais ampla as estruturas de poder, a ideologia e os contextos socioculturais que permeiam os textos.

A análise sob a perspectiva bakhtiniana enfatizou a natureza dialógica e polifônica dos textos motivadores, destacando como diferentes vozes e perspectivas entram em interação, contribuindo para a construção de sentidos complexos. Essa abordagem nos permitiu compreender como as imagens e as palavras presentes nos textos motivadores não são elementos estáticos, mas sim partes de um contínuo processo de significação, influenciado pelas diferentes vozes culturais, sociais e históricas que permeiam o contexto de produção e recepção.

Por outro lado, o letramento crítico foi uma lente analítica que nos permitiu ir além da superfície textual, desvelando as relações de poder e as ideologias subjacentes nos discursos. Nesse sentido, ao examinarmos os textos motivadores do ENEM à luz do letramento crítico, pudemos questionar não apenas o conteúdo explícito dos textos, mas também as estruturas de poder que moldam a produção e disseminação desses textos. Questões de representatividade, hegemonia cultural e inclusão social emergem como elementos-chave para uma análise crítica dos textos motivadores.

Ao cruzarmos as duas perspectivas tornou-se possível uma compreensão mais abrangente da produção de sentido nos textos. A ênfase na interação dialógica entre diferentes vozes, aliada à análise crítica das relações de poder e ideologias subjacentes, ofereceu uma base sólida para entendermos não apenas o que os textos comunicam explicitamente, mas também os processos e contextos que influenciam essa comunicação/interação.

Salientamos o papel do letramento crítico em nossa pesquisa, visto que, ao promover uma abordagem reflexiva, contextualizada e analítica da leitura, ampliamos as possibilidades de atribuição dos sentidos nos textos. Ao interpelarmos os textos com uma postura crítica, questionando as estruturas de poder, foi necessário considerar e analisar várias perspectivas. Isso inclui reconhecer vozes marginalizadas, desconstruir estereótipos e considerar diferentes pontos de vista que podem perpetuar ou desafiar relações de poder existentes na sociedade.

O letramento crítico fomentou o diálogo entre o pesquisador, o texto e o mundo, pois possibilitou a percepção dos não-ditos e dos implícitos nos textos. Reconhecemos em nossa análise, que os discursos participam ativamente na constituição de identidades individuais e coletivas, isso promoveu em nós a sensibilidade para observar o contexto, reconhecendo que as relações de poder e as dinâmicas sociais podem variar dependendo do ambiente cultural, histórico e político.

Enfim, vimos em nossa análise que o texto não existe isoladamente, seus sentidos se revelam em relação a outros ditos, não ditos, em resposta a outros que o antecederam. Cada texto analisado é potencialmente uma resposta a algo anterior e, por sua vez, pode provocar novas respostas. Por essa razão, são fontes inesgotáveis de sentidos, e cabe ao leitor fazer muitas perguntas, no entanto, buscamos, nesses textos posto sob análise, responder como a articulação dos textos verbo-visuais, utilizados como motivadores nas Redações do ENEM, mobiliza os letramentos crítico e possibilita a produção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES Rosângela Hammes. **O conceito de valorção nos estudos do círculo de Bakhtin**: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 14, n.1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: . Acesso em: 13 set. 2023.

ARONOWITZ, Stanley; GIROUX, Henry. A. **Postmodern education: Politics, culture, and social criticism**. University of Minnesota Press, 1991.

BAKHTIN, Mikhail Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21-56.

_____. Discurso no Romance. In: **Questões de Literatura e Estética: A Teoria do Romance**. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002. p. 71-164

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo por Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1979].

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69. [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevict. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALTAR, Marcos A. R. **A morte do professor de Português e o nascimento do agente de letramento: mudança de conteúdos na escola e mudança de currículos na universidade**. In: Figueiredo, Débora et al. (Org.). **Sociedade, Cognição e Linguagem**. 01ed. Florianópolis: INSULAR, 2012, v. , p. 305-316.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARTON, David.; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. In: ZAVALA, V.; NIÑO-MURCIA, M.; AMES, P. (org.). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004. p. 109-139.

BARETTA, Danielle. **Ideologia e livro didático: a polêmica de Nova História Crítica**. Linguasagem (São Paulo) , v. 7, p. vs eletrônica, 2009. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao07/Ensaio_Danielle.php#_ftnref10. Acesso em: 16, set. 2023

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____(Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2. ed. Campinas,

SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.

_____. **Contribuições bakhtinianas para a análise do verbo-visual.** Língua Portuguesa : lusofonia - memória e diversidade cultural. Tradução . São Paulo: EDUC/FAPESP, 2008, p.257-269.

_____. Tramas verbo-visuais da linguagem. In: BRAIT, B. **Literatura e outras linguagens.** São Paulo: Contexto, 2010, p.193-228.

_____; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica.** Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43–66 / Eng. 42, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 3 fev. 2024.

_____.; MELO, Rosineide de. **Enunciado/enunciado concreto/enunciação.** In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2017. cap. 3, p. 61 – 78.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **A Redação do Enem 2023:** cartilha do participante. Brasília, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso 10 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

CASSANY, Daniel; CASSELLÀ, Josep. **Aproximación a la literacidad crítica literacidad.** Perspectiva, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 353–374, 2010. DOI: 10.5007/2175-795X.2010v28n2p353. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p353>. Acesso em: 15 set. 2023.

CARBONIERI, Divanize. Descolonizando o ensino de literaturas de língua inglesa. In: JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize (org.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico:** outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 121-142.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Ficção, comunicação e mídias.** São Paulo: Ed. SENAC, 2002

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa : métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 25 - 47

DENZIN, Norman. K.; LINCON, Yvonna. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

FARACO, Carlos. Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Autor e autoria In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 22ª edição. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Pedagogía de la Tolerancia**. Trad. Mario Morales Castro. México: FCE, CREFAL, 2006. p.336.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 21-39, julho/2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GIDDENS, Anthony.; Beck, U.; IASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da unesp, 1997.

GEE, James Paul. **Social linguistics and literacies**. Ideology in Discourses. 2.ed. London/Philadelphia: The Farmer Press, 1999

_____. **Reading as situated language**: a sociocognitive perspective. Journal of adolescent & adult literacy, Newark Delaware, v.44, n. 8, p. 714-725, 2001.

_____. Simulations and bodies. In: _____. **Situated language and learning**. A critique to traditional schooling. New York/London: Routledge, 2004.

_____. **Descontextualized language**: a problem, not a solution. Madison, 2006. 35 p. Trabalho não publicado.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.) **Situated literacies**. London: Routledge, 2000. p.56-87

HULL, Glynda. (1993). **Critical literacy and beyond**: Lessons learned from students and workers in a vocational program and on the job. *Anthropology and Education Quarterly*, 24, 308-317.

INSTITUTO ALANA. **Publicidade Infantil** - Análise dos projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional. Caderno Legislativo., 2016 Disponível em: https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/caderno_legislativo.pdf. Acesso em 28 de Dez de 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. *Letramentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

_____. **Texto e leitor**. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2004.

LECOMPTE, Margaret Diane., & PREISSLE, Judith. (with Tesch, R.). (1993). **Ethnography and qualitative design in educational research** (2nd ed.). New York: Academic Press.

LANKSHEAR, Colin .; MCLAREN, Peter . (ed.). **Critical literacy: Politics, praxis, and the postmodern**. SUNY Press, 1993.

Ludke M, André MEDA. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas [Internet]. São Paulo: EPU; 1986. Acesso em Jun 23. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf

LUKE, A. Two takes on the critical. In: B. NORTON.; K. TOOHEY. (Ed). **Critical pedagogies and language learning**. New York: Cambridge University Press, 2004.p. 21-29.

LEFFA, Vilson. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: _____; PEREIRA, ARACY. **O ensino de leitura e produção: alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999.

MCLAREN, Peter. (1989). **Life in schools**: An introduction to critical pedagogy in the foundations of education. New York: Longman.

MAXWELL, Joseph Alex. **Designing a qualitative study**. The SAGE handbook of applied social research methods , v. 2, p. 214 - 253, 2008.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research**: a guide to design and implementation . San Francisco: Jossey - Bass/Wiley. 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____ (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.13-44.

MARCUSCHI, L. A. A leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010 http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2704-sisupportarianormativa2&Itemid=30192. Acesso em 05/02/2024

PAYNE, Geoff.; PAYNE, Judy. **Key concepts in social research**. London: Sage Publications, 2004.

PAIVA, V. L. M. de O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROJO, Roxane. **Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos**. In: _____ (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 1992 [2003a].

_____. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003b.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, E. B. **Des-construindo gênero em ciência e tecnologia**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 10, p. 7–20, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/2134>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SILVA, A. E. F. da; CORREDATO, K. P.; VERSA, C. R. **O movimento feminista na pós-modernidade: dificuldades e controvérsias**. Anais da XIII Jornada Científica da UNIVEL, p. 233, Cascavel-PR, out. 2015. Disponível em: <https://www.univel.br/File/jornadacientifica/REVISTA%20JORNADA%20CIENTIFIC A%202015.pdf#page=233> Acesso em 02 out. 2023.

SOUZA, D. S. de. **História, Psicanálise e Sociologia**: notas acerca da dominação masculina. Revista Ágora, [S. l.], n. 16, 2013. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/agora/article/view/5019>>. Acesso em: 10 out. 2023.

SOUSA, A.; MOUTINHO, L. **A produção textual no ensino médio**: algumas reflexões sobre o uso do gênero como prática pedagógica. Revista de Educação, v. 25, n. 3, p. 39-53, 2020. Disponível em: http://www.revistadeeducacao.com.br/files/revista_edu_maiset_2020_39-53.pdf. 3 Acesso em: 18 set. 2023.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação e sociedade, Campinas, v. 23, n.81, p. 143-160, dez. 2002.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercados de Letras, 2009.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I. (Org). **Discurso e práticas de letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012. p. 69-92.

_____. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

_____. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Paper entregue após a Teleconferência Unesco Brasil sobre Letramento e Diversidade, out. 2003. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/abordagens-alternativas-ao-letramento-e-ao-desenvolvimento-pdf-free.html>. Acesso em: 29 jul. 2023.

_____. V. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. Current Issues in **Comparative Education**. Comlumbia: Teachers College, Columbia Univesity, vol. 5 (2), p. 77-91, 2003. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy_Street.pdf > Acesso em: 30 jul. 2023.

TOKARNIA, Mariana. ENEM 2023. **Conheça os temas das redações de edições anteriores**. Rio de Janeiro. 06/10/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-10/enem-2023-conheca-os-temas-das-redacoes-de-edicoes-antiores>. Acesso em 05/02/2024.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Final report for international symposium for literacy**. Persepolis, Iran. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000201034>. Acesso em: 06/02/2024.

VOLOCHÍNOV, Valentin. N. A palavra e suas funções sociais (1930). In:_. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. Organização, Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 189-212.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. . Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. . São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo –1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 266-305.

VIEIRA, M.; MOTTER, R. **A leitura nas aulas de língua inglesa como instrumento de letramento** crítico: uma proposta possível? s/d Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1945-8.pdf>. Acesso em: 05/02/2024.